

2º CICLO  
MUSEOLOGIA

**Centro Interpretativo do FEUPmuseu: contributo para a sua criação e para uma política de exposição.**

Juliana Bittencourt

**M**

2020



Juliana Bittencourt

**Centro Interpretativo do FEUPmuseu: contributo para a sua criação e para uma política de exposição.**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em museologia, orientada pela Professora Doutora Elisa Noronha Nascimento

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020



Juliana Bittencourt

## **Centro Interpretativo do FEUPmuseum: contributo para a sua criação e para uma política de exposição.**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Museologia, orientada pela Professora Doutora Elisa Noronha Nascimento

### **Membros do Júri**

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

*Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos (Freire, 1984).*

## Sumário

Declaração de honra .....	viii
Agradecimentos .....	ix
Resumo .....	x
Abstract.....	xi
Índice de Figuras .....	xii
Índice de Tabelas .....	xiii
Lista de abreviaturas e siglas .....	xiv
Introdução.....	1
1 Enquadramento Teórico .....	5
1.1 Espaços Museológicos nas Universidades Europeias .....	5
1.2 Contextualização dos Museus Universitários Portugueses .....	10
1.3 Panorama Atual dos Espaços Museológicos, Culturais e Científicos da U.Porto.....	11
1.3.1 <i>Museu de História Natural e da Ciência</i> .....	12
1.3.2 <i>Jardim Botânico do Porto</i> .....	13
1.3.3 <i>Galeria da Biodiversidade</i> .....	13
1.3.4 <i>Museu da Faculdade de Belas Artes</i> .....	13
1.3.5 <i>Galeria dos Leões</i> .....	13
1.3.6 <i>Museu de História da Medicina Prof. Maximiano Lemos</i> .....	14
1.3.7 <i>Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina</i> .....	14
1.3.8 <i>Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande</i> .....	14
1.3.9 <i>Casa Museu Abel Salazar</i> .....	14
1.3.10 <i>Museu da Faculdade de Farmácia</i> .....	15
1.3.11 <i>Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura</i> .....	15
1.3.12 <i>Observatório Astronómico Prof. Manuel Barros</i> .....	15
1.3.13 <i>Planetário do Porto</i> .....	16
1.3.14 <i>FEUPmuseum</i> .....	16
1.4 Património Universitário.....	16
1.5 Conflito na Preservação do Património Universitário .....	18
1.6 Centro Interpretativo .....	19
1.6.1 <i>O que o Difere de um Museu?</i> .....	22
1.6.2 <i>Interpretação do Património</i> .....	23
1.6.3 <i>Centros Interpretativos em Museus Universitários</i> .....	23

2	Política de Exposição para o Centro Interpretativo do FEUPmuseum.....	33
2.1	Caracterização do FEUPmuseum .....	33
2.2	Modelo Polinucleado .....	35
2.3	Breve perspetiva histórica da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto .....	41
2.4	Património do FEUPmuseum .....	43
2.5	Diagnóstico.....	45
2.5.1	<i>Análise SWOT</i> .....	48
2.6	Missão, Visão, Valores e Objetivos para o FEUPmuseum.....	55
2.6.1	<i>Missão</i> .....	55
2.6.2	<i>Visão</i> .....	56
2.6.3	<i>Valores</i> .....	56
2.6.4	<i>Objetivos</i> .....	57
2.7	Centro Interpretativo do FEUPmuseum.....	58
2.8	Política de Exposição.....	61
3	Considerações Finais.....	68
	Referências.....	73
	Apêndices.....	82
	Apêndice A - Descrição das Atividades Exercidas no FEUPmuseum.....	82
	Apêndice B - Espaços Museológicos, Culturais e Científicos da Universidade do Porto .....	86
	Apêndice C - Investigadora Juliana Bittencourt entrevista Suana Medina via Skype com gravação do áudio no telemóvel .....	90
	Anexo .....	144
	Anexo A - Nacional Gallery of Australia .....	144
	Anexo B - Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo .....	154

### **Declaração de honra**

Declaro que o presente projeto é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito acadêmico.

Porto, 19 Outubro de 2020

Juliana Bittencourt

## **Agradecimentos**

As minhas palavras de agradecimento vão em primeiro lugar para a minha família, à minha mãe, pai e irmão, que tanto me apoiaram durante esta incrível jornada, sem eles nada disso seria possível. À minha orientadora Elisa Noronha, pelo imenso suporte, paciência e dedicação. À Susana Medina que muito mais que uma supervisora de estágio, o qual proporcionou atividades no âmbito museológico que se tornaram de extrema importância a minha formação, também me acolheu com grande carinho e incentivo, tornando-se uma grande amiga! À equipa da Unidade de Museu, Sónia Alexandra Soares Braga e José Fernando Fangueiro Ponte um imenso obrigada pela paciência e disponibilidade. À Maria Albertina das Dores Faria Mota, Maria Adelaide Gil Sarmiento Castro Pontes e Nuno Emanuel Paiva de Andrade que me colheram em sua sala, sempre com muita simpatia e zelo. À Marta Lourenço e Natália Rocha, que contribuíram para o meu amadurecimento de conceitos e diferentes perspetivas dos museus universitários. As professoras Alice Duarte e Paula Menino Homem, um imenso obrigada. Aos meus incríveis amigos, Luiza Josuá, Elizabete Rossi, Guilherme Braga, Louise Palma, Thalita Sbragio, Daniela Maria Ribeiro e Gabriel Campista, fundamentais para tornar essa jornada mais leve e cheio de amor. Aos meus amigos que estão tão longe, mas se fazem sempre presente, Camila Rameck, Maria Emyllia e Rachel Freire. E por fim, ao Tempo, “Compositor de destinos / Tambor de todos os ritmos/ Tempo, Tempo, Tempo, Tempo/ Entro num acordo contigo/ Tempo, Tempo, Tempo, Tempo” (Veloso, 1979, 3m45s).

## Resumo

Entre os museus pertencentes à Universidade do Porto está o Museu da Faculdade de Engenharia (FEUPmuseum). Entendido como um projeto em construção desde 2004, e apresentando-se como uma unidade dos Serviços de Documentação e Informação da Faculdade, o FEUPmuseum tem como objetivos preservar, documentar, interpretar e divulgar os testemunhos representativos da história, memória e identidade da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (Medina, 2010 e 2014). Atualmente, o FEUPmuseum está a reunir recursos para poder se classificar como uma coleção visitável. E neste sentido, uma das frentes de trabalho em desenvolvimento é a criação de um centro interpretativo que terá como objetivo expor e interpretar as dimensões materiais e imateriais do património da FEUP para um público mais abrangente.

O presente trabalho apresenta como seu objetivo principal contribuir para a criação do novo Centro Interpretativo do FEUPmuseum a partir da definição de uma política de exposição para este espaço. Para tanto, parte de uma investigação de natureza teórica e empírica, assente numa estratégia metodológica híbrida. O enquadramento teórico foi construído a partir da revisão da literatura sobre museus universitários e centros interpretativos, combinado a recolha de dados por meio de pesquisa bibliográfica e documental. O enquadramento empírico, por sua vez, através da realização de uma série de atividades executadas no FEUPmuseum, no âmbito de um estágio acolhido pela FEUP. Desenvolve-se ainda um conjunto de elementos que fundamentam a política de exposição proposta para o futuro Centro Interpretativo do FEUPmuseum – caracterização da instituição, diagnóstico, missão valores e objetivos, e confronto entre o enquadramento teórico e a realidade do FEUPmuseum –, utilizando para este fim uma ampla variedade de métodos de recolhas de dados – pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, anotações pessoais e entrevista – e a ferramenta de análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats).

De uma maneira mais abrangente, este trabalho configurou-se como uma oportunidade para contribuir para que o FEUPmuseum cumpra com o seu objetivo de ser percebido como um espaço responsável pela salvaguarda da memória e do património da FEUP, mas também como um espaço político, educacional e de reflexão

**Palavras-chave:** museu universitário, centro interpretativo, FEUPmuseum, política de exposição, patrimonio univeristário

## Abstract

Among the many museums of the University of Porto lies the Museum of the Faculty of Engineering (FEUPmuseum). A project under construction since 2004 and a part of the Faculty's Documents and Information Service, FEUPmuseum's objectives are to preserve, document, interpret and divulge the material and immaterial heritage that is representative of the history, memory and identity of the Faculty of Engineering of the University of Porto (Medina, 2010 e 2014). Currently, the FEUPmuseum is gathering resources to be able to qualify as a visitable collection. In this sense, one of the lines of work in progress is the creation of a heritage center that will aim to exhibit and interpret the material and immaterial dimensions of FEUP's heritage to a wider audience.

This work's main objective is to contribute for the creation of the new Heritage Center in FEUPmuseum through the development of an exhibit policy for this space. As such, it derives from theoretical and empirical research, based on a hybrid methodological strategy. The theoretic framework was constructed from the literature review about university museums and heritage centers, combined with data collection through bibliographic and documental research. The empirical framework, on the other hand, was established through a series of activities performed within the FEUPmuseum, under an internship program hosted by FEUP. Furthermore, this work develops a series of elements that supports the exhibit policy proposed for the future Heritage Center of FEUPmuseum (i.e. characterization of the institution, diagnosis, mission, values and objectives, and comparison between the theoretical framework and the reality of FEUPmuseum). To this end, it utilizes a wide range of data collection methods – bibliographic and documental research, personal observations, and interview – and the SWOT analysis tool (strengths, weaknesses, opportunities, and threats).

In a broader sense, this work has been an opportunity to contribute for the fulfillment of FEUPmuseum's objective of being perceived as a space responsible for safeguarding FEUP's memory and heritage, as well as a political, educational and reflection space.

**Key-words:** university museums, heritage center, FEUPmuseum, exhibitions policy, university heritage

## Índice de Figuras

Figura 1: Espaço expositivo no Hit the Bricks!.....	25
Figura 2: Exposição Space Exploration Gallery.....	26
Figura 3: Timeline Exhibition.....	27
Figura 4: The Arches and The Newarke.....	28
Figura 5: Exposição Ajattelun voimaa.....	29
Figura 6: Exibição Agnes Sjöberg & Walter Ehrström.....	29
Figura 7: Espaço expositivo do Academic Heritage.....	31
Figura 8: Espaço expositivo do “Altana Galerie.....	32
Figura 9: Coleção museológica em exposição na FEUP 1.....	37
Figura 10: Coleção museológica exposta na FEUP 2 .....	38
Figura 11: Coleção museológica em Reserva.....	39
Figura 12: Espaço Polivalente na Biblioteca.....	39
Figura 13: Coleção Museológica Exposta Na Feup 3.....	44
Figura 14: Campus da Faculdade de Engenharia com os núcleos museológicos assinalados....	46
Figura 15: Coleção Museológica Exposta Na Feup 4.....	47
Figura 16: Planta do piso 0 da Biblioteca.....	58

## Índice de Tabelas

Tabela 1 : Os Seis Princípios da interpretação Patrimonial de Freeman Tilden (1957).....	20
Tabela 2: Análise SWOT do FEUPmuseu .....	49

### **Lista de abreviaturas e siglas**

AAMG	Association of Academic Museums e Galleries
CDUA	Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura
FEUP	Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
FEUPmuseu	Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
GLAM	Gallery, Library, Archive and Museum
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	International Council of Museums
MHNC-UP	Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto
NASA	National Aeronautics and Space Administration
RPM	Rede Portuguesa de Museus
RPM	Rede Portuguesa de Museus
SDI	Serviços de Documentação e Informação
SWOT	Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats
U.Porto	Universidade do Porto
UMAC	International Committee for University Museums and Collections
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

## Introdução

Museus universitários são instituições comprometidas com a salvaguarda dos testemunhos tangíveis e intangíveis da atividade humana relacionados ao ensino superior. Representam a comunidade académica, os seus valores e realizações, a sua função social e cultural, bem como os seus modos de transmissão de conhecimento e capacidade de inovação (Council of Europe, 2005). Fundamentados em três pilares, ou orientados por três propósitos – ensino, investigação e exposição pública do seu acervo –, os museus universitários são, porém, mais do que agentes na preservação de uma memória coletiva institucional e mais do que meros intérpretes das suas coleções; assim como museus de outras tipologias, são lugares que potencialmente contribuem para a construção da cidadania, de modo a promover o diálogo e a discussão sobre as problemáticas contemporâneas (Delicado, 2004; Santos, 1994; Semedo, 2005). Neste sentido, os museus universitários cumprem com as mesmas funções dos demais museus – adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exibir<sup>1</sup> –, contudo, os seus objetivos e necessidades estão unidos aos valores da sua universidade, desempenhando modelos estruturais diferentes dos museus de outras tipologias (Lourenço, 2005).

Alinhado como estes pressupostos, o FEUPmuseu tem como objetivo preservar, documentar, interpretar e divulgar os testemunhos materiais e imateriais representativos da história, memória e identidade da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) e da sua comunidade (Medina, 2014). Caracterizado como um museu polinucleado, o FEUPmuseu procura ainda promover a produção científica da comunidade FEUP de modo a inspirar e incentivar os seus visitantes. Assumindo um papel de mediador do património da faculdade em questão, o Museu busca desenvolver um trabalho colaborativo, participativo e experimental propondo em suas atividades uma reflexão crítica contemporânea da Engenharia<sup>2</sup>.

Atualmente, o FEUPmuseu está a reunir recursos para poder se classificar como uma coleção visitável. Neste sentido, uma das frentes de trabalho em desenvolvimento é a criação de um novo espaço, um centro interpretativo que terá como objetivo expor e interpretar as dimensões materiais e imateriais do património da FEUP para um público mais abrangente. O presente trabalho constitui-se como um contributo para a concretização deste novo espaço e apresenta como um dos seus principais resultados o desenvolvimento de uma política de exposição para o futuro Centro

---

<sup>1</sup> De acordo com a atual definição de museu do *International Council of Museums* (ICOM). Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition>

<sup>2</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

Interpretativo do FEUPmuseum. Logo, a pergunta que o motiva é: Quais são as orientações necessárias para a construção de uma política de exposição para um centro interpretativo de um museu universitário e quais seriam as boas práticas a serem desempenhadas nesse espaço?

Sendo assim o objetivo principal deste trabalho é contribuir para a criação do novo Centro Interpretativo do FEUPmuseum a partir da definição de uma política de exposição para este espaço. Define-se ainda como objetivos específicos:

- identificar os atributos e características dos museus universitários através de uma reflexão que permita construir um enquadramento histórico e teórico que fundamente um maior entendimento sobre o FEUPmuseum;
- estudar os conceitos envolvidos na criação e desenvolvimento dos centros interpretativos para alcançar uma maior compreensão sobre a sua função e fundamentar o seu enquadramento numa instituição museológica universitária;
- identificar centros interpretativos em universidades refletindo sobre as suas potencialidades e atuação nos âmbitos de exposição/comunicação/divulgação do património universitário;
- desenvolver um diagnóstico do FEUPmuseum para conhecer as suas particularidades como museu universitário de modo a contribuir e fundamentar a proposta de uma política expositiva;
- desenvolver missão, visão, valor e objetivos para o FEUPmuseum para contribuir com a conceção do FEUPmuseum e orientar o desenvolvimento da política expositiva e do regulamento interno do FEUPmuseum;
- desenvolver uma política de exposição para o novo centro interpretativo do FEUPmuseum que vise orientar a construção das exposições neste novo espaço e valorizar o património da FEUP;

Para o cumprimento dos objetivos enunciados, desenvolveu-se uma investigação de natureza teórica e empírica, assente numa estratégia metodológica híbrida. O enquadramento teórico foi construído a partir da revisão da literatura sobre museus universitários e centros interpretativos, combinado a recolha de dados por meio de pesquisa bibliográfica e documental. Para o desenvolvimento do diagnóstico do FEUPmuseum, dos contributos para o seu regulamento – missão, visão, valores, objetivos –, e da política expositiva do futuro Centro Interpretativo foram empregados uma ampla variedade de métodos de recolhas de dados – pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, anotações pessoais e entrevista – e a ferramenta de análise SWOT (Strengths,

Weaknesses, Opportunities, Threats). Entre a bibliografia consultada para estes fins, destaca-se aqui “Subsídios para a elaboração de planos museológicos” do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2016). Para a concepção da política de exposição destaca-se ainda “Exhibitions Policy – Nacional Gallery of Australia” (2017)<sup>3</sup> e “Política de exposições – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo” (2014)<sup>4</sup>.

O enquadramento empírico desenvolveu-se através da realização de atividades executadas no FEUPmuseum, no âmbito de um estágio acolhido pela FEUP. Nota-se que este estágio teria a duração de quatrocentas horas. Contudo, a pandemia instalada pelo COVID-19 impossibilitou a sua completude, sendo apenas desenvolvido 226 horas e 10 minutos. Além disso, tendo o distanciamento social como o novo paradigma, o cenário atual tornou o desenvolvimento do presente trabalho mais complexo, de modo a influenciar na recolha dos materiais, execução de atividades, definição dos objetivos e as metodologias empregadas –entretanto não interferiu no cumprimento dos seus objetivos.

Apesar dos constrangimentos sofridos, as atividades realizadas no FEUPmuseum<sup>5</sup> foram essenciais para a concepção e desenvolvimento deste trabalho. Permitiram uma maior compreensão sobre como o FEUPmuseum se manifesta como mediador das atividades científicas produzidas na FEUP, sobre o relacionamento que possui com a sua comunidade, o modelo executado como serviço da Faculdade, e as dinâmicas estabelecidas em torno das coleções de ensino e investigação que gere.

As atividades presenciais possibilitaram ainda não apenas uma vivência, mas compreender como a comunidade FEUP é grande influenciadora das atividades desempenhadas pela FEUPmuseum. Durante esta experiência, pode-se perceber que a bibliografia consultada, relacionada ao museu em questão não respondia com a magnitude de atividades, processos e estrutura desempenhadas pela Unidade de Museu<sup>6</sup>. Foi também no âmbito deste enquadramento empírico que se realizou uma entrevista com Susana Medina, técnica superior, de modo a recolher informações que não encontradas nas fontes consultadas<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> Veja-se o anexo A.

<sup>4</sup> Veja-se o anexo B.

<sup>5</sup> Veja-se o apêndice A.

<sup>6</sup> Conforme esclarecido no Capítulo 2.1, o FEUPmuseum configura-se como uma unidade dos Serviços de Documentação e Informação da FEUP.

<sup>7</sup> Veja-se o apêndice C

Este documento está dividido em quatro partes. Na “Introdução”, define-se o objeto de estudo, objetivos e metodologia do trabalho. No “Enquadramento Teórico”, discute-se sobre os museus universitários no âmbito Europeu – centrando-se numa reflexão sobre os espaços museológicos nas universidades europeias – o património universitário, e sobre os centros interpretativos como uma solução expositiva para o património universitário, explorando as suas principais características e potencialidades como a identificação/interpretação do património com/no território; e a sua vertente educativa, assente num processo de construção de conhecimento que estabelece identificação e participação da sua comunidade (Izquierdo, Tresserras e Matamala, 2005; Tilden, 1957). Marta Lourenço (2005), Patrick J. Boylan (2003), Freeman Tilden (1957), *University Museums and Collections Journal (UMACJ, 2003)*; *Museums and intangible cultural heritage. Towards a third space in the heritage sector (2020)*; *Heritage Interpretation Centres: The Hicira Handbook (2005)*; *Centros Interpretativos: Técnicas, Espaços, Conceitos e Discursos (2019)*, foram os principais autores e publicações adotadas para a construção deste enquadramento.

Já Na “Política De Exposição para o Centro Interpretativo No Feupmuseum”, apresentam-se os elementos que fundamentam a política de exposição do futuro Centro Interpretativo do FEUPmuseum – caracterização da instituição, diagnóstico, missão valores e objetivos, e confronto entre o enquadramento teórico e a realidade do FEUPmuseum –; apresenta-se ainda a própria política expositiva. Na “Conclusão”, apresentam-se as considerações finais sobre o trabalho, assinalando caminhos investigativos futuros que poderão ser seguidos a partir das questões e discussões que aqui se fizeram presentes.

Por fim, sublinha-se que o FEUPmuseum é um projeto em construção. Portanto, este trabalho configurou-se como uma oportunidade para contribuir para que este museu universitário cumpra com o seu objetivo de ser percebido como um espaço responsável pela salvaguarda da memória e do património da FEUP, mas também como um espaço político, educacional e de reflexão.

## 1 Enquadramento Teórico

### 1.1 Espaços Museológicos nas Universidades Europeias

As Universidades Europeias foram as primeiras a formalizar em seu âmbito académico o museu universitário. No entanto, o uso de coleções para o ensino e investigação não foi uma dinâmica introduzida pelo ensino académico. Há relatos do uso de objetos como livros, instrumentos, natureza morta e obras de arte como recursos pedagógicos para o ensino no período Clássico (Boylan, 2003).

Simpson (2014) argumenta que o museu universitário nasce quando a universidade se organiza para formalizar um espaço destinado a exibição da sua coleção. Contudo, Lourenço (2005) explica que as coleções universitárias foram constituídas independentemente da formalização de um espaço expositivo. Os primeiros registos da construção de coleções em universidades europeias ocorreram no final do século XVI. A princípio, as universidades colecionavam objetos, documentos e artefatos para fins de ensino e investigação.

Durante a revisão da literatura para o desenvolvimento desta reflexão foi perceptível as diferentes tipologias referentes aos espaços nos quais as coleções de ensino e investigação eram guardadas. Lourenço (2005) afirma que as coleções eram guardadas em laboratórios e salas de aula. O seu acondicionamento ocorria de modo a facilitar a estrutura da aula ou da prática laboratorial, uma vez que os objetos que compunham as coleções eram usados nestes contextos para, por exemplo, exemplificar um fenómeno, o que tornava as aulas menos abstratas. Logo, a responsabilidade sobre tais objetos era de um professor ou do departamento académico (Clercq & Lourenço, 2003). Entretanto, Boylan (2003) argumenta que eram guardadas nas bibliotecas ou em espaços informalmente chamados de “museu”. Gil (2005) denomina esses espaços como “gabinete de curiosidades”. Por vezes, esses espaços possuíam uma biblioteca e laboratório exclusivos para auxiliar a investigação e o ensino acerca das coleções ali guardadas. Porém, só ao fim do século XVII há registos de um espaço destinado à exposição de coleções abertas ao público (Lourenço, 2005).

Esta diversidade de tipologias de espaços está relacionada com a composição institucional de cada universidade e a atribuição das responsabilidades sobre a sua coleção. Contudo, a existência de um espaço exclusivo para a salvaguarda da mesma, como o “gabinete de curiosidades” colocado por Gil (2005), pressupõe o envolvimento de outros agentes que possuem acesso e são responsáveis pelos mesmos. A criação de um museu requer comprometimento, investimento e mobilização da universidade, como por exemplo, a contratação de pessoas capacitadas para salvaguardar e gerenciar

o acervo no âmbito museológico (Lourenço, 2005). Macgregor (2003, referido em Lourenço, 2005) explica que até o século XVI era inconcebível a construção de um espaço como o museu nas universidades, devido a falta de percepção desse espaço em relação às suas obrigações e responsabilidades<sup>8</sup>.

O primeiro museu universitário a ser institucionalizado, isto é, formalmente descrito em documentos da universidade, foi o *Ashmolean Museum* (1683) na Universidade *Oxford* no Reino Unido, e que é entendido como uma quebra de paradigma no conceito de museu universitário (Lourenço, 2005). Mais que um gabinete de curiosidades, o *Ashmolean Museum* representava um recurso de exploração ao conhecimento imprescindível para “vida humana, saúde e bem-estar” (MacGregor, p.127, 2001). Boylan (2003) afirma que *Ashmolean Museum* era considerado um museu universitário à frente do seu tempo, um espaço que comportava as coleções em exibição para o público associado a fins de estudo e investigação.

O *Ashmolean Museum* foi o primeiro a integrar a sua missão como museu universitário o ensino, a investigação e a exibição pública do seu acervo. Neste sentido, passou a propor uma narrativa histórica e linear com a coleção, de modo a atender à comunidade universitária, característica esta que o distinguia dos demais museus universitários da época. Portanto, a coleção deixa de ser responsabilidade dos departamentos acadêmicos e o Museu passa a se responsabilizar pela salvaguarda dos objetos (Clercq & Lourenço, 2003). Sua estrutura era composta por salas para aulas, exibição e estudo, assim como, laboratórios e uma biblioteca. Um modelo compreendido como referência entre os museus universitários (Lourenço, 2005). Aos poucos as demais Universidades Europeias começaram a copiar este modelo (Boylan, 2003).

No século XIX, os museus universitários passaram a ganhar importância no âmbito acadêmico. A consolidação da investigação nas universidades e o desenvolvimento de diferentes áreas da ciência influenciaram no amadurecimento de novas investigações com o acervo universitário pertencente aos respectivos museus. Em consequência, o número de publicações e doutoramentos relativos a estas coleções aumentaram consideravelmente (Lourenço, 2005).

---

<sup>8</sup> Deve-se ressaltar que as tipologias de espaços citados acima ainda existem em diversas universidades, por isso, não é um modelo exclusivo do século XVI, e sim, da composição institucional de cada instituição.

Em contrapartida, no século XX, os museus universitários foram marcados por dois grandes desafios. O primeiro, a coleta excessiva de objetos obsoletos para ensino e investigação, e de objetos representativos da história das instituições que anos mais tarde foram incorporados ou formaram coleções universitárias. Em segundo, mais precisamente a partir dos anos 1980 e o início dos anos 2000, por uma “tripla crise” – de identidade, reconhecimento e recursos – decorrente da crise pela qual passavam também as universidades (Lourenço, 2005).

Uma das principais características das universidades é a agilidade no desenvolvimento de inovações científicas e tecnológicas. Na década 1960, o acúmulo de objetos relacionados com tais inovações – máquinas, protótipos, réplicas, etc. – deu origem principalmente a dois tipos de coleções: a coleção histórica de ensino e investigação e a coleção histórica da universidade. A coleção histórica de ensino e investigação é constituída por objetos que não são mais relevantes para o seu propósito original ou que são considerados obsoletos para o ensino e investigação. Uma vez que não cumprem mais a sua função original, os objetos podem passar a cumprir um novo papel dentro da universidade. O valor histórico na construção do ensino, da investigação na universidade e da história acadêmica passa a ser a principal característica atribuída a estes objetos. Já a coleção histórica da universidade é diversa, composta por biografias, documentos, quadros, esculturas, entre outros. Sua característica central é estar associada à representação da cultura institucional de uma determinada universidade.

Nota-se, entretanto, que em razão da coleta excessiva do património os museus universitários passaram a atrair um público mais amplo devido a composição de uma coleção histórica e diversa, ao mesmo tempo em que não possuíam uma estrutura interna para acomodar as coleções e nem possuíam uma equipe com as competências técnicas necessárias para gerenciá-las, mesmo com a valorização do museu universitário como fonte de produção científica. Entretanto, muitos foram criados nesse período a partir de datas comemorativas e passaram a comportar as coleções históricas (Lourenço, 2005).

A tripla crise pelo qual os museus universitários passaram estava relacionada com a profunda reformulação que sofreram a partir década de 1980, assim como os museus de outras tipologias (Lourenço & Gessnes, 2012). Esta mudança está associada à construção de uma nova narrativa que aproxima a exposição ao público, influenciando diretamente em novas formas de exibição. Houve um crescimento na quantidade de museus (em geral) e incentivos fiscais no setor cultural durante este período, sobretudo na Europa (Lourenço & Dias, 2017). A competição nesse setor resultou na profissionalização daqueles que trabalham nesse segmento. À medida que foi desenvolvendo a

profissionalização no museu, foram surgindo leis que protegiam a instituição, seus funcionários e o património (Boylor, 2006).

A tripla crise também estava relacionada à competição e crescimento do seguimento do ensino superior. Nesse momento, as universidades competiam com as novas instituições de ensino superior que surgiam, e por sua vez, os museus universitários com os novos museus que estavam sendo criados. Algumas universidades perceberam que seu património histórico era um diferencial em relação às novas instituições. Dessa forma, as universidades passaram a trabalhar em conjunto com os seus museus de modo a promover o legado institucional da universidade, com a finalidade de captar novos alunos e engajar a comunidade universitária. Contudo, essa reestruturação só foi possível com a contratação de funcionários com competências para desempenhar as funções próprias do museu. Logo, a profissionalização que o setor museal passava neste período influenciou as universidades que se propunham a acompanhar as mudanças que a sociedade vivenciava. Nota-se, no entanto, que esta estratégia em utilizar os museus universitários como um diferencial no seguimento do ensino superior não surgiu neste período. Chamada “museu como vitrine”, há literatura dessa estratégia desde a década de 1950 (Lourenço, 2005).

Em função desta tripla crise e somada à vontade de cumprir a exibição pública da coleção, surgiram diferentes modelos de museus universitários. Alguns com mais recursos financeiros a ponto de se aproximar dos museus que estavam fora do âmbito universitário, com um espaço próprio desassociado aos departamentos, com uma porta aberta ao público diverso. Outros, optaram por expor as suas coleções em gabinetes, corredores, onde muitas vezes cumpriam a função como objetos de decoração, sem uma construção de narrativa (Lourenço, 2005).

Além disso, a tripla crise também influenciou o desenvolvimento de um outro pilar dos museus universitários, a investigação. Contudo, por estes museus serem muitas vezes dependentes das iniciativas voluntárias de professores, investigadores e do apoio das universidades, houve pouco desenvolvimento de investigações neste período. Isto porque a redução de financiamentos, falta de projeção de carreira dos funcionários= devido a má gestão contribuíram para a estagnação do ensino e investigação nas universidades e, conseqüentemente, nos museus universitários (Lourenço, 2005).

Paradoxalmente, esta estagnação movimentou alguns investigadores. No final da década de 1990 e início da década de 2000 investigadores sentiram a necessidade em promover acesso e debate sobre o património universitário. Investigadores de diferentes países se uniram na colaboração de novos

debates, workshops, fóruns, seminários, investigações, colóquios e projetos (Lourenço, 2005). Em 2000 foi criado o *International Committee for University Museums and Collections* (UMAC)<sup>9</sup> associado ao *International Council of Museums* (ICOM) (Boylan, 2003). O UMAC possui como um dos principais objetivos promover a investigação e divulgação sobre museus, coleções e património no âmbito universitário, e possui uma das principais revistas académicas com acesso livre sobre o assunto. No mesmo período, foi criado *The Universeum Network*<sup>10</sup>, financiado pela Comissão Europeia, através de um programa chamado *Culture 2000 programme*,<sup>11</sup> que visa criar uma rede entre as principais Universidades Europeias para partilhar experiências e investigação académica com o objetivo de preservar o património universitário. Foi desenvolvido um *website* onde se encontra o acervo online dos museus que compõem essa rede. Essa ação foi realizada com o objetivo de divulgar o património universitário, viabilizando o seu acesso e aproximando-o aos investigadores (Lourenço, 2005).

Já no século XXI, o ensino universitário passou por uma reestruturação. A mudança ocorreu na definição das prioridades financeiras das universidades europeias e na adoção de novas estratégias de modo a obter uma melhoria de seus recursos, principalmente o financeiro. A busca pela expansão do número de estudantes fez com que as universidades priorizassem outros segmentos da instituição para além do ensino, o que afetou de maneira negativa e direta os recursos financeiros e humanos dos museus universitários (Simpson, 2014). A falta de recursos fez com que os museus universitários repensassem a sua estrutura e missão. Muitos compreenderam a necessidade de se reinventar para conseguir manter viva a sua coleção e missão. Outros tiveram as suas coleções negligenciadas ou foram em busca de novas parcerias para continuarem desempenhando o seu papel como museus universitários (MacDonald, 2003).

A relação dos museus com suas respetivas universidades é bastante complexa. Há conflito de interesses associados às coleções e aos recursos disponibilizados para os museus desempenharem as suas funções. Entretanto, o que os une é a busca e transmissão do conhecimento (Lourenço, 2005). A construção das coleções universitárias é um reflexo dos programas de ensino e investigação de cada universidade (Taub, 2003). Neste sentido, cada museu universitário e suas coleções são únicas, uma vez que são o reflexo das atividades desempenhadas pela universidade e visam atender à comunidade

---

<sup>9</sup> Website da UMAC. (SD). *International Council of Museums Committee for University Museums and Collections*. Disponível em <http://umac.icom.museum/>

<sup>10</sup> Website do Universeum-Network. *European Academic Heritage Network*. Disponível em <https://www.universeum-network.eu/>

<sup>11</sup> Financiamento cedido pela União Europeia para projetos com objetivo de preservar e valorizar o património cultural europeu.

académica (Kozak, 2007). A literatura aponta que os museus universitários sofrem influência direta dos âmbitos socioeconómicos e científicos. Portanto, a tendência é que os museus universitários passem por reestruturações, seja em seu modelo organizacional, no desenvolvimento de uma exposição ou até mesmo na relevância de uma coleção.

Conclui-se que as estratégias de gestão de um museu universitário são fundamentais para a sua sobrevivência. Quando a instituição direciona os seus recursos financeiros e humanos de maneira otimizada e focada nos pontos carentes, possivelmente o museu universitário terá espaço e incentivos à produção académica para o desenvolvimento de estudos e pesquisa a partir do acervo que possui (Lourenço & Gessner, 2012).

## **1.2 Contextualização dos Museus Universitários Portugueses**

No final do século XVIII e início do século XX, os museus das universidades portuguesas eram pequenos, organizados por departamento e com acesso limitado ao público. Os fatores que influenciaram o desenvolvimento dos museus e coleções nas instituições académicas estavam associados às atividades de ensino e investigação de modo a complementar de forma pedagógica as aulas. Diferentemente do que acontece, por exemplo, no Reino Unido, onde a ação de particulares configura-se como um grande incentivo para a criação e manutenção de museus – como foi o caso do *Ashmolean Museum* –, em Portugal, ao longo do anos, é o Estado que se torna o principal gestor da cultura nacional, contribuindo para a memória coletiva e identitária de uma nação (Lourenço & Dias, 2017).

O desenvolvimento do panorama museológico português está intimamente ligado aos contextos políticos, históricos e sociais, assim como em qualquer outro país. Portugal passou por todo o século XX sem guerras em seu território, todavia, o processo de modernização veio apenas com a instauração da democracia em 1974, momento a partir do qual promoveram-se diversos incentivos socioculturais e o país atingiu o caráter global característico do século atual (Camacho, 2010). Durante esse período, as instituições académicas, como os laboratórios, estiveram encapsuladas, isto é, estiveram paradas no tempo e passaram por poucas modificações (Lourenço & Dias, 2017).

Ao ingressar na União Europeia em 1985, Portugal passou a reconhecer a importância da preservação do património científico para o desenvolvimento da produção académica. Logo, o Estado Português começou a contribuir ativamente com a comunidade científica por meio de iniciativas económicas e políticas (Lourenço & Dias, 2017). O cenário museológico português sofreu várias

mudanças ao fim da década de 1980: a valorização do património cultural motivou a criação de museus municipais; a nova museologia influenciou a compreensão da multidisciplinaridade e a construção da narrativa expositiva, o que refletiu numa linguagem próxima ao público somado à intenção em provocar questionamentos (Lourenço, 2005). Segundo Camacho (2010), outros pontos que influenciaram este período foram a criação da Rede Portuguesa de Museus (RPM)<sup>12</sup>, constituída no ano 2000, com o objetivo de ser “um instrumento essencial na execução da política museológica nacional e na qualificação dos museus portugueses” (RPM, sd); e a Lei Quadro dos Museus Portugueses, constituída em 2004, com o objetivo de regular a atuação dos museus em Portugal, bem como de todos que atuam na área. Todas estas mudanças influenciaram também o modo como os museus universitários portugueses se apresentam à sociedade.

### **1.3 Panorama Atual dos Espaços Museológicos, Culturais e Científicos da U.Porto**

Os museus universitários ultrapassam as fronteiras das universidades, possuem um relacionamento com as cidades e influenciam a sociedade na qual estão inseridos<sup>13</sup>. Museus universitários desenvolvem atividades abertas à comunidade e ao segmento turístico, contribuindo para o setor cultural. Cada museu universitário, por sua vez, possui particularidades em função da sua composição organizacional, cultural e temática (Kozak, 2007). De modo a ilustrar estas particularidades, o presente trabalho apresenta o panorama atual dos museus, coleções abertas e outros espaços de divulgação cultural e científica pertencentes à Universidade do Porto.

Segundo o *website* da Universidade do Porto (Museus da U.PORTO, 2018)<sup>14</sup>, a Instituição conta com oito espaços museológicos: o Museu de História Natural e da Ciência, o Museu da Faculdade de Belas Artes, o Museu de História da Medicina Prof. Maximiano Lemos, o Museu do Instituto de Anatomia Prof. J.A. Pires de Lima, o Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande, o FEUPmuseu, o Museu da Faculdade de Farmácia, e a Casa Museu Abel Salazar. Conta ainda com outros quatro espaços caracterizados como “espaços de divulgação cultural e científica” (Museus da U.PORTO, 2018): o

---

<sup>12</sup> “Um sistema organizado de museus, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus” Património Cultural: Direção-Geral do Património Cultural. sd. *Rede Portuguesa de Museus*. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa>.

<sup>13</sup> Segundo Simpson (2014), a identidade que cada universidade possui está alinhada à história e ao desenvolvimento de suas respectivas cidades e regiões.

<sup>14</sup> *Website* da Universidade do Porto. *Museus da U.PORTO* (2018). Disponível em: [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=museus-da-universidade](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=museus-da-universidade)

Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura, o Observatório Astronómico Prof. Manuel Barros, o Jardim Botânico do Porto e o Planetário do Porto; somando um total de doze espaços<sup>15</sup>.

Os museus da Universidade do Porto possuem uma variedade bastante diversa em termos de tipologias de coleção. Alguns com atividades voltadas prioritariamente a sua comunidade académica, outros, abertos ao público em geral. Entretanto, sob um olhar amplo, as coleções caracterizam-se como coleções históricas de ensino e investigação e coleções históricas. Independente da classificação das coleções e suas áreas científicas, são coleções ricas em informações e carentes de investigação e interpretação museológicas (Medina, 2012).

Durante a investigação, observou-se um conflito de informações em relação ao número de espaços e as suas classificações no *website* da Universidade do Porto. Pondera-se que o *website* se encontra desatualizado. O número atual é catorze, a Galeria da Biodiversidade e a Galeria dos Leões não estão na contagem do *website*. Abaixo segue um mapeamento atual dos espaços museológicos, culturais e científicos da Universidade do Porto. Vale ressaltar que não cabe ao presente trabalho refletir sobre as estruturas desempenhadas pelas instituições e seus modelos institucionais<sup>16</sup>.

### 1.3.1 *Museu de História Natural e da Ciência*

O Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP) foi inaugurado em 2015, resultado de uma fusão entre o Museu de História Natural e o Museu da Ciência. Localizado no coração da cidade do Porto, o MHNC-UP encontra-se no edifício da Reitoria da Universidade do Porto, no endereço Campo dos Mártires da Pátria, número 81. O património do museu está associado às ciências naturais, exatas e humanas, e sua coleção é constituída pelas seguintes áreas de conhecimento: geologia, paleontologia, zoologia, arqueologia e etnografia, botânica e ciência (MHNC-UP, sd-a).

O MHNC-UP é tutelado pela Reitoria da Universidade do Porto e possui como mecenas o Banco Português de Investimento e a Fundação La Caixa. Recentemente a instituição passou por uma reestruturação a qual contou com a articulação da Agência Ciência Viva<sup>17</sup>, entidade associada a Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica. Além disto, outras duas instituições estão sob a sua alçada: o Jardim Botânico do Porto e a Galeria da Biodiversidade. O MHNC-UP é considerado o polo central, onde ocorrem as atividades investigativas. Atualmente (2020) possui um espaço para

---

<sup>16</sup> Veja-se o apêndice B

<sup>17</sup> *Website* da Ciência Viva. (sd). *Home*. Disponível em <http://www.cienciaviva.pt/home/>

exposições temporárias e desenvolve atividades culturais abertas ao público em geral. O museu está a se organizar para constituir uma exposição permanente. Enquanto isso, a Galeria da Biodiversidade é o polo de exposição permanente com atividades educativas (MHNC-UP, sd-a).

### **1.3.2 Jardim Botânico do Porto**

A história do Jardim Botânico do Porto se inicia em 1837, mas só em 1951 que foi instalado no lugar atual (Rua do Campo Alegre número 1191) pela Universidade do Porto, na então chamada Quinta do Campo Alegre. Após um longo período fechado ao grande público, reabriu em 2007 e em 2017 passou a incorporar a estrutura do MHNC-UP. Além do jardim o espaço possui dois edifícios: Casa Andresen, no qual está instalada a Galeria da Biodiversidade e a Casa Salabert, onde funciona o *E-Learning* Café – Botânico da U.Porto (Universidade do Porto), que consiste em um espaço destinado a estudo para a comunidade da U.Porto. O Jardim Botânico é aberto ao público, com entrada livre (Jardim Botânico do Porto, s.d.).

### **1.3.3 Galeria da Biodiversidade**

Localizada na Casa Andresen no Jardim Botânico, a Galeria da Biodiversidade integra a estrutura do MHNC-UP. Inaugurada em junho de 2017, a Galeria se tornou o primeiro Centro de Ciência Viva dedicado à biodiversidade. Tutelado pela Reitoria da Universidade do Porto, tem como mecenas a empresa Sonae. Seu património está associado aos temas da biologia, história natural e arte. O Serviço educativo do MHNC-UP é centrado na Galeria da Biodiversidade, onde ocorre um encontro entre ciência e natureza através de atividades de caráter teórico-prático (MHNC-UP, s.d.-b).

### **1.3.4 Museu da Faculdade de Belas Artes**

O Museu da Faculdade de Belas Artes tem origem em 1833, mas somente em 1996 foi oficialmente institucionalizado. Localizado no edifício da Faculdade de Belas Artes, Av. de Rodrigues de Freitas 265, o Museu possui dois espaços expositivos: Pavilhão de Exposições e Sala de Exposições “oMuseu”. Seu acervo é composto por esculturas, pinturas, desenhos e gravuras de alunos, docentes da Faculdade e artistas com relevância para a arte portuguesa e mundial, como: Dórdio Gomes, Júlio Resende, Soares dos Reis e até Leonardo Da Vinci. O museu é aberto ao público, com entrada livre (Rodrigues, 2016).

### **1.3.5 Galeria dos Leões**

A Galeria dos Leões é um espaço destinado a exposições, comercialização e realização de iniciativas dos estudantes, docentes e antigos alunos da Faculdade de Belas Artes. Foi inaugurado em

2009<sup>18</sup> e localiza-se no Edifício da Reitoria, Praça Gomes Teixeira, s/n. A galeria é aberta ao público com entrada livre (Galeria dos Leões, 2018).

### **1.3.6 *Museu de História da Medicina Prof. Maximiano Lemos***

Situado no edifício da Faculdade de Medicina, Alameda Prof. Hernâni Monteiro, s/n, o Museu de História da Medicina Professor Maximiano Lemos foi fundado em 1933. Com o objetivo de contar a evolução da história da medicina por meio do património médico pertencente à Faculdade, o Museu possui uma galeria de arte e oito salas, todas com nome de antigos professores da Faculdade em questão (U.PORTO, 2018). As visitas ao Museu são guiadas e requerem marcação prévia<sup>19</sup>.

### **1.3.7 *Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina***

O Museu de Anatomia está situado no *campus* da Faculdade de Medicina, ao lado do Teatro Anatómico da Unidade de Anatomia – DBM. O museu foi criado em 1825, inserido dentro do departamento de anatomia, o museu tem como coleção: murais, fotografias, radiografias, desenhos, aquarelas e peças anatómicas que documentavam lições e artigos de investigação. A coleção segue exposta nas diversas salas que compõem o museu. Todas as visitas ao Museu são guiadas e requerem marcação prévia, bilhete de entrada sob consulta ao *website*<sup>20</sup>.

### **1.3.8 *Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande***

O Museu de Anatomia Professor Nuno Grande foi inaugurado em 1975<sup>21</sup>. Em uma espécie de laboratório e sala de estudo, o núcleo museológico permanece de portas abertas para os estudantes utilizarem o seu espaço para aulas práticas, estudos e investigação. O seu acervo é composto por modelos anatómicos e peças humanas e de animais mantidas em frascos transparentes. O Museu está localizado no Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar na Rua Jorge Viterbo Ferreira. A visita é possível sob marcação prévia para que não ocorra conflito com as aulas (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (2020).

### **1.3.9 *Casa Museu Abel Salazar***

A história da Casa Museu Abel Salazar inicia com a morte da personalidade a qual refere-se o seu nome. Abel Salazar foi professor, artista, crítico, filósofo, uma figura importante para a história do

---

<sup>18</sup> Registro fotográfico da Inauguração da Galeria dos Leões. (22 de dezembro de 2009). [Facebook]. Disponível em <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.214708143379.133822.51541308379&type=3>

<sup>19</sup> A. Ferraz, Comunicação Pessoal, 15 de Agosto, 2020.

<sup>20</sup> Website da Unidade de Anatomia (sd) *O Museu de Anatomia – DBM*. Disponível em <http://anatomia.med.up.pt/museu/>

<sup>21</sup> A. Águas, Comunicação Pessoal, 14 de Agosto, 2020.

Porto e Portugal. A Casa Museu foi inaugurada por iniciativa de amigos em 1950. Em 1963 passou a ser uma cooperativa e, dois anos mais tarde, passou a incorporar a Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1975, a tutela passou a ser da Universidade do Porto. A Casa-Museu tem no seu acervo instrumentos laboratoriais, mobiliário original, esculturas e pinturas a óleo. Um espaço exclusivo para a exposição permanente da obra artística, científica e literária de Abel Salazar. Tem um centro de documentação com mais de 7200 obras e também desempenha atividades educativas voltadas para crianças. A Casa Museu encontra-se na rua Dr. Abel Salazar Mamede Infesta, na cidade de Matosinhos e integra a Rede Portuguesa de Museus. Aberto ao público com visitas guiadas (Matosinhos, 2018).

#### **1.3.10 *Museu da Faculdade de Farmácia***

O Museu da Faculdade de Farmácia foi criado em 2013. Localizado no edifício da Faculdade de Farmácia, Rua de Jorge Viterbo Ferreira, freguesia de Massarelos, concelho do Porto. O Museu é denominado pela instituição como Núcleo Museológico. Em seu acervo encontram-se instrumentos farmacêuticos, objetos e instrumentos de outras áreas científicas e documentos relacionados aos serviços administrativos. A visita ao acervo pode ser feita mediante marcação (Faculdade de Farmácia, 2020).

#### **1.3.11 *Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura***

O Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura (CDUA) situa-se na Faculdade de Arquitetura na Via Panorâmica Edgar Cardoso, freguesia de Massarelos no concelho do Porto. Integrado ao Serviços e Documentação da Faculdade, o CDUA existe desde 1993. Sua coleção possui um valor patrimonial, histórico, artístico e documental relativos à arquitetura e urbanismo português e portuense. Seu acervo é composto por documentos, desenhos, modelos, maquetes, registos, fotografias, publicações, também possui um acervo digital. O acervo encontra-se condicionado no depósito, é possível consultá-lo a partir de marcação prévia (Faculdade de Arquitetura, 2020).

#### **1.3.12 *Observatório Astronómico Prof. Manuel Barros***

O Observatório Astronómico Prof. Manuel Barros encontra-se na Alameda do Monte da Virgem na freguesia Oliveira do Douro no concelho de Vila Nova de Gaia. Tutelado pela Faculdade de Ciências, o observatório foi criado em 1948 em resposta às necessidades dos estudantes de Matemática, de Engenharia Geográfica e para as aulas de Astronomia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Tem como objetivo promover apoio à Faculdade de Ciência e desenvolver atividades no âmbito da cultura científica e tecnológica em parceria com as escolas. Além disto, procura desempenhar uma projeção a nível nacional e internacional. O observatório é destinado para

fins de ensino e investigação, em ocasiões especiais abre para o público. Seu património dispõe de livros, publicações, mapas, atlas, catálogos e diversos equipamentos (Observatório Astronómico Prof. Manuel de Barros, 2020).

### **1.3.13 Planetário do Porto**

O Planetário é tutelado pela Universidade do Porto, com a gestão científica a cargo do Centro de Astrofísica da Universidade do Porto. Localiza-se na Rua das Estrelas, na freguesia de Massarelos no concelho do Porto (Planetário do Porto, 2020). Inaugurado em 1998, o Planetário tem como objetivo a investigação, formação e divulgação do ensino científico. Além disto, possui uma programação diversa e aberta ao público. Seu património está envolto aos temas da Astronomia e Astrofísica. Aberto ao público com programação diversa.

### **1.3.14 FEUPmuseu**

Tutelado pela Faculdade de Engenharia, localiza-se no *Campus* da Asprela na freguesia de Paranhos situado no concelho do Porto. Caracterizado como um museu polinucleado, seu acervo encontra-se concentrado em grandes vitrines e disperso entre os departamentos, biblioteca e hall central nos espaços de circulação sem cumprir com uma narrativa expográfica (Medina, 2010). Integrado como uma unidade nos Serviços de Documentação da faculdade em questão, o museu está reunindo forças para se tornar uma coleção aberta. Seu acervo é centrado na engenharia portuguesa dos séculos XIX e XX (Medina, 2012). Acondicionado em espaços semipúblicos, é possível consultar ao circular pela faculdade ou com marcação prévia. O museu será mais bem caracterizado neste trabalho uma vez que é usado como estudo de caso. Sua caracterização pode ser encontrada no capítulo 2.1.

## **1.4 Património Universitário**

Durante muito tempo a ideia de património estava diretamente ligada à materialidade – monumentos, sítios, artefactos – e os museus, à cultura material (Carvalho, 2009), incluindo os museus universitários. A literatura enfatiza esta ideia, uma vez que historicamente foram as coleções de objetos naturais e artificiais que constituíram os “gabinetes de curiosidade”, e hoje, os museus. Contudo, o património é muito mais amplo, principalmente no contexto universitário. Vai além dos objetos e do espaço museológico, abrange monumentos, observatórios, laboratórios, bibliotecas, arquivos, e todos os produtos científicos associados à investigação e ensino, como livros, artigos, projetos, protótipos. Da mesma forma, engloba as tradições académicas, a identidade de uma comunidade (Lourenço, 2005). É considerado como um legado coletivo compartilhado por uma comunidade (Lourenço; Wilson, 2013, referido em Handfas, Granato, & Lourenco, 2016).

Compreender o património universitário vai além da definição, categorização e estudo das coleções pertencentes à instituição. Abrange todo o universo que traduz a identidade desta comunidade. Em outras palavras, a definição do património universitário é complexa e extremamente ampla. Abrange as dimensões tangíveis e intangíveis, materiais e imateriais, desde objetos que compõe uma coleção de ensino, à produção científica associada a uma coleção, os jardins onde ocorrem pontos de encontro que promovem a socialização da comunidade, como também, as tradições culturais como a “praxe”<sup>22</sup>. Em síntese, compreender o património universitário requer um olhar cuidadoso sob as vertentes materiais e imateriais, mas principalmente, a multidisciplinariedade que une a comunidade representada.

Santos (1994) reflete que no ato de preservar o património, o museu acaba por se apropriar do mesmo, e explica que o museu contribui para a formação do cidadão em um “novo fazer cultural”. Um “ato” estritamente ligado ao relacionamento entre museu e educação. A literatura aponta que as práticas museológicas envolvem um trabalho interdisciplinar e multidisciplinar que necessita da participação da comunidade do museu para que o mesmo se mantenha vivo e ativo. E o património cultural tem uma ação importante neste processo, ou seja, “é através da implementação de ações museológicas socialmente engajadas que o património cultural cumpre uma de suas funções primordiais: suscitar a criação de novos conhecimentos” (Figurelli, 2012, p.53). O museu desempenha a função de mediador entre comunidade, património e território. É neste território onde ocorre a “construção, resinificação e apropriação das identidades” e do património envolvido pela comunidade (Figurelli, 2012, p.53).

Alguns museus têm dificuldade em descentralizar a materialidade em sua construção institucional, mas quando o modelo é focado no território, património e comunidade, as fronteiras parecem atenuar. A dimensão do património cultural imaterial ajusta-se tornando-se uma consequência de um trabalho focado no território e todos os valores associados a este (Carvalho, 2009).

Muito embora as referências literárias acima estejam associadas aos museus no âmbito geral, é perceptível que o museu como instituição permanece o mesmo independentemente do espaço onde está inserido. As atividades museológicas nas universidades possuem a sua função definida como um

---

<sup>22</sup> “A praxe académica é assim definida enquanto um ritual iniciático, com origens históricas antigas, através do qual os novos alunos do ensino superior se tornam estudantes de pleno direito, sendo aceites pela comunidade de estudantes mais antigos. O objetivo da praxe, tal como é enunciado por aqueles que a praticam, consiste na integração dos jovens que acabaram de chegar ao ensino superior” (Lopes, Sebastião, Mineiro, Estanque, Silva & Alves, 2017).

serviço à comunidade científica (Kozak, 2015), porém a literatura aponta para um serviço que vai além dos processos de salvaguarda, *i.e.*, o museu universitário como um agente de produção científica no contexto acadêmico e cultural. Um mediador de ideias, que cuida do passado e presente para o desenvolvimento de novos conhecimentos científicos, seja no âmbito museológico ou em atividades científicas.

### **1.5 Conflito na Preservação do Património Universitário**

As universidades são instituições dinâmicas. A produção científica reflete diretamente na construção do património da universidade de modo a influenciar na constituição de uma identidade singular e diversa (Lourenço, 2005).

O tempo tem função vital para o património de ensino e investigação, uma vez que as produções científicas e académicas estão sempre a se renovar e a criar novos paradigmas em suas investigações. Logo, definir os critérios de preservação torna-se complexo em função dos diferentes agentes envolvidos. Esta dificuldade é dada à interseção entre dois universos que possuem práticas e valores distintos, o património e a ciência. Contudo, os critérios de escolha, preservação e tutela da coleção envolvem fatores políticos e científicos, motivados na maior parte pela universidade e não pelos museus. Chegar ao comum acordo entre museólogos e investigadores pode ser considerado uma tarefa difícil, o que para os primeiros pode ser considerado património, para os segundos pode ser considerado algo descartável ou reciclável. Para evitar perdas de um património relevante, sugere-se que, primeiramente, os critérios de escolha estejam relacionados à missão e aos objetivos da universidade e ao seu respetivo museu, e, em seguida, aos fatores políticos (Handfas et al., 2016).

Outro aspeto a ser considerado neste conflito, é a consciência da preservação da coleção de ensino e investigação. A falta desta conscientização faz com que parte relevante do património seja descartada ou mutilada antes mesmo de chegar ao museu. A comunidade científica muitas vezes não tem consciência de que o objeto é um património da universidade, independente da função que irá exercer ao se tornar obsoleto (Handfas, et al., 2016). Um determinado instrumento não possui apenas a função de responder às perguntas em dado momento de investigação. Pode, também, ser usado como um instrumento pedagógico de ensino em laboratórios e aulas ou enviado para o museu da universidade onde servirá como fonte de pesquisa primária. Independente das finalidades apresentadas, o instrumento passa a atender à produção académica de uma nova forma, ou seja, é

lhe atribuído um novo significado. Logo, não cabe apenas ao investigador definir a função ou o fim que o instrumento vai exercer (Clercq & Lourenço, 2003).

É importante enfatizar que nem todo objeto de ensino e investigação é musealizado. No processo de seleção de objetos à incluir em coleções universitárias, torna-se fundamental compreender a relevância histórica do objeto em determinada investigação e o contexto em que o objeto está inserido; a missão do museu e universidade; a relevância do “novo” objeto em relação ao acervo que o museu possui; e as possíveis investigações que o objeto pode motivar. Alguns objetos são meramente ilustrativos, outros são esteticamente atrativos ou possuem características marcantes (como o uso de uma tecnologia ou material específico), por isso poderiam integrar perfeitamente a coleção de ensino. Logo, compreende-se que cada instituição deve criar os próprios critérios no processo de musealização (Clercq & Lourenço, 2003). Contudo, muitas vezes é a dimensão imaterial deste objeto que determinará a sua finalidade. Isto é, toda a produção académica envolvida nesse objeto vai determinar a sua relevância em comparação aos demais objetos constituintes do acervo museológico.

A multidisciplinaridade do património de ensino e investigação universitário gera uma riqueza única para cada museu universitário (Taub, 2003). A sua importância é essencial tanto para a universidade que o acolhe como para a construção da história científica e tecnológica, de modo a servir tanto como fonte primária quanto para o desenvolvimento futuro de novas investigações académicas (Theologi-Gouti, 2003). Essa riqueza só existe graças à ação de forças de diferentes fontes: professores, alunos, laboratórios e museólogos.

### **1.6 Centro Interpretativo**

O centro interpretativo, enquanto ideia e espaço, surgiu ao fim do século XIX, nos Estados Unidos da América, com o objetivo de promover o património natural dos parques nacionais, preservar o ecossistema e transmitir a importância do seu valor patrimonial para os seus visitantes (sejam turistas ou comunidade). Segundo Izquierdo, Tresserras, & Matamala, (2005) Tilden foi o primeiro académico a definir o que é um centro interpretativo. Com um olhar voltado aos parques nacionais americanos, o precursor autor constrói uma abordagem de um espaço de educação baseado na preservação da cultura patrimonial nacional: *“An educational activity which aims to reveal meanings and relationships through the use of original objects, by firsthand experience, and by illustrative media, rather than simply to communicate factual information.”* (Tilden, 1957 p. 8). O autor (op. cit.) defendia que essencialmente os centros interpretativos uniam dois fatores: o primeiro é a

capacidade em revelar uma verdade, isto é, interpretar o património que não é visível, demonstrar sua importância e revelar o seu valor a um determinado público; o segundo, gerar curiosidade e enriquecer o conhecimento do mesmo, por meio da interpretação. Nesse sentido, os centros interpretativos deveriam seguir seis princípios, conforme descritos na tabela 1:

**Tabela 1**

*Os Seis Princípios da interpretação Patrimonial de Freeman Tilden (1957)*

Princípio	Objetivo
Princípio 1: Relação	A interpretação deve provocar o interesse e construir um vínculo com o visitante; caso contrário, será ineficaz.
Princípio 2: Revelação	A informação e interpretação não são a mesma coisa. Logo, a informação deve ser codificada, ou revelada durante a interpretação.
Princípio 3: Integração	A interpretação é composta por vários âmbitos e cruza com diversas áreas dos conhecimentos, seja na arte, ciência, história ou arquitetura.
Princípio 4: Provocação	Mais do que informar ao visitante, a interpretação deve provocar, isto é, estimular a busca por mais conhecimento.
Princípio 5: Inclusão	A interpretação deve ser construída de forma inclusiva, de modo que possibilite a compreensão de todos.
Princípio 6: Adaptação	Em determinados grupos de visitantes, como de crianças com menos 12 anos de idade, é necessária uma adaptação de modo que a interpretação provoque os princípios anteriores, portanto, pode-se criar um programa educativo separado, por exemplo.

Fonte: Adaptação de Hees (2018) e Tilden (1957)

A concepção de centro interpretativo de Tilden está fundamentada em três vertentes: educação, património e natureza. Para o autor (op. cit.), a educação era a ferramenta interpretativa do património compreendido nos parques nacionais, e até os anos 1980, esses espaços estavam associados à promoção do turismo natural. Aos poucos, a associação ao ecoturismo tornou-se secundária e os centros interpretativos passaram a estar presentes nos meios urbanos e rurais (Izquierdo, Tresserras, & Matamala, 2005). Essa transformação ocorreu devido a alguns fatores,

dentre os quais, o facto de os centros interpretativos serem espaços que necessitam de poucos recursos financeiros para se manterem abertos, sendo uma solução para solucionar a necessidade de desenvolver o turismo e valorizar o património local (Pizarro, 2019).

Assim, a relação conceitual entre centro interpretativo e património natural foi se perdendo, uma vez que a noção de território passou a ganhar força e a incorporar a sua definição. É neste território onde se encontra o património que deve ser protegido e resguardado. Desta forma, o centro interpretativo é o ponto de intersecção entre o discurso interpretativo do património de um determinado território. A partir disso, cada centro interpretativo desenvolve a sua essência e particularidades seja com o objetivo de promover o turismo, um parque arqueológico, um sítio histórico ou até mesmo uma atividade identitária de uma comunidade (Izquierdo, et al., 2005).

Os centros interpretativos possuem como objetivo educar e conscientizar os visitantes sobre a importância do património inserido em um contexto territorial. Na maioria dos casos, as dimensões materiais e imateriais do património interpretado por estes espaços estão associadas as evidências culturais e/ou naturais. Então é bastante comum que os centros interpretativos façam uso de ferramentas de exposições criativas, como animações e apresentação de modo a proporcionar ao visitante uma fácil leitura interpretativa do valor transmitido (Izquierdo, et al., 2005).

Os centros interpretativos são referenciados de diversas formas em diferentes países. Na Espanha, o centro interpretativo é definido como: *“a method for presentation and communication of heritage, with the objective of promoting its use for cultural, educational, social and tourism purposes.”* (Jordi Padró, 2002 referido em Izquierdo, et al., p.16, 2005). Sánchez de las Heras (2002) explica de outra forma: *“method which offers readings and options for an active use of heritage, employing a wide range of presentation and animation resources”* (Sánchez de las Heras, 2002, referido em Izquierdo, et al., p.16, 2005). Inclusive, segundo Izquierdo, et al. (2005), os nomes atribuídos para o mesmo espaço são diferentes. Enquanto *“Interpretation”* e *“heritage interpretation”* são termos comumente usados pela língua inglesa, na língua espanhola adota-se *“centro de interpretación”*. Essa diversidade de terminologias relaciona-se com o próprio desenvolvimento histórico do centro interpretativo, uma vez que o nome *“interpretation”* foi popularizado com Tilden, atribuindo ao mesmo uma visão educacional e interpretativa muito forte. Em Portugal, a nomenclatura está alinhada à de Espanha, como *“centro interpretativo”*.

Pizarro (2019) explica os diferentes formatos que os centros interpretativos possuem e cita algumas definições. Dentre elas, espaços que não possuem coleção e foram “criados com objetivo de valorizar e difundir o património e destinados a um público vasto” (Ponte 2019 referido em Pizarro, 2019, p.6). Em contrapartida, Ponte (2019) aponta que há espaços que afirmam ser uma nova proposta de museu, “associados com centros de visitantes ou ecomuseus e localizados próximos a sítios culturais, históricos ou naturais, recorrendo a diferentes meios de comunicação de modo a facilitar a compreensão de um determinado património” (Ponte 2019, referido em Pizarro, 2019, p.6).

Para Binoy (2011), o centro interpretativo tem a função de transmitir e traduzir o património de maneira compreensiva para o público. Parte-se do princípio que o turista não percebe o valor do património, muito menos, a necessidade em preservar e conservar. Logo, é dever do centro interpretativo comunicar de forma que procure influenciar na perceção do visitante. O autor (op. cit.) completa explicando que os centros interpretativos podem ser associados a um museu ou serem independentes, sua modalidade pode ser variada, assim como, há diversas formas de interpretação do património. Contudo, alguns autores como Pizzaro (2019), Chaumier & Jacobi (2008) discutem o limite da fronteira entre museu e centro interpretativo.

### **1.6.1 O que o Difere de um Museu?**

A fronteira entre museu e centro interpretativo ainda não foi estabelecida e a discussão evidencia a necessidade de maiores estudos nessa área (Pizzaro, 2019). Contudo, o museu e o centro interpretativo compartilham características semelhantes e dado a isso, cria-se a ideia de que os dois são da mesma “família”. Essa convergência está muito relacionada ao uso de ferramentas expositivas e atividades educativas. Os museus se apropriaram do uso das ferramentas que os centros interpretativos costumeiramente fazem, como ecrãs interativos, diagramas, maquetes, modelos representativos. Em contrapartida, os centros interpretativos se apropriaram de boas práticas interpretativas desempenhadas pelos museus de referência (Chaumier & Jacobi, 2008).

Os centros interpretativos não possuem a obrigatoriedade de constituir um acervo próprio, diferentemente dos museus (Bessard & Robine, 2008). Inclusive muitos centros interpretativos fazem uso de réplicas ou simplesmente não possuem acervo. O acervo não fundamenta a existência do centro interpretativo, e, sim, o seu âmbito territorial associado ao património a ser preservado (Pizzaro, 2019). Dado a isso, o centro interpretativo possui maior liberdade no uso de ferramentas de interpretação e na mensagem apresentada, logo, são espaços que fazem uso de uma maior variedade

de ferramentas expográficas (Chaumier, & Jacobi, 2008). Binoy (2011) procura justificar a diferença entre ambos por suas funções: enquanto os centros interpretativos são instituições especializadas em comunicar e interpretar o património, os museus têm por função coletar, conservar e estudar objetos. Já Pizarro (2019) aponta a diferença nas responsabilidades em ter um acervo. Segundo o autor (op. cit.), além das obrigações em manter o acervo preservado, o museu possui uma estrutura mais complexa que a do centro interpretativo, de modo a necessitar de mais recursos seja financeiro ou humano para manter funcionando.

### **1.6.2 *Interpretação do Património***

Por muitas vezes, o património retratado no centro interpretativo é imaterial ou intangível, isto é, invisível aos olhos da maioria das pessoas. Dessa forma, esses espaços promovem uma intervenção física no território usando diferentes ferramentas de comunicação para tornar o património imaterial acessível à compreensão do público visitante (Chaumier, & Jacobi, 2008). Os autores (op. cit.) mencionam que há duas formas complementares: a mediação ativa, no qual mediadores ou guias orientam a visita; e a mediação proativa, na qual é desenvolvido um percurso expositivo com um material expográfico de explicação, logo, vídeos, áudios, textos ou equipamentos interativos são algumas das ferramentas utilizadas como mediação com o visitante. Izquierdo, et al. (2005) afirmam que é comum que os centros interpretativos façam uso de estratégias expositivas marcantes, logo, elementos tecnológicos, audiovisuais e cenográficos são comumente usados de modo a promover e incentivar o conhecimento do público visitante. Ponte (2019) percebe o uso das estratégias expositivas além da função de transmitir e conscientizar, afirma que alguns centros de interpretação se propõem em provocar uma conexão emocional e intelectual com o visitante

### **1.6.3 *Centros Interpretativos em Museus Universitários***

Atualmente é possível constatar em muitas universidades a existência de centros interpretativos vinculados, ou não, a museus universitários. Com o intuito de compreender as características ou práticas desenvolvidas por estes espaços e contribuir para a construção do futuro Centro Interpretativo do FEUPmuseum, são apresentados a seguir quatro exemplos que de maneiras distintas estão alinhados com os valores e objetivos do FEUPmuseum.

Para a identificação e seleção destes exemplos foi usado o banco de dados do UMAC, denominado Worldwide Database of University Museums and Collections, cujo projeto teve início no ano de 2001 e sofreu reformulações nos anos de 2016 e 2017. O UMAC defende a importância dos museus,

coleções e o património cultural nas instituições de ensino superior, bem como as influências que podem gerar em sua salvaguarda nos âmbitos científicos, artísticos e históricos para as respetivas instituições. A base de dados estabeleceu diferentes categorias de modo a facilitar a busca: tipologia, áreas geográficas, áreas de conhecimento e disciplinas.

Uma vez que o *website* está escrito na língua inglesa, os termos de busca usados foram “heritage centre”, “interpretative center” e “heritage interpretation”. A tipologia “centro interpretativo” não faz parte da subcategoria da base de dados. Deste modo, foram selecionados dois espaços, o Colorado University Heritage Center e o De Montfort University Heritage Centre. Entretanto, um outro termo associado a centros interpretativos é “cultural heritage”. Assim como o FEUPmuseu está a se organizar para ter um centro interpretativo, muito provavelmente há espaços que se intitulam como museus universitários e possuem em seu cerne a valorização do património cultural imaterial e as manifestam nas práticas expositivas. Portanto, optou-se por escolher dois museus universitários que fazem uso do património cultural imaterial em suas práticas expositivas, Helsinki University Museum e Academic Heritage da Technische Universität Dresden.

**Colorado University Heritage Center.** Inserido na Universidade de Boulder no Colorado, nos Estados Unidos da América, o Colorado University Heritage Center tem como objetivo coletar, preservar e interpretar a cultura material e os recursos documentais que ilustram a história da Universidade de Colorado. Localizado no terceiro piso no edifício Old Main, o Centro interpretativo conta com seis espaços, são eles: a sala de coleções e investigação, onde se encontram fotografias, documentos, livros, artefactos, entre outros tipos de materialidades que representam a cultura da universidade; *Hit the Bricks!* que é um espaço destinado à representação do *campus*, das atividades culturais e académicas envolvidas na universidade por meio de um modelo construído por Lego<sup>23</sup> (fig. 1); o *Space Exploration Gallery* que é uma exposição que possui réplicas, fatos especiais usados por astronautas, protótipos e artefactos envolvidos em missões espaciais<sup>24</sup> (fig. 2); e outros três espaços expositivos, nomeadamente, o David Bolen *Olympic Tribute*, o *Notable Alumni* e o Glenn Miller.

---

<sup>23</sup> Lego é uma linha de brinquedo da *The Lego Group* são blocos de plástico coloridos que permitem encaixar uns nos outros e formar construções das mais diversas.

<sup>24</sup> Nota-se que a *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) e a Universidade de Boulder possuem um vínculo académico e investigativo, sendo que cerca de 20 cientistas, professores e ex alunos da universidade já participaram de diversas missões espaciais promovidos pela NASA.

### Figura 1: Espaço expositivo no Hit the Bricks!

*Espaço expositivo no Hit the Bricks!*



*Anotação.* A figura ilustra a atividade desempenhada na sala *Hit the Bricks!* Fonte: CU-Boulder, 2014. Flickr (<https://www.flickr.com/photos/cuboulderalumni/15800367149/in/album-72157649677384862/>).

Destaca-se aqui a sala *Hit the Bricks!* que por meio de uma atividade lúdica e criativa, explora quatro aspetos e/ou conceitos distintos e caros para a promoção e valorização do património universitário: participação, identidade, cultura e conhecimento. O primeiro, o relacionamento do Heritage Center com a comunidade, sendo que a aproximação ou envolvimento da comunidade se dá com a sua participação na construção do *campus* em Lego. O segundo aspeto é a representação lúdica da identidade da comunidade. Além de ocorrer um registo fotográfico das cenas construídas em Lego, a representação da vida no *campus* é uma evidência de identidade seja das atividades mais simples, como a construção dos edifícios ou os meios de transporte utilizados pela comunidade dentro do *campus*, ou das atividades culturais que ocorrem no *campus* da universidade. O terceiro, por se tratar de evidências do passado e presente, pode ser um espaço de novas descobertas e questionamentos sobre os hábitos e cultura identitária desta comunidade. E o quarto aspeto é constituir-se como uma representação criativa que pode ser entendida como uma reflexão crítica, ou como uma oportunidade para construir neste espaço um debate sobre as construções identitárias e tudo aquilo que está envolvido neste processo.

**Figura 2**

*Exposição Space Exploration Gallery*



*Anotação.* A foto ilustra parte da exposição *Space Exploration Gallery*. Fonte: University of Colorado Boulder, s.d.. CU in Space (<https://www.colorado.edu/alumni/heritage-center/exhibitions/cu-space>).

Destaca-se aqui também a *Space Exploration Gallery*. Segundo o material disponível no *website* do Centro Interpretativo, nesta sala estão expostos objetos relacionados com as atividades científicas desenvolvidas pela Universidade de Boulder em colaboração com a NASA. A exposição apresenta os objetos de maneira a salientar a sua importância para a cultura e legado institucional da Universidade. Porém, o que tudo indica, sem fazer uso de uma dimensão crítica ou narrativa, o que seria importante para envolver o visitante e levá-lo a conhecer mais sobre os objetos em exposição.

**De Montfort University Heritage Centre.** De Montfort University Heritage Centre faz parte da Universidade de Montfort, em Leicester no Reino Unido. O Centro Interpretativo possui duas salas com exposições temporárias. Atualmente, as duas exposições estão associadas ao território de Leicester. A primeira, *The Green Bicycle Mystery*, conta o mistério envolvido no assassinato de uma jovem chamada Bella Wright, em 1919 em Leicester. A outra exposição é a *A Heritage of Healing*, que informa sobre as origens da formação de enfermagem em Leicester. Também há dois espaços com exposições permanentes: o *Timeline Exhibition* (fig. 3) apresenta uma linha do tempo no qual ilustra a história da Universidade; e o *The Arches and The Newarke*, que é um espaço arqueológico que conta as ruínas da *Church of the Annunciation of the Blessed Virgin Mary*, construída em 1350 e uma exposição de sua história (fig. 4).

**Figura 3**  
*Timeline Exhibition*



*Anotação.* A foto ilustra a exposição *Timeline Exhibition*. Fonte: De Montfort University, s.d. DMU Heritage Centre (<https://www.dmu.ac.uk/about-dmu/heritage-centre/heritage-centre.aspx>).

A *Timeline Exhibition* é uma forma de representar cronologicamente a história e a identidade patrimonial da Universidade. É uma estratégia de exposição simples e eficiente em comunicar à comunidade e aos visitantes a relevância e a construção da identidade institucional da Universidade, tornando a universidade protagonista da sua história. Contudo, presume-se que não seja possível fazer um levantamento e expor todos os momentos relevantes da história de uma universidade e que, portanto, o que é apresentado configura-se como uma seleção ou uma delimitação de um assunto. Por exemplo, o crescimento físico do *campus* ou as produções científicas do século XX. No caso exemplificado, a Universidade optou por iniciar a sua linha do tempo em 1870 de modo a assinalar os grandes avanços dos programas académicos e o desenvolvimento do *campus*. Mesmo assim, a linha do tempo apresenta-se como uma boa estratégia para comunicar cronologicamente um determinado tema, num espaço físico reduzido.

Já na sala *The Arches and The Newarke* (fig.4) são utilizadas diferentes ferramentas de exposição para compor um cenário que atraia o visitante e que construa uma interação afetiva entre as ruínas, textos, vídeos e fotos, de modo a interpretar e comunicar a história.

**Figura 4**

*The Arches and The Newark*



*Anotação.* A foto ilustra a exposição *The Arches and The Newark*. Fonte: De Montfort University, s.d. DMU Heritage Centre (<https://www.dmu.ac.uk/about-dmu/heritage-centre/heritage-centre.aspx>).

**The Helsinki University Museum.** O Helsinki University Museum integra a Universidade de Helsinque, em Helsinque na Finlândia. Tem como objetivo preservar o património cultural, gerenciar as coleções e comunicar, por meio de exposições, os conhecimentos envolvidos nestes processos de modo a contribuir para a construção da comunidade. O Museu possui uma exposição permanente e também realiza exposições temporárias. Na exposição permanente, intitulada *Ajattelun Voimaa* (fig. 5), abordam-se três contextos: história, ciência e a Universidade. A exposição inclui vídeos, modelos anatómicos, protótipos, pinturas de retratos imperiais. A exposição temporária patente ao longo de 2020, *Agnes Sjöberg & Walter Ehrström* (fig. 6), conta a história de dois veterinários inovadores da Finlândia, Agnes Sjöberg (1888-1964), a primeira veterinária mulher na Finlândia e em toda Europa, e Walter Ehrström (1890-1966), pioneiro no controle e higiene do leite na Finlândia (Helsinki University Museum, 2020).

**Figura 5**

*Exposição Ajattelun Voimaa*



*Anotação.* A foto ilustra a exposição *Ajattelun voimaa*. Fonte: Helsinki University Museum, s.d.-a. Main Exhibition (<https://www.helsinki.fi/en/helsinki-university-museum/exhibitions>).

Assim como a sala The Arches and The Newarke, do De Montfort University Heritage Centre, a exposição *Ajattelun Voimaa* faz uso de diferentes ferramentas expositivas. Uma conjugação entre texto, objetos e cores que potencialmente torna a experiência do visitante mais atrativa e envolvente.

**Figura 6**

*Exibição Agnes Sjöberg & Walter Ehrström*



*Anotação.* A foto ilustra a exposição *Exibição Agnes Sjöberg & Walter Ehrström*. Fonte: Helsinki University Museum, s.d.-b. Exhibition (<https://www.helsinki.fi/en/helsinki-university-museum/exhibitions>).

Por outro lado, o que torna a exposição Agnes Sjöberg & Walter Ehrström atraente é a construção de uma narrativa envolvente, que evidencia a importância histórica da coleção de ensino e investigação para a Universidade e para a cidade. Não necessariamente os objetos expostos pertenceram ou foram empregados por Sjöberg e Ehrström, mas são objetos utilizados na época em que realizaram as suas inovações. Neste caso, os patrimônios materiais e imateriais se unem e se completam, contribuindo para a sua valorização. A exposição explora o conhecimento e o patrimônio de forma autêntica, clara para todo o tipo de visitante, pertencente ou não à comunidade da Universidade.

**Academic Heritage Technische Universität Dresden.** A Academic Heritage é o polo central de gestão das coleções pertencentes à Universidade Técnica de Dresda, na cidade de Dresda, na Alemanha. Seu acervo é composto por coleções científicas, técnicas e artísticas. Constituído por objetos coletados em contextos diferentes de investigação e ensino, o acervo é uma evidência material da história e da cultura da Universidade de Dresda. Partindo do princípio de que as coleções são recursos valiosos para a investigação, ensino e divulgação científica, o *Academic Heritage* tem como objetivo salvaguardar e promover o acervo, gerenciar projetos, investigações e realizar exposições interdisciplinares e acessíveis para um público amplo. Nota-se que a Universidade de Dresda possui uma série de coleções em seus respectivos departamentos acadêmicos, constituídas por objetos ainda em uso nos âmbitos do ensino e da investigação (*Academic Heritage*, 2020). Sendo assim, o *Academic Heritage* gerencia apenas as coleções museológicas da Universidade.

As exposições abertas ao público estão divididas em dois espaços. O gabinete do *Academic Heritage* apresenta uma exposição permanente das diferentes coleções pertencentes à Universidade (fig. 7), e pode ser visitada com marcação prévia. Já o *Altana Galerie* (fig. 8) é um espaço de exibição que promove o encontro entre a arte contemporânea, ciência e investigação. Neste espaço são realizadas exposições temporárias e atividades do projeto *Schaufler Lab@*, um laboratório colaborativo entre investigadores da Universidade das áreas da tecnologia, arte, ciência e empreendedorismo (*Academic Heritage*, 2020).

## Figura 7

### *Espaço expositivo do Academic Heritage*



*Anotação. Foto ilustrativa do espaço expositivo do Academic Heritage. Fonte: Technische Universität Dresden, 2020. Academic Heritage (<https://tu-dresden.de/kustodie/ausstellungen/staendige-ausstellung>).*

A exposição permanente do *Academic Heritage* pode ser entendida como uma oportunidade para refletir sobre o modo como uma grande parte dos museus universitários expõem o seu acervo. Em uma exposição simples e organizada, as coleções ficam expostas em grandes vitrinas, e, nos melhores casos, com alguma informação sobre os objetos expostos. Sendo assim, questiona-se: é possível construir uma narrativa expositiva crítica nestes espaços? Considerando que são objetos frequentemente usados em investigação, ensino, atividades pedagógicas, como musealiza-los para além do acondicionando seguro? Como comunicar o conhecimento implícito a estes objetos para um público amplo e com uma linguagem compreensiva a todos? O que tudo indica, o *Academic Heritage* conseguiu organizar e solucionar algumas destas problemáticas com um outro espaço, o *Altana Galerie*.

Isto porque, na *Altana Galerie* as coleções de ensino e investigação são interpretadas transgredindo o óbvio, ao lado da produção artística contemporânea. As exposições evocam um novo olhar sobre estas coleções, possibilitam a exibição a um público mais amplo. Principalmente, trata-se de uma solução para o modo de gerenciar as coleções, uma vez que é possível mitigar possíveis confrontos entre as atividades de ensino e pesquisa e o desenvolvimento de exposições (Academic Heritage, 2020).

**Figura 8**

*Espaço expositivo do Altana Galerie*



*Anotação. Foto ilustrativa do espaço expositivo Altana Galerie. Fonte: Karen Weinert, 2019. Facebook (<https://www.facebook.com/officeforacademicheritage/photos/a.711996182337419/1257832634420435>).*

## 2 Política de Exposição para o Centro Interpretativo do FEUPmuseum

### 2.1 Caracterização do FEUPmuseum

O FEUPmuseum, Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, é um projeto em construção desde 2004. A sua gestão é da responsabilidade da Unidade de Museu, que por sua vez está integrada nos Serviços de Documentação e Informação (SDI) da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP). A Unidade de Museu é responsável pela gestão do património museológico da FEUP, pelas atividades culturais e pela exploração dos acervos documentais de responsabilidade do SDI. Logo, à gestão do FEUPmuseum compete promover, apoiar e colaborar para a salvaguarda, estudo e divulgação do património museológico da FEUP.<sup>25</sup> O FEUPmuseum possui como valores do seu modo de trabalhar as dimensões colaborativa, participativa e experimental, um reflexo dos valores do SDI. Responsável por artefactos com valor museológico da faculdade em questão, o FEUPmuseum trabalha de forma transversal respeitando as polivalências pedagógicas, investigativas e patrimoniais que os objetos podem conter. Além disso, o FEUPmuseum tem como objetivo ultrapassar os limites de um serviço de salvaguarda para um agente educacional, presente nos produtos académicos executados pela FEUP, de modo a desempenhar o papel de divulgador e espaço de reflexão<sup>26</sup>. Todas as duas atividades devem estar alinhadas à missão da Faculdade, a qual seria:

A FEUP é uma instituição de criação, transmissão e difusão do conhecimento, da tecnologia e da cultura na área da engenharia, e tem, como componente relevante, a preparação de jovens para o exercício da profissão de engenheiro a um nível internacional, sustentada em Investigação e Desenvolvimento de excelência, contemplando as vertentes científica, técnica, ética e cultural (FEUP, 2013).

Para compreender como o FEUPmuseum se manifesta é necessário compreender a estrutura no qual está inserido. Segundo o Regulamento orgânico da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (n.º 53/2018) publicado no dia 23 de janeiro de 2018:

Os Serviços de Documentação e Informação (SDI) exercem a sua atividade no âmbito da gestão, da difusão e da conservação da documentação e informação científico-técnica e de

---

<sup>25</sup>Regulamento n.º 53/2018 Regulamento Orgânico da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (2018). Diário da República: n.º 16/2018, Série II, 23 de janeiro de 2018, pp. 2895 - 2901. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/home/-/dre/114561438/details/maximized?jp=true>.

<sup>26</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

cariz pedagógico e patrimonial, visando o apoio ao ensino e investigação e a preservação da memória e do património cultural e tecnológico da FEUP. 2 — Os SDI integram: a) A Unidade de Arquivo (UA); b) A Unidade Biblioteca (UB); c) A Unidade de Museu (UM); d) A Unidade de Serviços Eletrónicos (USE) (Regulamento Orgânico da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Diário da República n.º 16/2018, 2018, p. 2898).

O SDI está dividido em três grandes áreas: arquivo, museu e biblioteca, e a sua gestão ocorre de modo integrado e colaborativo. Internamente é constituída por divisões, as divisões por unidades, e por fim, as unidades por equipas. Logo, equipas diferentes podem contribuir para diferentes processos, o que corresponde a uma lógica integrada GLAM (*Gallery, Library, Archive and Museum*). Pondera-se que este modelo horizontal, colaborativo e integrado permite um número reduzido de funcionários. Logo, as competências desempenhadas por cada um podem atender a diferentes serviços que o SDI presta à comunidade da FEUP. Uma vez que se tratam de serviços, seu volume dependerá da demanda exigida pela comunidade FEUP.

A construção das equipas tem a ver com os serviços prestados de gestão de informação e documentação, serviços estes que dão centralidade ao documento, na sua função primordial de contendor e transmissor de informação, independentemente da sua proveniência ou suporte (o que implica uma organização por especialidade - Arquivística, Biblioteconomia, Museologia e outras). A título de exemplo, o SDI possui uma conservadora que presta serviço, de forma integrada, às três unidades (biblioteca, arquivo e museu) que, por sua vez, partilham valores semelhantes em relação a preservação do património e a disseminação e acesso à informação. A conservação dos artefactos obedece ao Plano de Conservação Preventiva elaborado pelo SDI. Independente do suporte, todos do SDI trabalham em processos que permitem apoiar a interpretação e exploração do documento, e enriquecer e evidenciar o valor da sua mensagem<sup>27</sup>.

O Manual de Cinemática do Reuleaux é um ótimo exemplo para compreender a lógica integrada no tratamento técnico da documentação do SDI. Enquanto livro ou documento será responsabilidade da Unidade de Biblioteca. Por sua vez, a informação que contém é útil para fins de estudo da coleção museológica. Enquanto material didático, poderá ser utilizado para fins investigativos ou para apoio ao estudo na área da Engenharia Mecânica. Portanto, o património universitário carece de um serviço integrado que atenda as suas múltiplas valências (seja pelo âmbito

---

<sup>27</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

cultural, pedagógico ou investigativo) para que a comunidade tenha acesso e o valorize em múltiplos sentidos.<sup>28</sup>

## 2.2 Modelo Polinucleado

O FEUPmuseu tem como objetivo preservar, documentar, interpretar e divulgar o acervo material e imaterial que são representativos da história, memória e identidade da FEUP (Medina, 2014). O Museu trabalha de modo colaborativo com a comunidade docente, estudantes e investigadores com a finalidade de transmitir e incentivar a produção de conhecimento sobre as coleções universitárias, acrescentando-lhe valor (Medina, 2010). As coleções estão divididas em sete grupos disciplinares, correspondentes aos Departamentos e Serviços da Faculdade: Engenharia Química, Informática, de Minas, Metalúrgica, Civil, Electrotécnica e Mecânica (Medina, 2010).

A primeira manifestação formal do FEUPmuseu ocorreu em 2004, quando é referida, no novo regulamento orgânico da Faculdade de Engenharia, a Unidade de Museu no âmbito dos Serviços de Documentação e Informação. Cada departamento da Faculdade possuía uma biblioteca própria (bem como as coleções) e o regulamento de 2004 propôs a unificação das bibliotecas em uma biblioteca central, como destino único dos exemplares adquiridos na Faculdade e sujeitos a tratamento profissional. Logo, a inclusão da Unidade de Museu cumpriria a mesma operação que a Unidade da Biblioteca no que respeitava aos objetos com valor museológico da FEUP<sup>29</sup>.

Desde então, o FEUPmuseu vem sofrendo transformações em seu modelo de museu universitário. Medina<sup>30</sup> explica que inicialmente a ideia era desmaterializar o Museu:

Esta ideia de ser um museu polinucleado, esta ideia do museu ser cada um de nós, esta ideia de desmaterializá-lo e poder aceder a ele em um ambiente digital em qualquer hora do dia ou da semana. Esta ideia de cada um poder contribuir com seu conhecimento para o enriquecimento da informação preservada no museu etc. Em termos conceituais funcionava bem, acho que o conceito estava bem formulado, mas poucas foram as pessoas que conseguiram perceber (S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020).

---

<sup>28</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

<sup>29</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

<sup>30</sup> op. cit.

Medina<sup>31</sup> pondera dois motivos pelos quais esse modelo, que considera como “poético”, não tenha recebido uma maior receptividade da comunidade FEUP: primeiro, a representação do que é um museu, pois grande maioria da comunidade FEUP entende que um museu “começa por ser um edifício, aqueles de frontal clássico a porta; que reúne todas as coleções atrás de vitrines; e que tem uma exposição permanente”<sup>32</sup>. Em segundo lugar, a própria essência dos engenheiros, “racionais”, “práticas” e “objetivas”, sendo que poucos conseguiram compreender e aceitar a ideia não materializada do museu. Logo, não resultaria ser um museu para comunidade, se a comunidade não abraçou de todo esta ideia. Portanto, Medina explica o FEUPmuseu em sua essência:

É o museu que é mediador, mas que também é um espaço de confiança, um espaço de informação de qualidade. Um espaço que apoia talentos e apoia o desenvolvimento pessoal. É um espaço que descentra de si próprio e vai ao encontro dos seus públicos. Vai ao encontro de quem precisa. Estabelece pontes entre a área multidisciplinar em que se organiza com os cidadãos que têm necessidade de perceber o que ali acontece, o que se faz nessa área, e como tomar decisões nessas áreas (S. Medina, Entrevista, 10 de abril de 2020).

O FEUPmuseu sempre procurou promover a história e a memória da comunidade e a sua produção científica de modo a inspirar e incentivar a comunidade e os seus visitantes. Assumindo um papel de mediador do património da faculdade em questão, o FEUPmuseu compreende que nem todos que englobam como comunidade FEUP e seus visitantes são engenheiros. Logo, o museu procura trabalhar com uma dimensão de um serviço colaborativo, participativo e experimental propondo em suas atividades e exposições uma reflexão crítica contemporânea da engenharia. Desta forma, é preciso encontrar um modelo de museu universitário que atenda as necessidades desta comunidade, uma vez que o FEUPmuseu não está em um sítio de fácil acesso, está fechado ao fim de semana e as coleções museológicas estão espalhadas pelo *campus* da Faculdade.

---

<sup>31</sup> op. cit.

<sup>32</sup> op. cit.

**Figura 9**

*Coleção museológica em exposição na FEUP 1*



*Anotação. Coleção em exposição do Departamento de Engenharia Química. Fonte: Juliana Bittencourt, 2020.*

O FEUPmuseu é um serviço agregado ao SDI e se define como um museu polinucleado (Medina, 2010). Baseado nos pilares que caracterizam um museu universitário, parte do seu acervo fica exposto em grandes vitrines espalhadas pelos corredores nos respetivos departamentos (figs. 9 e 10). As vitrines visam expor o acervo, criar visibilidade e aproximação com a comunidade FEUP. Hoje, o FEUPmuseu está a reunir recursos para poder se classificar como uma coleção visitável<sup>33</sup>. Contudo, há alguns passos a serem tomados para que isso ocorra. Primeiro, estudar e continuar a constituir

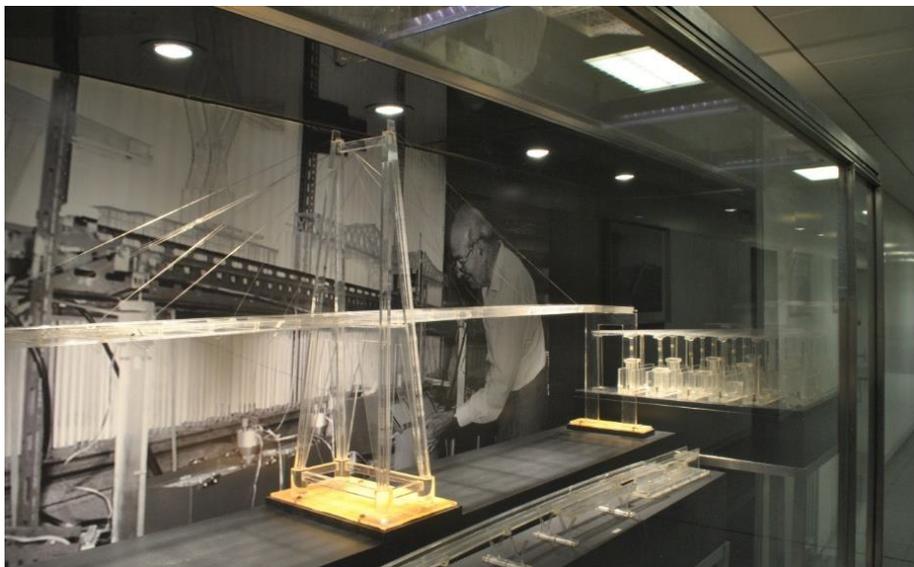
---

<sup>33</sup> Segundo o artigo 4º da Lei nº 47/2004 de 19 de agosto da Lei Quadro dos Museus Portugueses, coleção visitável é definida como: “conjunto de bens culturais conservados por uma pessoa singular ou por uma pessoa coletiva, pública ou privada, exposto publicamente em instalações especialmente afetas a esse fim, mas que não reúna os meios que permitam o pleno desempenho das restantes funções museológicas” (Lei nº 47/2004 Lei Quadro dos Museus Portugueses (2004). Diário da República n.º 195/2004, Série I-A de 19 de Agosto de 2004, pp.5379-5380. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/480516/details/normal?q=Lei+n.o+47%2F2004+>)

coleções. Em segundo lugar, torná-las visitáveis, e, para que isto ocorra é necessário estarem “acondicionadas, expostas, e se possível, acompanhadas de uma componente de interpretação”<sup>34</sup>.

**Figura 10**

*Coleção museológica em exposição na FEUP 2*



*Anotação. Coleção em exposição do Departamento de Engenharia Civil. Fonte: Juliana Bittencourt, 2020.*

A coleção pertencente a FEUP possui uma valência híbrida, isto é, possui valor museológico, bem como, pedagógico e investigativo. Medina aponta para a necessidade do FEUPmuseu continuar com um modelo polinucleado e a importância em guardar as coleções nos departamentos de origem:

Penso que já falei das vantagens de nós continuarmos a crescer no modelo polinucleado, pois é essencial para a coleção universitária que ela continue a integrar todos os processos dentro de uma faculdade. É importante que os alunos continuem a trabalhar sobre eles, continua a acrescentar mais valias sobre eles em termos de conhecimento e consiga acrescentar novos valores do tempo presente, e ao mesmo tempo, também possam inspirar novas investigações. Portanto, é essencial de facto que eles estejam, continuem e permaneçam nos departamentos (S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020).

---

<sup>34</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

**Figura 11**  
*Coleção museológica em Reserva*



*Anotação. Coleção museológica na reserva do FEUPmuseum. Fonte: Juliana Bittencourt (2020).*

Além dos espaços nos departamentos, o FEUPmuseum possui uma reserva no sexto andar da Biblioteca onde recebe as doações e pretende-se no futuro tornar um espaço de laboratório sobre as coleções (fig. 11). O espaço terá como objetivo contemplar a lógica de experimentação e exploração com atividades voltadas para as coleções, como já ocorreu pontualmente no passado<sup>35</sup>.

**Figura 12**  
*Espaço Polivalente na Biblioteca*



---

<sup>35</sup> Ocorreu no mestrado da Maria Van Zeller (2013).

*Anotação. Espaço polivalente sem exposição. Os plintos são versáteis, podem ser espaços de apoio tanto na vertical quando na horizontal. Fonte: Juliana Bittencourt, 2020.*

A Biblioteca tem um espaço polivalente no piso zero (fig. 12), cuja gestão é de competência do SDI. A Unidade de Museu, assim como outros serviços e departamentos da Faculdade, faz uso deste espaço com atividades culturais e exposições temporárias. A cada dois anos, o FEUPmuseum estuda uma das coleções da Faculdade e finaliza o processo com uma exposição de resultados deste estudo neste mesmo espaço. Além disto, a Unidade de Museu tem como competência incentivar e auxiliar a comunidade FEUP no desenvolvimento de exposições. Divulgação de projetos de investigação, concurso de fotografia, projetos artísticos, são algumas destas exposições.

Para a gestão do património, o FEUPmuseum utiliza o *software* chamado *In Arte*. O *software* possui várias funcionalidades, bem como uma base de dados com as fichas de inventário museológico. A base de dados é integrada a um catálogo digital *online* e de livre acesso ao público. Logo, ele auxilia o acesso às coleções da Faculdade, melhorando as atividades vinculadas à gestão de acervo, bem como disponibiliza a coleção à investigação externa, como também, àqueles que investigam por prazer e curiosidade (Zeller, 2013). O catálogo *online* espelha o carácter polinucleado do Museu, como também, viabiliza o acesso em modo digital, mesmo nos horários que a Faculdade não está aberta<sup>36</sup>.

Há dois elementos fundamentais para o FEUPmuseum se concretizar como uma coleção visitável. O primeiro, a necessidade em estudar as coleções, o que contribui para a compreensão e comunicação da importância dos objetos que as constituem como património da Faculdade e como coleção do FEUPmuseum. O segundo elemento fundamental é o desenvolvimento de “um percurso, um roteiro interno que permita ligar todas estas áreas de exposição de forma que um visitante interno e externo possa usufruir”<sup>37</sup> a dimensão interpretativa dos objetos expostos. Portanto, há um acúmulo de atividades para se conseguir chegar à coleção visitável. Contudo, esse acúmulo de atividades não invalida a importância nem mesmo o planeamento da gestão do FEUPmuseum. Nesse sentido, há atualmente dois procedimentos que transcorrem na construção do modelo do FEUPmuseum: a regulamentação do FEUPmuseum e a criação do seu Centro Interpretativo.

A regulamentação reforçará a ligação do FEUPmuseum à Faculdade, bem como, visará estabelecer e orientar o FEUPmuseum como o serviço que tutela as coleções museológicas dentro da

---

<sup>36</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

<sup>37</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

FEUP, e não somente como uma unidade que presta serviços na área da museologia. É importante apontar que a regulamentação está relacionada ao conhecimento e competência na vertente museológica que são responsabilidades do FEUPmuseum, bem como da atribuição da tutela sobre as coleções dos diferentes núcleos que o constituem<sup>38</sup>. Ao mesmo tempo, segundo a *Association of Academic Museums e Galleries* (AAMG, 2017), a institucionalização de um museu universitário deve ser acompanhada por um plano museológico. De acordo com IBRAM (2016), o plano museológico é uma ferramenta de planeamento estratégico que visa construir a identidade da instituição museológica com a finalidade de orientar a sua gestão. O documento organiza e prioriza os objetivos e ações da gestão interna e externa do museu de modo a atender as funções sociais e orientar a sua trajetória. Contudo, no caso do FEUPmuseum, o desenvolvimento de um plano museológico não é uma atividade prevista para ser executada a curto prazo. Devido ao número reduzido de recursos humanos, há uma ordem de prioridades no desenvolvimento dos projetos. Quando o regulamento interno e o Centro Interpretativo estiverem concluídos, o plano museológico será desenvolvido.

A criação do Centro Interpretativo, por sua vez, tem como objetivo materializar o FEUPmuseum em uma diferente manifestação museológica, apoiando a abordagem polinucleada e proporcionando a interpretação expositiva do património (material e imaterial) da FEUP (S. Medina, Comunicação Pessoal, Abril 10, 2020). Logo, a construção do Centro Interpretativo auxilia na concretização do FEUPmuseum como uma coleção visitável.

### **2.3 Breve perspetiva histórica da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto**

Considerando a importância da história da FEUP para a compreensão do seu património, torna-se necessário, mesmo que de maneira breve, reconhecer as diferentes instituições de ensino que estiveram na sua origem, nomeadamente, a Aula Náutica (1762), a Aula de Debuxo e Desenho (1779), a Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto (1803) e Academia Politécnica do Porto (1837) (Medina, 2010).

---

<sup>38</sup> A regulamentação do FEUPmuseum promoverá uma repartição das responsabilidades sobre a tutela dos acervos com os departamentos. Foi constituído um conselho consultivo com representante de cada departamento e serão colocados em discussão os fundamentos da regulamentação dessas relações. Durante a entrevista com Medina (Entrevista, 10 de Abril 10 de 2020) é perceptível as características fundamentais do FEUPmuseum (mediador, colaborativo, participativo e experimental) durante este processo. Também, percebe-se a vontade em se constituir um modelo de museu universitário que atenda a comunidade FEUP. A regulamentação ocorre para delimitar as fronteiras do FEUPmuseum e se consolidar de modo formal na Faculdade.

A Junta Administrativa da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro teve um papel fundamental no ensino público na cidade do Porto. A junta foi responsável pela administração e execução da Aula de Náutica (1762) focada em ensinamentos práticos nos domínios ultramarinos. Curso criado a pedido de influentes comerciantes do Porto à Coroa (Ribeiro, Fernandes e Reimão, 2001), a Aula de Náutica tinha como objetivo profissionalizar a formação de pilotos e marinheiros para um melhor desempenho na navegação comercial uma vez que a cidade era um polo comercial e de distribuição (Azevedo, 2012).

Alguns anos mais tarde, a pedido da Junta, foi criada a Aula de Debuxo e Desenho (1779). Na necessidade de promover uma melhor capacitação ao estudo técnico, os comerciantes solicitaram mais uma vez à Coroa a criação de aulas de matemática, comércio e línguas (Inglês e Francês). O Príncipe Regente, futuro Dom João VI, não apenas acolheu o pedido como foi além. Foi criada a Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto (1803), um modelo que se assemelhava a um instituto politécnico (Ribeiro, Fernandes e Reimão, 2001). Substituindo as aulas criadas anteriormente, Azevedo (2012) explica que a Academia passa a ministrar aulas de matemática, comércio, desenho, filosofia racional e moral, francês, inglês, naval e agrícola.

A primeira metade do século XIX foi marcada por diversas transformações no país. O fomento de novas ideologias e políticas resultaram na criação da Constituição de 1822, o que influenciou diretamente na estrutura de algumas instituições. Em consequência, a administração da Academia passou a ser regida pelas regras dos ensinos estatais entre 1834 a 1837. A mudança política também atingiu a educação estatal, principalmente durante o governo de Passos Manuel (1836-1837), Ministro do Reino de D. Maria II. Houve grandes mudanças nas práticas pedagógicas e na conceção de ensino até então praticadas. Com o objetivo de descentralizar o ensino, uma vez que estavam concentradas em Coimbra, e implementar um ensino científico com métodos experimentais e técnicos, foi criada a “Academia Polytechnica do Porto” (1837), a primeira escola superior de engenharia do país (Medina, 2010). Destinada a formar engenheiros (civil, minas, construtores de pontes e estradas), a Academia Politécnica também propunha adaptar os cursos herdados da instituição anterior e manter tradição de determinados cursos. Logo, manteve a formação nos segmentos de indústria, agrícola, naval e artística (Ribeiro et al, 2001).

A organização política do país provocou novas mudanças no sistema público de ensino. A implantação da República em 1910 trouxe uma reforma no ensino superior público e a criação da Universidade do Porto em 1911 (Medina, 2010). A Academia Politécnica foi desmembrada e integrada

à nova Faculdade de Ciências, unindo-se com a Escola Médico-Cirúrgica para constituir a Universidade do Porto (Ribeiro et al., 2001). Contudo, a Escola de Engenharia Civil encontrava-se anexa à Faculdade de Ciência, um modelo que não cumpria com a missão designada e com a maior autonomia que a Escola exigia. Então, foi criada a Faculdade Técnica (1915) destinada ao ensino aplicado à engenharia, oferecendo os cursos de química industrial, mecânica, eletrotécnica, civil e minas.

A Universidade do Porto vivenciou fortes limitações devido à ditadura instaurada em 1926. Apesar disso, a Faculdade Técnica formalizou a mudança do nome para a então conhecida Faculdade de Engenharia (1926). Nesse período, o ensino em Engenharia sofreu algumas alterações na base curricular, com a unificação do ensino nacional nesse segmento. No centenário da Academia Politécnica (1937), foi inaugurado um edifício na Rua dos Bragas onde a Faculdade permaneceu até os anos 2000, quando ocorreu a mudança para o Polo II Universitário, chamado *Campus da Asprela* (2000) onde se encontra na atualidade (Medina, 2010).

#### **2.4 Património do FEUPmuseu**

Segundo Medina (2010), a Engenharia é uma área abrangente que engloba uma variedade de ciências disciplinares; característica esta que somada à análise crítica e à investigação por meio de experimentação, contribuiu para que a FEUP acumulasse acervos dos mais variados. A diversidade do seu acervo é entendida ainda como um reflexo da sua história e de momentos de ausência de critérios claros de seleção e descarte de objetos.

Sendo assim, o acervo do FEUPmuseu é composto por instrumentos históricos, equipamentos e modelos usados para fins de ensino e investigação, instrumentos que apoiaram atividades experimentais e/ou produzidos na esfera profissional de ex-alunos e docentes na Faculdade. Uma vez que se tornaram obsoletos ou perderam o seu propósito original passaram, a princípio, por uma seleção que hoje está fundamentada numa política patrimonial voltada para a compreensão do seu valor para a coleção e para a Faculdade. A salvaguarda desses objetos consolida o património da Faculdade, com valor simbólico e histórico importante para a instituição, incorporando não apenas a sua identidade, como também, a investigação académica.

Muitos dos objetos que compõem o acervo museológico da FEUP contribuem como fontes primárias de investigação e motivam novos estudos, principalmente sobre o próprio acervo. Algumas das principais coleções já estudadas são: “Instrumentos científicos de astronomia e topografia da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto (1803-1837)”; “Modelos didáticos de distribuição de

vapor de J. Schröder, adquirida pela Academia Politécnica do Porto no século XIX”; “Modelos didáticos de cinemática, fabricados por Gustav Voigt, de acordo com o sistema criado por Franz Reuleaux (1881-1895)”; “Instrumentos do Gabinete de Topografia (1915)” (Medina, 2010).

### Figura 13

*Coleção Museológica em Exposição Na Feup 3*



*Anotação. Coleção em exposição do Departamento de Engenharia Mecânica. O ecrã na parte superior a esquerda apresenta alguns dos projetos recentes do departamento. Fonte: Juliana Bittencourt, 2020.*

Grande parte do universo museológico do FEUPmuseu é constituído por evidência material, isto é, foi gerado no âmbito de atividades de transmissão e produção de conhecimento ao longo do tempo<sup>39</sup>. Porém, durante o processo de incorporação do objeto há a necessidade em salvaguardar outros tipos de materialidade. O processo de conhecimento não é linear, portanto é importante preservar algo das diferentes fases da investigação para compor sua história e a musealização do objeto<sup>40</sup>. Medina exemplifica o encontro multidisciplinar entre património e ciência frente às investigações no âmbito contemporâneo:

Porque continuamos interessados e atentos em preservar o património científico e tecnológico recente. Depois, temos também uma área mais, vamos constituir acervo em tempo real. O que estou a preparar neste momento é um projeto que envolva todos aqueles que estão neste momento a dar resposta à questão do COVID na FEUP. A metodologia é da *rapid response collecting*, portanto, é uma tentativa em preservar em tempo real essas

---

<sup>39</sup> Contudo, muitas vezes continua a integrar a componente de ensino ou investigativa, condição esta que atribui ao património um estatuto híbrido.

<sup>40</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

materialidades que daqui uns anos serão representativas no tempo em que vivemos e da resposta que a FEUP tem dado à sociedade civil no apoio a combate e prevenção nesta pandemia (S. Medina, Comunicação Pessoal, Abril 10, 2020).

O interesse de salvaguarda do FEUPmuseu não está relacionado apenas ao património científico e tecnológico, mas também ao intelectual e cultural. Aponta-se aqui para dois exemplos: a primeira, a realização da Maratona Literária sobre Jorge de Sena, antigo aluno da FEUP que completaria 100 anos em janeiro de 2020, e que teve como objetivo envolver a comunidade FEUP em uma leitura coletiva de sua obra *O Físico Prodigioso* (1964). O segundo, ainda em desenvolvimento, uma exposição sobre as Mulheres da Engenharia com o objetivo de dar voz e os nomes a algumas mulheres marcantes que fizeram parte da comunidade FEUP<sup>41</sup>.

Além disto, o FEUPmuseu detém um acervo de objetos pessoais de antigos docentes, que foram doados pelo próprio ou pela família, como por exemplo: becas, trajes acadêmicos, livros, *hardware*, *software*, protótipos, diários, entre muitos outros. Há também acervo para fins decorativos, como: fotografias, mobílias, desenhos, pinturas, estes ficam espalhados pelos diversos edifícios da FEUP. O FEUPmuseu dispõe de uma Política de incorporações<sup>42</sup> dos objetos, contudo, os espaços não são elásticos e a equipa é reduzida, logo, há uma dificuldade em relação ao volume de potenciais objetos a serem musealizados<sup>43</sup>.

## 2.5 Diagnóstico

A FEUP tem demonstrado, em especial desde 2011, uma preocupação em adotar atividades que envolvam o âmbito cultural, civil e humanista da sua comunidade. A Faculdade incluiu em seu plano estratégico políticas de desenvolvimento cultural atendendo não apenas a sua missão como escola, mas à terceira missão designada pela Universidade do Porto: “transferência de conhecimento e tecnologia, a prestação de serviços, a oferta de formação contínua, a participação na discussão de políticas nacionais e o envolvimento na vida económica, cultural e social da nossa região e do país” (Plano Estratégico FEUP, 2011, p.23). Alguns dos pontos apresentados neste documento são: criar uma programação cultural que atenda a diversos âmbitos; promover atividades que valorizem a

---

<sup>41</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

<sup>42</sup> Regulamento interno FEUPmuseu que está em desenvolvimento.

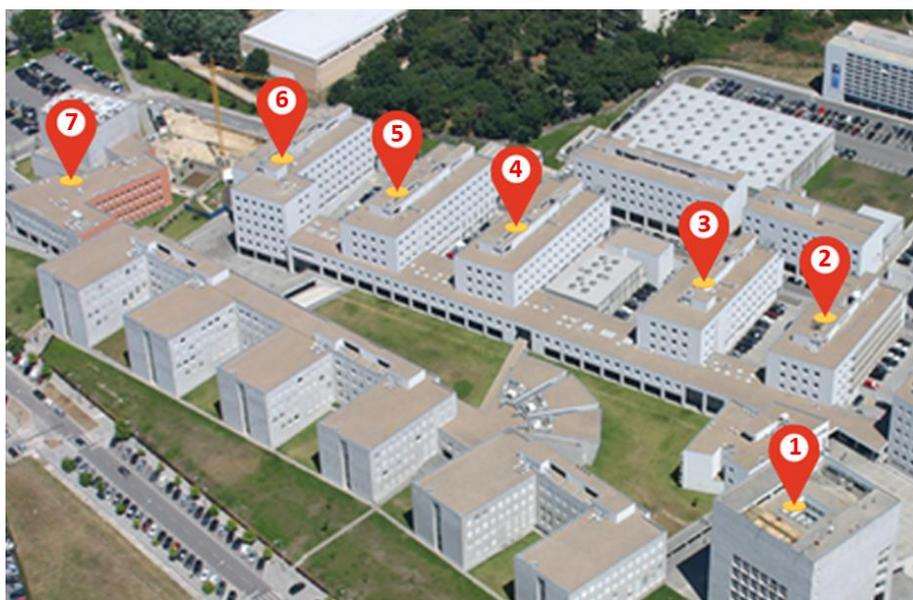
<sup>43</sup> S. Medina, Entrevista, 10 de Abril de 2020.

memória institucional, o património da Faculdade e a cultura portuguesa; e, construir pontos de encontro que promova socialização da comunidade (op. cit.).

Constituído como um instrumento de serviço no âmbito museal, o FEUPmuseum empenha-se em desenvolver um encontro entre os seus objetivos estratégicos, estipulados pela Faculdade, e se consolidar diante da comunidade como um agente produtor e divulgador de conhecimento no contexto museológico da Faculdade. Embora a criação desta unidade museal tenha ocorrido em 2004, a formalização de um espaço exclusivo para o FEUPmuseum nunca foi uma prioridade para o Órgão de Gestão da Faculdade. Esta situação provocou uma lacuna relevante na conceção do Museu em relação ao património e à comunidade, uma vez que não há um espaço exclusivo para exposição e interpretação do património museológico da Faculdade. A falta de um espaço destinado ao Museu inviabiliza a construção de narrativas com o acervo e a divulgação dos estudos académicos a partir de um olhar museológico sobre o património.

#### Figura 14

*Campus da Faculdade de Engenharia com os núcleos museológicos assinalados*



*Anotação.* Cada número representa um espaço onde se encontra um núcleo polivalente exposto da coleção museológica. Fonte: Adaptada de FEUP\_aerea\_000 de idD Portugal Defence, s.d. Portugal Making the difference (<http://btid.iddportugal.pt/listing/feup/gallery/>).

A figura 14 ilustra a composição dos núcleos museológicos do FEUPmuseum no *campus* da Faculdade. O número um indica o edifício da Biblioteca, onde se encontra a sala polivalente de exposição e a reserva do FEUPmuseum. Os números dois, três, quatro, cinco e seis indicam os

departamentos que possuem objetos do acervo exposto sendo: (2) Engenharia Mecânica e Gestão Industrial, (3) Engenharia Electrotécnica e de Computadores e Engenharia de Informática, (4) Engenharia Civil, (5) Engenharia de Minas e Engenharia de Metalúrgica e de Matérias, (6) Engenharia Química. O número sete indica o edifício principal que possui em sua entrada principal alguns objetos expostos. Portanto, estes núcleos caracterizam o FEUPmuseum como um museu polinucleado.

**Figura 15**

*Coleção Museológica em Exposição Na Feup 4*



*Anotação. Coleção em exposição do Departamento de Engenharia Civil. Fonte: Juliana Bittencourt, 2020.*

Para o FEUPmuseum, o acervo deve estar próximo aos seus respectivos departamentos (fig. 15). A instituição acredita que desta forma potencializa a componente pedagógica do acervo. Uma questão bastante relevante para a dinâmica exercida entre a Unidade de Museu com a direção e os departamentos académicos da Faculdade. Contudo, não há um discurso que una estes diferentes núcleos, o que dificulta a compreensão da comunidade e do visitante na manifestação do FEUPmuseum como um museu e na perceção da memória institucional envolvida nestas coleções. Logo, a divulgação da memória institucional e o património da Faculdade só ocorre quando há uma atividade ou exposição temporária na sala polivalente da Biblioteca.

O número reduzido de colaboradores dificulta a execução de algumas atividades, por exemplo, o estudo de coleções. Para construir uma exposição como agente produtor de conhecimento, o FEUPmuseum necessita de dois anos para a execução do projeto. Entretanto, o FEUPmuseum auxilia na

execução e divulgação de sete a dez exposições que ocorrem na sala polivalente da Biblioteca e a motivação em desenvolvê-las parte de alunos e professores. Percebe-se um empenho por parte da Unidade de Museu em manter atividades que envolvam a comunidade e o património da Faculdade.

Ao longo dos anos a Unidade de Museu constituiu uma rede de parceiros para o FEUPmuseum. Além da Direção, os departamentos académicos e a comunidade da Faculdade de Engenharia – considerados os seus principais parceiros –, a sua rede estende-se para outras instituições dentro e fora da Universidade do Porto. Dentro da Faculdade de Engenharia, a Unidade de Museu estabelece um relacionamento com outras unidades de serviço que a Faculdade oferece, como a Unidade de Informática, Comunicação e Médias, necessárias para executar ou promover as atividades do FEUPmuseum. Ainda dentro da Universidade do Porto, a Unidade de Museu estabelece uma parceria com departamentos académicos e serviços como a Faculdade de Letras e a Faculdade de Belas Artes, das quais recebe alunos de diferentes ciclos para atividades de investigação e/ou atividades académicas e culturais; também possui um bom relacionamento com a Faculdade de Ciências com a qual já se uniu para desenvolver atividades culturais, tendo em vista que possuem em comum parte do acervo e da sua história. Além destes, estabelece um bom relacionamento com o Museu de História Natural e com a Reitoria da Universidade, polos centrais de atividades culturais da U.Porto.

Fora do universo da Universidade do Porto, a Unidade de Museu possui um ótimo relacionamento com os gestores do Museu do Instituto de Engenharia do Porto (ISEP), com o qual compartilha coleções semelhantes e constitui um diálogo de colaboração entre as instituições. Também possui um bom relacionamento com os museus industriais de diversos lugares de Portugal, com os quais compartilha informações sobre o seu acervo; com leiloeiros que ajudam a atribuir, por exemplo, o valor monetário atual do acervo; e por último, com investigadores (formais ou não) com os quais compartilha informações que podem contribuir para o estudo de coleções do acervo.

### **2.5.1 Análise SWOT**

Para auxiliar o diagnóstico, optou-se pelo instrumento de análise SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*), que avalia as forças, fraquezas, oportunidade e ameaças no ambiente interno e externo no qual o museu está inserido (IBRAM, 2016). Para o desenvolvimento desta análise foi fundamental a realização das atividades de estágio exercidas no FEUPmuseum e a entrevista efetuada a Susana Medina<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Veja-se o apêndice C.

**Tabela 2***Análise SWOT do FEUPmuseu*

Ambiente	Forças	Fraquezas
Interno (análise interna)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Disponibilidade do acervo à comunidade FEUP;</li> <li>2. Disponibilidade online do acervo através do software In Arte;</li> <li>3. Relevância patrimonial do acervo;</li> <li>4. Conselho consultivo com representantes de cada departamento da FEUP;</li> <li>5. Significativa produção cultural;</li> <li>6. O <i>campus</i> da Asprela;</li> <li>7. Vínculo com uma instituição de excelência;</li> <li>8. Cooperação técnica com alunos e antigos funcionários;</li> <li>9. Bom relacionamento com os seus parceiros; e</li> <li>10. Autonomia nas atividades exercidas pela Unidade de Museu.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Baixo número de funcionários;</li> <li>2. Falta de um espaço expositivo exclusivo do FEUPmuseu;</li> <li>3. Dispersão do acervo;</li> <li>4. Não formalização dos voluntários;</li> <li>5. Má Localização;</li> <li>6. Pouca flexibilização do horário de funcionamento do <i>campus</i>;</li> <li>7. Pouca acessibilidade;</li> <li>8. Falta de um plano museológico;</li> <li>9. Pouca disponibilidade de espaço para a salvaguarda do acervo; e</li> <li>10. Dificuldade em estabelecer um diálogo com os departamentos da FEUP.</li> </ol>
Externo (análise externa)	<p>Oportunidades</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Criar um espaço de encontro;</li> <li>2. Utilizar mais os canais de comunicação disponíveis na FEUP;</li> <li>3. Desenvolver atividades nos diferentes espaços do <i>campus</i>;</li> <li>4. Valorização da Cultura por diferentes canais de comunicação;</li> <li>5. Reestruturar a Unidade de Museu;</li> </ol>	<p>Ameaças</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Crise Económica;</li> <li>2. Redução do número de visitantes;</li> <li>3. Nova Gestão da FEUP;</li> <li>4. Rotatividade do conselho consultivo;</li> <li>5. Sinistros associados ao acervo; e</li> <li>6. Concorrência direta ou indireta com outras atividades.</li> </ol>

Oportunidades	Ameaças
<p>6. Manter-se informado sobre as manifestações sociais e políticas contemporâneas;</p> <p>7. Ampliar a equipa técnica;</p> <p>8. Participar de iniciações científicas e editais de apoio a projetos;</p> <p>9. Fortalecer a relação com os parceiros; e</p> <p>10. Integrar a Rede Portuguesa de Museus.</p>	

### Ambiente Interno

#### **Forças**

1. **Disponibilidade do acervo à comunidade FEUP** – a disponibilidade do acervo está associada a sua utilização com finalidade investigativa e/ou pedagógica, como também, ao seu acondicionamento em vitrines expostas em espaços semipúblicos, nos departamentos da Faculdade, visando contribuir para a aproximação do acervo com a comunidade e visitantes externos.
2. **Disponibilidade online do acervo através do software In Arte** – o FEUPmuseu utiliza um software de gestão de património chamado, In Arte. O *software* possui várias funcionalidades, entretanto, o catálogo digital com acesso ao público ajuda a divulgar o património. Nesse sentido, o catálogo ajuda a atender aos investigadores e curiosos sobre o património sem a necessidade de estes deslocarem-se até o *campus* da faculdade.
3. **Relevância patrimonial do acervo** – o FEUPmuseu possui em sua tutela um acervo multidisciplinar, com forte valor institucional e histórico para a engenharia na cidade do Porto, Portugal.
4. **Conselho consultivo com representantes de cada departamento da FEUP** – este conselho tem como objetivo discutir sobre o acervo patrimonial, uma vez que há repartição da responsabilidade de tutela entre os departamentos e o FEUPmuseu.

5. **Significativa produção cultural** – o FEUPmuseum está sempre disponível para contribuir para novos projetos culturais com a comunidade FEUP.
6. **O campus da Asprela** – a FEUP está localizada no *Campus* da Asprela, um marco histórico para a Universidade do Porto e em relação à cidade.
7. **Vínculo com uma instituição de excelência** – a FEUP é uma instituição reconhecida mundialmente por sua excelência e história.
8. **Cooperação técnica com alunos e antigos funcionários** – o FEUPmuseum recebe com regularidade a colaboração técnica de alunos e funcionários (desde a comunidade FEUP, como de outras faculdades da Universidade do Porto) em atividades de curto a médio prazo.
9. **Bom relacionamento com os seus parceiros** – o FEUPmuseum considera essencial a manutenção do bom relacionamento com seus parceiros para desempenhar suas funções e objetivos. Este grupo constitui a atual direção da Faculdade, as demais unidades de serviço da faculdade, as demais Faculdades da Universidade do Porto e as demais instituições voltadas para o segmento cultural, museológico e da engenharia.
10. **Autonomia nas atividades exercidas pela Unidade de Museu** – todo ano a Unidade de Museu deve fazer um plano de projetos e apresentar ao Diretor do SDI. Apesar de serem previstos recursos reduzidos, o plano é um guia e existe uma flexibilidade na execução do mesmo. Esta autonomia está associada aos projetos, investigações ou atividades de pequeno e médio porte, no qual cumpre com o orçamento anual estabelecido.

#### **Fraquezas**

1. **Baixo número de funcionários** – a Unidade de Museu possui formalmente três funcionários, um número que não corresponde à quantidade de processos e responsabilidades que lhes são atribuídas, e que dificulta o desenvolvimento de algumas atividades, por exemplo, a comunicação interna e externa das atividades exercidas. Em consequência, uma parcela relevante da comunidade FEUP não sabe da existência do FEUPmuseum.;
2. **Falta de um espaço expositivo exclusivo do FEUPmuseum** – Mesmo com parte do acervo exposto nos departamentos e no espaço polivalente da Biblioteca (no qual o FEUPmuseum “concorre” com outras atividades culturais promovidas pela FEUP), a falta de um espaço expositivo exclusivo dificulta o desenvolvimento de novas exposições com diferentes abordagens interpretativas; o reconhecimento da comunidade FEUP em relação aos serviços oferecidos pela Unidade de Museu; um espaço fixo de debate e divulgação da produção científica da FEUP; a promoção e valorização do património histórico e cultural da FEUP.

3. **Dispersão do acervo** – a dispersão do acervo pode gerar alguns problemas como a dificuldade em construir uma narrativa interpretativa que una os diferentes núcleos existentes no FEUPmuseum. Uma das consequências desta condição é a dificuldade do visitante compreender a relevância do objeto no âmbito histórico, patrimonial e científico da FEUP, bem como, a dificuldade em comunicar aos visitantes e comunidade a existência e a missão do FEUPmuseum como um serviço existente na Faculdade.
4. **Não formalização dos voluntários** – um dos pontos fortes do FEUPmuseum é a regularidade com que recebe a colaboração técnica de alunos e funcionários. Contudo, existe um empecilho burocrático em formalizar essa atividade no quadro de equipa como voluntariado na Unidade de Museu.
5. **Má localização** – apesar da grande relevância do *Campus* da Asprela para a história da Universidade do Porto, é um *campus* afastado da região central da cidade, o que pode ser um grande influenciador no comportamento dos visitantes que não pertencem à comunidade FEUP.
6. **Pouca flexibilização do horário de funcionamento do *campus*** – as atividades e exposições organizadas e realizadas pelo FEUPmuseum só podem ser visitadas dentro dos horários rígidos da Faculdade, o que limita a visita principalmente das pessoas que não pertencem à comunidade FEUP, salvo situações extraordinárias em que visitas podem ser marcadas com a Unidade de Museu, mediante a aprovação da Direção do SDI.
7. **Pouca acessibilidade** – o *campus* é composto por diversos prédios, com nivelamentos diferentes e sem continuidade. Este cenário dificulta a acessibilidade de pessoas com dificuldade de locomoção.
8. **Falta de um plano museológico** – atualmente não há um plano museológico. Sua elaboração é essencial para a gestão de um museu, sem ele, torna-se difícil compreender as áreas de atuação, as suas responsabilidades, e principalmente, os pontos necessários a desenvolver – pois, mais que entender onde é necessário melhorar, é necessário desenvolver estratégias de atuação.
9. **Pouca disponibilidade de espaço para a salvaguarda do acervo** – a pouca disponibilidade de espaço dificulta a gestão do acervo. Por exemplo, coloca o acervo em uma situação de vulnerabilidade em relação ao acondicionamento e, impossibilita a receção de novos objetos.
10. **Dificuldade em estabelecer um diálogo com os departamentos da FEUP** – o conselho consultivo do FEUPmuseum foi criado para mitigar os conflitos em relação à tutela do acervo e

as respetivas responsabilidades no âmbito da gestão do acervo. Contudo, ainda há uma dificuldade em estabelecer este diálogo.

### Ambiente Externo

#### **Oportunidade**

1. **Criar um espaço de encontro** – a Direção da FEUP já manifestou a vontade em criar um espaço de encontro que valorize o património institucional da Faculdade. O desenvolvimento do Centro Interpretativo enquadra-se neste objetivo e no empenho da Unidade de Museu em estabelecer um espaço de exposição exclusivo.
2. **Utilizar os canais de comunicação disponíveis da FEUP** – a FEUP possui em sua estrutura serviços como o de informática, média e comunicação. A Unidade de Museu poderia utilizar mais estes meios para construir um relacionamento com a comunidade FEUP, uma vez que não possui funcionários suficientes para gerir e produzir conteúdo associados ao FEUPmuseum.
3. **Desenvolver atividades nos diferentes espaços do *campus*** – com mais de 90.000m<sup>2</sup>, o *campus* possui uma diversidade de tipologias de espaços, entre os quais, espaços abertos e relvados. Estes espaços são uma oportunidade para desenvolver outras formas de expor o património museológico da FEUP, como uma exposição ao ar livre convidando a comunidade e os visitantes a conhecer o acervo do FEUPmuseum.
4. **Valorização da Cultura por diferentes canais de comunicação** – a pandemia instaurada pelo Covid-19 veio mostrar a importância da promoção de atividades culturais através de *websites* e redes sociais dos museus e instituições afins. Identifica-se aqui uma oportunidade para o FEUPmuseum desenvolver, por exemplo, um *website* que tenha relatos das suas exposições passadas (fotos, textos com opinião, vídeos) e acesso direto ao seu acervo. A sua concretização pode auxiliar ainda no seu maior reconhecimento pela comunidade FEUP. Além disso, é uma ferramenta ideal para a Unidade de Museu, pois a sua manutenção e produção de conteúdo requer poucos recursos físicos e financeiros.
5. **Reestruturar a Unidade de Museu** – o desenvolvimento do Centro Interpretativo e do Regulamento Interno do museu, é uma oportunidade para a Unidade de Museu perceber os processos relativos aos projetos e organizá-los frente às responsabilidades de cada segmento da Unidade de Museu. Uma vez que a Unidade de Museu é responsável pelo FEUPmuseum e o *Àgora*, este último está associado às atividades culturais da FEUP. Esta divisão pode causar estranheza à comunidade, uma vez que os dois pertencem à mesma unidade de serviço, e

ambos trabalham com a vertente cultural. Inclusive, o Município do Porto possui uma empresa voltada para a programação cultural e desportiva que também se chama *Ágora*<sup>45</sup>, o mesmo nome pode causar confusão no momento em comunicar as atividades exercidas pela Unidade de Museu.

6. **Manter-se informado sobre as manifestações sociais e políticas contemporâneas** – é de extrema importância que o FEUPmuseu se mantenha atualizado com as pautas políticas e sociais atuais, tanto no âmbito da cidade do Porto, como de forma global. A FEUP é uma instituição diversa, a sua comunidade é composta por pessoas de diferentes etnias, raças, religiões entre outras minorias, desde de género à condição física e cognitiva. Uma vez que o FEUPmuseu foi criado para atender à comunidade, é importante que as suas atividades e exposições reflitam os valores da mesma. Dessa forma, cumprirá com o seu papel de instituição aberta a debates contemporâneos com a comunidade.
7. **Ampliar a equipa técnica** – ampliar a equipa da Unidade de Museu possibilitaria o desenvolvimento sistemático das funções associadas ao FEUPmuseu, como por exemplo o estudo de coleções, que por sua vez motivaria novas investigações e exposições.
8. **Participar de iniciações científicas e editais de apoio a projetos** – a participação do FEUPmuseu em iniciações científicas e editais de apoio a projetos podem auxiliar no desenvolvimento de ações que necessitam de recursos físicos e financeiros, bem como, na sua realização enquanto instituição que valoriza, apoia e produz no âmbito científico e cultural.
9. **Fortalecer a relação com os parceiros** – a Unidade de Museu tem um ótimo relacionamento com os seus parceiros, porém é importante mantê-lo e reforçá-lo.
10. **Integrar a Rede Portuguesa de Museus** – integrar a Rede Portuguesa de Museus resultaria em diversos benefícios para o FEUPmuseu como: visibilidade para o Museu, promoção do património museológico, reconhecimento da qualidade técnica, acesso a fundos de financiamento governamental, entre outros.

### **Ameaças**

1. **Crise Económica** – a pandemia instaurada pelo Covid-19 resultou em uma crise económica em Portugal e no mundo. A Faculdade de Engenharia é uma instituição pública, logo, existe uma grande possibilidade de suas verbas sofrerem cortes nos próximos anos. Esta situação terá impactos na concretização das atividades e exposições exercidas pela FEUPmuseu.

---

<sup>45</sup> Website do *Àgora* (2019). *Quem Somos*. Disponível em [http://www.agoraporto.pt/empresa/quem-somos\\_6](http://www.agoraporto.pt/empresa/quem-somos_6)

2. **Redução no número de visitantes** – devido à pandemia, uma série de procedimentos foram criados para mitigar a propagação do vírus. Um deles é a redução de pessoas nos ambientes fechados. As atividades devem ser repensadas de modo a atender os critérios de segurança. Entretanto, essas medidas podem desmotivar os visitantes (comunidade ou não) a participarem e visitarem as exposições e atividades propostas pelo FEUPmuseum.
3. **Nova Gestão da Faculdade** – em 2022 há uma nova eleição para a Direção da Faculdade. A atual, que já cumpre o segundo mandato, apoia as atividades culturais o que contribui para o desenvolvimento do FEUPmuseum. Contudo, a próxima direção pode não as considera relevantes e cortar os recursos financeiros principalmente devido à crise económica.
4. **Rotatividade do conselho consultivo** – por se tratar de uma atividade voluntária, a rotatividade de membros representantes dos departamentos pode ocorrer. Esta mudança pode influenciar nos valores e segmentos relacionados à gestão do acervo, uma vez que é necessário a aprovação de todos para o encaminhamento de algumas pautas.
5. **Sinistros associados ao acervo** – há sempre a possibilidade de ocorrência de sinistros associados ao acervo. Devido ao acondicionamento do acervo nos corredores dos departamentos, há sempre a possibilidade de acidentes ou roubo.
6. **Concorrência direta ou indireta com outras atividades** – dependendo do ponto de vista, o tempo livre da comunidade FEUP pode ser uma ameaça ou uma oportunidade para o FEUPmuseum. Para compreender este comportamento e desempenhar estratégias focadas no engajamento da comunidade, o ideal é executar uma análise comportamental para avaliar como e quando a comunidade usufrui das atividades executadas nos campos.

## **2.6 Missão, Visão, Valores e Objetivos para o FEUPmuseum**

Considerando que o Regulamento do FEUPmuseum está em fase de desenvolvimento, propõem-se a seguir algumas perspectivas para a missão, visão, valores e objetivos do FEUPmuseum, pela sua importância para a definição de práticas e políticas institucionais.

### **2.6.1 Missão**

Considerando que a missão de um museu é a sua delimitação em relação às suas atividades e para quem atende (IBRAM, 2016), propõe-se como elementos da missão do FEUPmuseum:

- 1 - inventariar, conservar, investigar, interpretar e divulgar o património material e imaterial no âmbito museológico da FEUP**

Primeiro de tudo o FEUPmuseum é um museu, logo deve desempenhar as funções e obrigações de uma instituição museológica. É importante assinalar que estas funções são desempenhadas na Faculdade de Engenharia, bem como, o tipo de património que está sob a sua responsabilidade.

## **2 - em consonância com ensino e investigação da FEUP**

Segundo, o FEUPmuseum se classifica como um museu universitário. Logo, as suas funções devem ir ao encontro da produção académica e das atividades desempenhadas pela Faculdade no passado e no presente.

## **3 - promover exposições e atividades que estimulem a reflexão e o pensamento crítico de sua comunidade e visitante sobre as transversalidades que compõe a engenharia, ciência, tecnologia, e principalmente, o património.**

Terceiro, como museu universitário, o FEUPmuseum propõe apresentar à comunidade e aos seus visitantes o património de forma que seja percebido através de uma visão contemporânea, com a finalidade de contribuir para o exercício da cidadania.

### **2.6.2 Visão**

O desenvolvimento da visão está relacionado com o onde a instituição quer chegar, entretanto, deve fundamentar-se no seu presente e na sua missão (IBRAM, 2016).

Promover a divulgação e discussão dos produtos de conhecimentos da FEUP de modo transversal aos processos museológicos, a fomentar a reflexão e pensamento crítico na construção cívica de sua comunidade e visitantes em consonância com ensino e investigação da FEUP.

### **2.6.3 Valores**

Mais que um conjunto de características, os valores representam o comprometimento da instituição perante os seus funcionários, comunidade e sociedade. Os valores devem orientar todas as atividades desempenhadas pelo museu (IBRAM, 2016). Visto que o FEUPmuseum existe para atender à comunidade FEUP, é importante que os seus valores sejam um reflexo da sua comunidade. Espera-se que o engajamento da sua comunidade com as atividades executadas pelo FEUPmuseum sejam um reflexo do sentimento de identidade e pertencimento.

- a) Transparência na gestão dos recursos e do património;
- b) Respeito à integridade do acervo e da memória institucional;
- c) Comprometimento com a comunidade FEUP;

- d) Comprometimento com o ensino e investigação;
- e) Zelo pela ética profissional; e
- f) Responsabilidade social – compreensão do papel do FEUPmuseu como uma unidade de serviço museológica que atende às necessidades da comunidade FEUP, fazendo uso de suas competências e saberes.

#### **2.6.4 Objetivos**

Neste contexto e associados a análise SWOT, propõe-se que os objetivos sejam:

- a) ser um agente produtor e divulgador de conhecimento no contexto museológico da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto;
- b) desenvolver um programa museológico onde se inclua uma política de exposição que integrem as coleções dos diferentes serviços e departamentos em um discurso comum;
- c) desenvolver uma narrativa interpretativa de seu acervo que desperte interesse da comunidade e dos seus visitantes externos;
- d) executar projetos de modo transversal às diversas áreas científicas presentes na Faculdade;
- e) ser um divulgador dos produtos de conhecimentos da Faculdade para a comunidade e visitantes externos, dentre algumas ações, por exemplo, o FEUPmuseu pode organizar e/ou promover conferências, colóquios e atividades culturais dentro ou fora da FEUP na perspectiva transversal da engenharia, comunidade e património;
- f) manter as coleções em um bom estado de conservação;
- g) apoiar e/ou orientar a comunidade FEUP com a prestação de um serviço técnico especializado em práticas expositivas no âmbito museológico;
- h) procurar meios criativos em divulgar a dimensão do património material e imaterial da FEUP;
- i) ser um mediador entre o património, comunidade científica e o cidadão;
- j) manter-se informado das manifestações sociais e políticas dos quais a comunidade FEUP está envolvida, seja elas na cidade do Porto e/ou no mundo de modo;
- k) refletir em suas atividades os valores da comunidade, da Faculdade e do FEUPmuseu;
- l) desempenhar um papel inclusivo em suas atividades; e

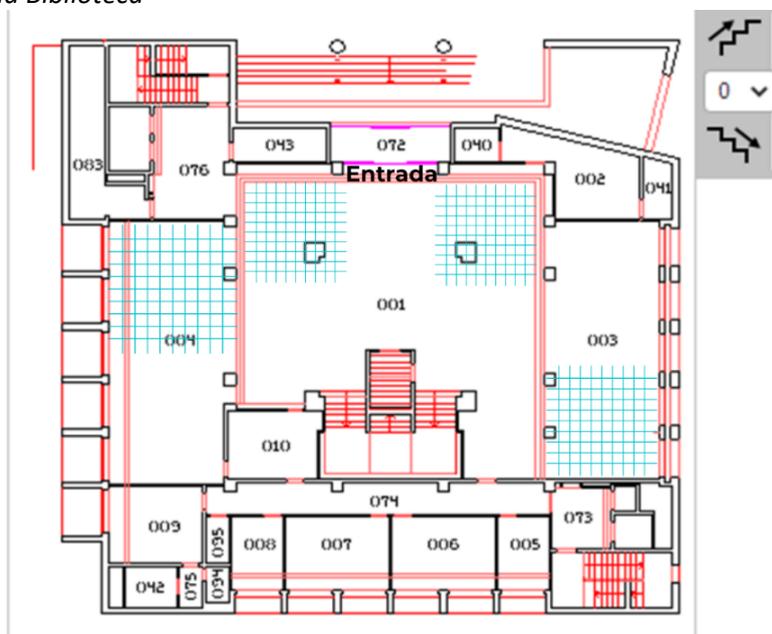
- m) criar e/ou fortalecer o relacionamento com parceiros – pertencentes ou não da Universidade do Porto, de modo a construir uma rede de colaboração.

#### .. Centro Interpretativo do FEUPmuseum

Compreendendo o modelo organizacional do FEUPmuseum, o Centro Interpretativo terá como funções: a promoção do património e memória da Faculdade; ser um ponto de encontro que possibilite a socialização e participação ativa da comunidade FEUP; e, principalmente, ser um espaço expositivo exclusivo para o FEUPmuseum. Estará localizado no piso zero da Biblioteca (fig. 16) e contará também com outros espaços menos convencionais, como o corredor e o vão da escada entre o piso zero e o primeiro piso da Biblioteca.

**Figura 16**

*Planta do piso 0 da Biblioteca*



*Anotação. Planta baixa do piso zero na Biblioteca da FEUP. Em azul é a área delimitada para a construção do centro interpretativo. A palavra “entrada” na figura denomina o acesso a biblioteca* Fonte: Adaptado de FEUP, s.d. Instalação da Biblioteca ([https://sigarra.up.pt/feup/pt/instal\\_geral.edificio\\_view?pv\\_id=1408&pv\\_num\\_piso=-1](https://sigarra.up.pt/feup/pt/instal_geral.edificio_view?pv_id=1408&pv_num_piso=-1)).

A FEUP tem um relacionamento íntimo com a cidade do Porto, Portugal. A sua história acompanhou as mudanças sociais, e por diversas vezes, contribuiu para o desenvolvimento tecnológico e social da cidade. Em cada departamento há uma diversidade de objetos que representam esta relação, contudo, não há uma narrativa expositiva que comunique isto ao visitante e a comunidade. Enquanto responsável pelos processos museológicos associados ao FEUPmuseum, entende-se que a Unidade de Museu deva compreender as relações que a comunidade possui com

seu património e criar soluções para aproximar e cuidar dos referenciais patrimoniais que constituem a identidade da comunidade.

Em 2003, a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) no decurso da *32ª Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura*, aprovou uma convenção focada na salvaguarda do património cultural imaterial. Esta convenção aponta para a importância de os museus desempenharem uma maior atuação neste âmbito, uma vez que são instituições maioritariamente focadas na cultura material. A conversão teve um impacto significativo no segmento o que resultou em algumas mudanças, como por exemplo, a redefinição do conceito de museu pelo ICOM. Em 2007, o ICOM incluiu na sua nova definição de museu a cultura intangível, de modo a contribuir com os objetivos da Convenção de 2003 (Carvalho, 2009).

A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment” (ICOM, 2007).

Segundo Peter Keller, Diretor Geral do ICOM (2017-), é essencial apoiar organizações como a UNESCO que promovem políticas de salvaguarda do património cultural, unindo, assim, forças para garantir sustentabilidade, diversidade e inclusão das comunidades para assegurar a proteção do património (referido em Deric, Neyrinck, Seghers & Tsakiridis, 2020, p. 46). Logo, a Convenção de 2003 é percebida como um instrumento que auxilia os museus e os seus profissionais a desempenharem melhores ações em relação ao património cultural imaterial (Deric et al., 2020, p.12).

A inclusão do património cultural imaterial na definição do museu pela ICOM evoca, “a necessidade de se refletir os limites e fronteiras do conceito de museu” (Carvalho, 2009, p.122). Por outro lado, Deric et al. (2020) explicam que esta inclusão enriqueceu as principais funções desempenhadas por essas instituições – adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exhibir. Antes focadas na materialidade do património, tais funções passaram a incluir em seus discursos e estratégias a dimensão imaterial do mesmo.

Carvalho (2009) defende a necessidade dos museus incluírem em suas estratégias a dimensão do património cultural imaterial e reconhece a importância da musealização das diversas dimensões do património para a construção de identidades. A autora pondera sobre a criação de novas tipologias de museus e sobre uma nova reformulação do museu de modo a responder a estas mudanças,

chamando a atenção para a necessidade em investir numa abordagem mais holística do património. Contudo, afirma que nem todos os museus estão preparados para esta reformulação. Já Deric et al. (2020) apontam para a necessidade em redefinir o conceito de museu, uma vez que estas instituições vêm assumindo diversas responsabilidades sociais no território em que estão inseridos, de modo a influenciar nas práticas patrimoniais.

De qualquer modo, as instituições culturais tendem a assumir vínculos profundos com as suas comunidades. Ao acompanharem as dinâmicas sociais e os valores da sua comunidade, as instituições sofrem constantes transformações. Responsáveis por salvaguardar e divulgar o património e memória, o objetivo das instituições culturais é criar conexão identitária. É nesse espaço onde ocorre a discussão entre a memória e poder.

Mesmo inserido como uma unidade dos Serviços de Documentação e Informação da FEUP e no seguimento de museus universitários, entende-se que a Unidade de Museu deva orientar o FEUPmuseu segundo as funções sociais e responsabilidades básicas de um museu conforme o estabelecido na definição do ICOM. Isto é, o FEUPmuseu deve incluir em suas funções e responsabilidades, para além da dimensão material do património da FEUP, a sua dimensão imaterial. Logo, o Centro Interpretativo deverá ser um espaço a ser incluído na estrutura polinucleada do FEUPmuseu, especialmente dedicado a valorização e comunicação da dimensão imaterial deste património<sup>46</sup>.

Ao observar os museus universitários, pode-se afirmar que, de maneira singular, cada um atende às dinâmicas empregadas pelos o ensino e investigação, bem como, os valores orientados pela instituição mãe, universidade ou faculdade (Lourenço, 2005). O Centro Interpretativo cumprirá com a função expositiva evocada pelo FEUPmuseu. Enquanto o acervo permanece exposto em núcleos, junto aos departamentos académicos, o Centro Interpretativo desenvolverá a dimensão imaterial deste acervo de modo a unir todos os núcleos através de uma narrativa expositiva dinâmica e

---

<sup>46</sup> Apesar da dimensão imaterial do património ser comumente explorada pela Unidade de Museu da FEUP, por exemplo, com as maratonas literárias, comemoração de figuras emblemáticas e exposições temporárias exaltando a memória e legado da FEUP, não há um espaço exclusivo destinado a cumprir com esta função. Além disto, os acervos expostos nos departamentos não traduzem esta dimensão. Portanto, o novo espaço cumprirá com essas demandas.

multidisciplinar; a explorar as suas principais características e potencialidades como a identificação/interpretação do património no território; e a assumir o seu carácter de agente construtor de conhecimento, assente num processo que estabelece identificação e participação da sua comunidade. Desta forma, o novo espaço cumpre com os pilares (território, educação e património) exercidos por um centro interpretativo, como foi visto no capítulo 1.5.

Nota-se que o FEUPmuseu reconhece a necessidade em delimitar as suas ações enquanto um serviço para a comunidade e o seu potencial de avanço como um museu universitário. Nesse sentido, o FEUPmuseu planea atender à comunidade com um novo espaço que proporcione o sentimento de identidade individual e coletiva no âmbito da engenharia e da FEUP. O FEUPmuseu deseja ser percebido como um espaço político e educacional responsável pela salvaguarda da memória e do património imaterial da mesma forma que vem fazendo com as coleções pertencentes a FEUP. Dessa forma, o FEUPmuseu pretende aproximar-se dos investigadores e docentes de modo a tornar-se agente de produção científica e um canal de diálogo entre a Faculdade e a sociedade por meio do património.

No que diz respeito ao discurso expositivo, o Centro Interpretativo terá como objetivo ser uma ponte entre a Engenharia e o Cidadão. Terá como objetivo, ainda, propor um discurso transversal no qual evidencia as soluções construídas pela Faculdade como agente produtor de conhecimento de maneira reflexiva e sob a ótica da comunicação científica contemporânea. Assumindo um carácter de mediador entre o património, comunidade científica e o cidadão, a proposta será a de introduzir nas exposições uma fala menos técnica da engenharia, de modo a tornar o processo de construção do conhecimento mais acessível e promover um diálogo e discussão entre os envolvidos. Estes objetivos e propostas estão associados à dimensão educativa dos centros interpretativos – um dos seus principais fundamentos – e à missão da própria FEUP.

## **2.8 Política de Exposição**

Durante o processo de investigação notou-se a pluralidade dos museus universitários em termos de características e dinâmicas executadas por eles. Pondera-se que as múltiplas valências implícitas aos seus acervos contribuem para esta pluralidade. A definição do seu propósito enquanto instituição museológica é influenciada pelos valores defendidos pela universidade e pelo perfil de sua comunidade. Enquanto alguns destacam o valor histórico e celebratório do seu acervo, outros destacam os aspetos investigativos e laboratoriais. O FEUPmuseu demonstra uma grande vontade, desde 2004, em manter as coleções próximas dos departamentos paralelamente a uma grande

vontade em assinalar a importância do valor museológico e patrimonial das mesmas. Portanto, a sua constituição como um museu polinucleado corresponde com a realidade vivida pela sua comunidade e com a diversidade de um património que se pretende preservar.

A política de exposições que aqui se apresenta é um documento estratégico que visa orientar a construção das exposições e do programa expositivo do Centro Interpretativo do FEUPmuseu. Tem como função definir os parâmetros por meio de orientações para a produção de exposição de modo que atenda a sua missão e os seus objetivos (Lord e Lord, 2009).

## **Capítulo I - Diretrizes Gerais**

A política de exposições do Centro Interpretativo do FEUPmuseu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto é baseada na missão do Museu e de sua Faculdade. Enquanto museu universitário, o FEUPmuseu procura desempenhar um trabalho de interpretação e contextualização do acervo exposto nos departamentos e valorizar a dimensão da cultura imaterial presente no acervo, bem como a memória da Faculdade. Nesse sentido, o FEUPmuseu, através do seu Centro Interpretativo, procura estimular a participação da comunidade e visitantes enquanto fonte para produção de novos conhecimentos, valorizar o património imaterial da FEUP e proporcionar um ponto de encontro para a comunidade FEUP.

### **Artigo 1º: Princípios Gerais do Centro Interpretativo**

- 1 - Os princípios gerais aplicam-se a todas as exposições descritas nesta política.
- 2 - O serviço de Unidade de Museu é responsável pelo gerenciamento e processo curatorial das exposições a serem realizadas no Centro Interpretativo. Compreendido pelos procedimentos técnicos e científicos relacionados à aquisição, interpretação, conservação e divulgação do património da FEUP, a Unidade de Museu conta com o trabalho colaborativo entre as demais unidades de serviços do SDI, docentes e alunos para desempenhar estas funções.
- 3 - O FEUPmuseu não realiza exposições e atividades de caráter comercial que envolvam a venda do acervo ou promovam a perspectiva financeira de empresas, produtos ou serviços. Todas as suas exposições são abertas ao público, com gratuidade, de modo a divulgar as produções científicas produzidas pela Faculdade sob o âmbito da construção da educação e da cidadania.
- 4 - O FEUPmuseu não realiza exposições e atividades de conteúdo ofensivo e que afrontem direitos de etnias, raças, religiões ou quaisquer minorias. Do mesmo modo não vincula as suas exposições a campanhas de qualquer cunho político.

- 5 - O FEUPmuseum garante que o Centro Interpretativo cumpre com os códigos de segurança e saúde estabelecidos pela legislação portuguesa vigente.
- 6 - O Centro Interpretativo é um espaço de livre circulação, contudo, respeita e segue as normas e horários de funcionamento da Biblioteca FEUP, lugar onde se encontra. Na eventualidade de horários de funcionamento excepcionais, a sua divulgação estará a cargo da Unidade de Museu da FEUP.
- 7 - As visitas guiadas estão sujeitas a marcação, numa primeira fase, por telefone e, posteriormente, através do preenchimento da ficha de inscrição, a ser enviada por *e-mail* (*e-mail* institucional), com pelo menos 10 dias úteis de antecedência. Os horários de visita serão estabelecidos de acordo com o Regulamento do FEUPmuseum. A Unidade de Museu se resguarda do direito de alterar a marcação e cancelar marcações mediante contrato prévio por *e-mail* ou telefone.
- 8 - O FEUPmuseum respeita as diretrizes estipuladas pela Lei Quadro dos Museus Portugueses.
- 9 - O plano de exposição do Centro Interpretativo é orientado pelo Regimento do FEUPmuseum, que poderá ser consultado no seu *website*, quando aprovado pela Direção da Faculdade e a Direção do SDI.

#### **Artigo 2º: Princípios Gerais das Exposições**

- 1 - Os princípios gerais das exposições aplicam-se a todas as exposições do Centro Interpretativo.
- 2 - Os temas, objetivos e todas as atividades relacionadas com as exposições no Centro Interpretativo devem cumprir com a missão da FEUPmuseum e da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- 3 - Por se tratar de um espaço para a comunidade FEUP, o FEUPmuseum pretende:
  - a) incentivar e promover a participação da comunidade nas atividades vinculadas à exposição no Centro Interpretativo;
  - b) promover debates transversais de modo a envolver a produção científica da Faculdade, a engenharia na contemporaneidade e a importância dos processos museológicos e patrimoniais.
- 4 - O Centro Interpretativo empenhar-se-á em produzir e trazer exposições que promovam debates no âmbito patrimonial da FEUP, engenharia, ciência e tecnologia de modo a estimular o envolvimento da comunidade.

- 5 - Caso uma exposição faça uso do acervo da FEUP, deve atender ao Regulamento do FEUPmuseum em relação à conservação e segurança dos objetos, bem como os critérios estipulados pela sua Política de Gestão de Acervo.
- 6 - Durante o processo de desenvolvimento das exposições será levado em consideração o orçamento pré-estabelecido da Unidade de Museu e a disponibilidade de recursos, de caráter financeiro, humano, temporal, material e restrições das instalações físicas e do acervo.
- 7 - O FEUPmuseum respeita os direitos dos criadores e da propriedade intelectual dos objetos expostos, de acordo com a legislação Portuguesa vigente.
- 8 - A execução da exposição, independente da sua tipologia, deve seguir todas as etapas de segurança durante o processo de montagem, desmontagem e itinerância.
- 9 - O FEUPmuseum valoriza o envolvimento ativo da comunidade FEUP na construção e participação nas exposições e atividades a elas relacionadas. Igualmente, incentiva a submissão de propostas e ideias de exposição por parte da comunidade.
- 10 - O FEUPmuseum garante que as exposições sejam planeadas com a participação de todos aqueles que julga relevantes a depender da situação, quais sejam: o conselho consultivo, Direção do SDI, Direção da Faculdade, a comunidade FEUP entre outros.
- 11 - No Centro Interpretativo, o FEUPmuseum prioriza as suas próprias exposições, entretanto realiza exposições propostas por iniciativa de terceiros e itinerantes desde que atendam as orientações relativas às exposições temporárias dispostas na Secção II desta Política.
- 12 - As exposições devem atender às normas de acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada segundo o Decreto-Lei número 123/97<sup>47</sup>.
- 13 - Nenhuma exposição pode interferir no ambiente físico ou sonoro da Biblioteca.

## **Capítulo II – Exposições**

---

<sup>47</sup> Decreto-Lei nº123/97 do Ministério da Solidariedade e Segurança Social (1997). Diário da República: n.º 118/1997, Série I-A de 22 de Maio 1997. Disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/397953/details/maximized>

O Centro Interpretativo acolhe diferentes tipos de exposições: permanentes e temporárias. As exposições não necessariamente ocorrem de forma simultânea<sup>48</sup>.

## **Secção I - Exposição Permanente**

### **Artigo 3º - Definição**

A exposição permanente ou de longa duração do Centro Interpretativo é o núcleo central do FEUPmuseu.

### **Artigo 4º - Características**

- 1- A exposição permanente do Centro Interpretativo deve:
  - a) cumprir com a função de unir os núcleos dispersos pelo *campus* da Faculdade pertencentes ao FEUPmuseu;
  - b) propor uma narrativa interpretativa dos acervos acondicionados nos diferentes núcleos;
  - c) comunicar a dimensão imaterial do património pertencente a estes acervos;
  - d) valorizar e divulgar a importância desses acervos para o património da Faculdade; e
  - e) apresentar à comunidade a memória institucional da FEUP.

## **Secção II – Exposições temporárias**

### **Artigo 5º - Definição**

As exposições temporárias são aquelas de curta a média duração, cuja extensão pode compreender entre duas semanas a seis meses, salvo restrições extraordinárias a depender da agenda do espaço e aprovação da Unidade de Museu.

### **Artigo 6º - Características**

- 1- As exposições temporárias devem atender aos seguintes temas:
  - a) património cultural imaterial da FEUP;

---

<sup>48</sup>É previsto no projeto que o núcleo seja dividido em dois espaços: o primeiro para atender à exposição permanente, e, o segundo a ser compartilhado entre os demais tipos, conforme a agenda e programação executada pela Unidade de Museu.

- b) produção científica da Faculdade; e
  - c) assuntos que envolvam a engenharia, ciência e tecnologia.
- 2- As exposições temporárias podem ser:
- a) Desenvolvidas pela Unidade de Museu;
  - b) Desenvolvidas por terceiros (alunos, professores, incubadores, entre outros); e
  - c) itinerantes.

#### **Artigo 7º - Exposições temporárias concebida pela Unidade de Museu**

1 – São aquelas em que todos os processos foram desenvolvidos pela Unidade de Museu.

#### **Artigo 8º - Exposições temporárias concebidas por terceiros**

- 1 - São as desenvolvidas por alunos, professores, incubadores, isto é, aqueles que pertencem à comunidade FEUP, bem como, por pessoas ou instituições externas à comunidade FEUP.
- 2 - A proposta da exposição deve ser enviada ao *e-mail* de contacto (*e-mail* institucional) e deve conter os seguintes critérios:
  - a) descrição da proposta de exposição;
  - b) objetivos;
  - c) justificativa;
  - d) público alvo;
  - e) cronograma;
  - f) descrição dos recursos necessários; e
  - g) denominação e caracterização do acervo, pertencente ou não a FEUP.
- 3 - Uma vez aprovada a proposta de exposição, o proponente receberá um comunicado formal da Unidade de Museu por *e-mail* e será solicitado, em até dez dias úteis, a assinar o Termo de Compromisso para a viabilização de condições de realização da exposição, no qual estarão estabelecidas as responsabilidades da instituição e do proponente. Depois da formalização, a Unidade de Museu enviará um *e-mail* com:
  - a) as indicações das datas disponíveis para a instalação, exibição e recolha da exposição;
  - b) a solicitação de uma ficha técnica dos objetos a serem expostos - título, ano, dimensões, técnica/suporte e uma documentação dos objetos por fotografia, caso os objetos não pertençam ao acervo da FEUP, bem como a especificação de

exigências especiais de conservação ou o modo de exibi-los quando houver. Caso os objetos pertençam ao acervo da Faculdade, a sua exibição deverá seguir os critérios estabelecidos na Política de Gestão de Acervo;

- 4 - A Unidade de Museu tem plena autoridade para reger os termos da exposição concebida por terceiros, inclusive o tempo, conteúdo, interpretação, instalação e segurança da exposição concebida.
- 5 - A Unidade de Museu assegura a equipe técnica para o planeamento, instalação e recolha da exposição, bem como, ferramentas, equipamentos e materiais para a sua execução segura e eficiente.
- 6 - A exposição deve ser recolhida no prazo determinado e não deve ser guardada nos espaços da FEUPmuseum.
- 7 - A Unidade de Museu tem autoridade para remarcar ou cancelar a exposição por meio de *e-mail* ou telefone até a véspera da inauguração da exposição.
- 8 - A exposição pode ser cancela pelo terceiro com até duas semanas corridas.
- 9 - A exposição deve ser adequada ao espaço de exibição, de modo a não ultrapassar os limites impostos entre o Centro Interpretativo e a Biblioteca.
- 10 - Os elementos textuais deverão ser aprovados pela Unidade de Museu, de modo a garantir uma qualidade textual e expositiva, bem como, a certificação de que os valores institucionais estejam sendo respeitados.

### 3 Considerações Finais

Uma das particularidades centrais deste trabalho foi explorar o museu universitário como interseção entre dois polos distintos: museus e centros interpretativos. Há um encontro significativo de atributos e características que os une e que, ao mesmo tempo, pode os afastar e torná-los totalmente antagônicos. Território, educação e a dimensão imaterial do património são os elementos que emergem entre estes dois espaços, todavia os processos de gestão os podem distinguir. Enquanto os museus universitários devem seguir as prerrogativas de uma instituição museológica, os centros interpretativos não possuem tal obrigatoriedade. A literatura é bem limitada em relação ao conceito e caracterização dos centros interpretativos, o que resulta em uma escassez de evidências e justificativas académicas. Além disso, não há um órgão ou conselho que regule estas instituições. Durante a investigação observou-se um estigma destes espaços comumente associados à comercialização da cultura. Considerados uma solução de baixos recursos e manutenção, os centros interpretativos se tornaram uma ferramenta para elevar o turismo económico. O presente trabalho pondera se o estigma está associado a alguns poucos espaços que fazem mau uso da apropriação patrimonial a fim de arrecadar lucro, sem envolver a comunidade e respeitar a sua memória. Afinal, os centros interpretativos, como os museus, são instituições que ganham destaque no segmento turístico. Ambos são instituições que geram trabalho e contribuem para a economia local.

Apesar das divergências, são espaços que sofrem continuamente transformações em seu modelo e construção, isto é, acompanham as dinâmicas sociais de suas comunidades. Constituídos por pessoas e para as pessoas, portanto, possuem falhas, valores, posições políticas e dificuldade em estabelecer relacionamento com o diferente. Entretanto, estão enraizados em seu território, onde estabelecem um relacionamento com a sua comunidade por meio da identidade, e são pautados na preservação e comunicação de valores, memórias e de objetos.

Independente da sua tipologia, todo museu universitário necessita de um conjunto de forças entre professores, investigadores, alunos, museólogos e a direção da universidade para ser constituído e mantido vivo dentro da instituição. Manter um museu universitário funcionando envolve uma disputa de forças entre os campos da ciência investigativa e do ensino com a museologia. Manter os processos museológicos num espaço que prevalece o novo é uma ação paradoxal. No entanto, são processos importantes para compreender o passado, divulgar a memória e auxiliar na construção de um futuro.

As universidades possuem como característica a agilidade no desenvolvimento de inovações. Ainda há quem pense que os museus são depósitos, principalmente nos espaços académicos. Caso os investigadores e professores não tenham uma conscientização patrimonial e museal, os objetos considerados como obsoletos para o ensino e investigação podem gerar duas problemáticas para o museu universitário, o acúmulo de objetos ou o descarte/mutilação de um objeto relevante para o património universitário. Durante o desenvolvimento do diagnóstico apresentado neste trabalho, foram observadas algumas ações do FEUPmuseu no sentido de solucionar as problemáticas instauradas pelo conflito de interesses entre os departamentos da Faculdade e a Unidade de Museu: primeiro o desenvolvimento do regulamento interno, que atribui as responsabilidades dos processos museológicos ao Museu; o segundo a criação de um conselho com representantes de cada departamento académico da FEUP. Além disso, o museu em questão já executa uma política de descarte que visa mitigar os problemas citados acima.

Entretanto, cada museu universitário é único. O conjunto dos produtos científicos e/ou objetos que auxiliam no ensino e constituem a memória institucional resultam num património identitário único a cada universidade. Sendo assim, é necessário entender as circunstâncias nas quais o museu universitário foi criado e é mantido de forma a desenvolver políticas e práticas que se adequem ao seu contexto específico – valores e objetivos

Um dos desafios que o FEUPmuseu enfrenta é a falta de um espaço próprio onde possa interpretar e comunicar a dimensão imaterial do património da FEUP. Outro desafio identificado é a necessidade de se constituir como um modelo de museu que cumpra com todas as suas responsabilidades e funções (museológicas, educativas, administrativas) de forma que os conflitos internos entre os atores envolvidos nesses processos não impossibilitem o trabalho de todos. Neste sentido, chama-se a atenção para o caso de um museu universitário descrito no capítulo 1.5.3, que pode ser considerado um exemplo de como superar tais desafios. Trata-se do caso da Universidade Técnica de Dresden que criou um conselho de gestão para as coleções universitárias e que possui uma galeria destinada a experimentos expositivos. Ou seja, uma vez adotada esta solução, a Unidade de Museu seria a unidade de gestão das coleções da FEUP, a consultora de serviços museológicos da comunidade FEUP e a agente de produção científica no âmbito museológico. Enquanto as coleções permaneceriam em seus respectivos departamentos, o Centro Interpretativo seria o espaço de encontro. Um espaço que conjugaria os diferentes núcleos por meio da interpretação do património da Faculdade, a contribuir para democratizar a memória institucional e comunicar as produções científicas da mesma.

Na perspectiva expositiva, o capítulo 1.5.3 cita algumas experiências que podem ser referências na construção das futuras exposições no Centro Interpretativo do FEUPmuseum. A exposição Agnes Sjöberg & Walter Ehrström, no The Helsinki University Museum configura-se como um exemplo de como poderia ser uma exposição temporária por utilizar a coleção universitária em uma exposição crítica, criativa, com o objetivo de divulgar o património (material e imaterial) relevante para a comunidade da Universidade e para o seu entorno. Já *Timeline Exhibition* da De Montfort University Heritage Centre configura-se como uma solução de exposição permanente por explorar a cultura e o legado institucional da Universidade, comunicando a sua importância aos visitantes e a sua comunidade. Por último, destaca atividades de carácter expositivo que possam ser desenvolvidas em conjunto com a comunidade, como o *Hit the Bricks!* no Colorado University Heritage Center.

O presente trabalho visou contribuir para a consolidação do projeto de museu universitário que é o FEUPmuseum. E de modo a responder à pergunta que motivou este trabalho<sup>49</sup>, foi necessário dar um passo atrás. Durante o diagnóstico percebeu-se a necessidade em delinear a missão, visão, valores e objetivos para responder a esta pergunta. Uma vez que o regulamento interno está em desenvolvimento e não é possível acessá-lo, esta situação foi tomada como mais uma oportunidade de contributo ao FEUPmuseum. Por fim, a política de exposição apresentada visa orientar a construção das futuras exposições no Centro Interpretativo, e auxiliar o desenvolvimento de um possível programa de exposição. Este documento possui uma longevidade definida, assim, recomenda-se ser revisto a cada três anos ou a qualquer tempo frente às mudanças institucionais, isto é, caso a gestão de acervo ou a missão, visão e valores do FEUPmuseum mude.

De modo geral, considera-se que os objetivos do projeto foram cumpridos. Houve uma dificuldade em identificar centros interpretativos em museus universitários. Contudo, durante a investigação foi perceptível um significativo número de trabalhos académicos e investigações relacionados a museus e à dimensão imaterial do património, principalmente nos últimos dez anos. A percepção que fica é que os museus estão compreendendo cada vez mais a importância da imaterialidade associada aos objetos e memória abraçando os processos de preservação da dimensão imaterial e de gestão já executados em muitos centros interpretativos. Os museus têm se tornado um espaço cada vez mais holístico, integrado, e principalmente, focado em atender a sua comunidade.

---

<sup>49</sup> Quais normas são necessárias para a construção de uma política de exposição para um centro interpretativo de um museu universitário e quais seriam as boas práticas a serem desempenhadas nesse espaço?

Durante o desenvolvimento deste trabalho percebeu-se a oportunidade de investigações futuras, quais sejam:

- a. Um mapeamento dos museus universitários e seus respectivos modelos e tipologias desempenhados na Europa na atualidade.

Durante a realização deste trabalho, observou-se que muitos museus universitários possuem dificuldade em executar todas as funções e responsabilidades inerentes a sua natureza institucional (salvaguarda do património, educação, investigação, etc.). Talvez não haja necessidade em executar todas, pondera-se que dependerá dos objetivos de cada instituição, isto é, da missão, visão e valores da universidade e do museu universitário. Entretanto, o mapeamento e caracterização poderá ajudar outros museus universitários a desempenhar os seus papéis com mais eficiência.

- b. Um mapeamento e caracterização de centros interpretativos em Portugal.

A segunda sugestão de trabalho futuros que se apresenta é a caracterização de outros centros interpretativos. Dado que a literatura ainda apresenta aplicações variadas do conceito, um trabalho de mapeamento e caracterização poderá contribuir para uma melhor compreensão e aplicação do mesmo. Além do mais, ao se incluir nessa caracterização as práticas e políticas implementadas, esse desenvolvimento no âmbito de centros interpretativos poderá contribuir com projetos futuros de criação de novos espaços.

- c. Desenvolvimento de uma investigação em permanência de público alvo para o FEUPmuseu.

A terceira sugestão é focada no FEUPmuseu. Visto que o FEUPmuseu existe para atender a comunidade FEUP, é importante que os seus valores sejam um reflexo da mesma. Através de uma investigação é possível contribuir para que exista um engajamento de ambas as partes, e para que o FEUPmuseu compreenda os valores e o comportamento de consumo de cultura de sua comunidade dentro dos espaços da FEUP. Assim o FEUPmuseu poderá ser capaz de mitigar recursos e desenvolver atividades cada vez mais focadas nos diferentes segmentos de sua comunidade, o que poderá resultar na construção de um relacionamento mais próximo com estes. Sugere uma investigação em permanência, uma vez que há uma significativa rotatividade em relação aos alunos devido aos ciclos de ensino da Faculdade.

A confluência de diversas esferas nos museus universitários é uma das maiores riquezas e singularidades destas instituições. Estabelecer as obrigações de cada uma delas e explorá-las devidamente sem conflito, sem dúvida, é um dos maiores desejos dos museus universitários. Durante a investigação observou-se que os processos museológicos vão além da exposição e interpretação dos objetos, são processos holísticos, associativos e dependem dos diferentes âmbitos para seu desenvolvimento. Por fim, espera-se que este trabalho auxilie na construção do FEUPmuseu como coleção aberta, que o estimule a continuar a desempenhar os processos museológicos, e principalmente, que contribua para a sua relevância dentro da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

## Referências

- Àgora (2019). Quem Somos. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: [http://www.agoraporto.pt/empresa/quem-somos\\_6](http://www.agoraporto.pt/empresa/quem-somos_6)
- Azevedo, S. F. (2012). Da Academia Polytechnica de 1837 à Faculdade de Engenharia de Hoje: 176 anos de estudos superiores de engenharia no Porto. *Newsletter da SPEE* (n.º5), pp.20-22. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/feup/pt/web\\_gessi\\_docs.download\\_file?p\\_name=F885733837/SFA\\_Nota%20Hist%F3rica.pdf](https://sigarra.up.pt/feup/pt/web_gessi_docs.download_file?p_name=F885733837/SFA_Nota%20Hist%F3rica.pdf)
- Bessard, M., & Robine, N. (2008). Les centres d'interprétation dans leur relation à la recherche et à la diffusion. *La Lettre de l'OCIM. Musées, Patrimoine et Culture scientifiques et techniques*, 119, (pp. 12-17). Disponível em: <http://journals.openedition.org/ocim/349>
- Bino, A. T. (2011) Archaeological and Heritage Tourism Interpretation: A Study. *Ajmer: Centre for Tourism & Heritage Research, South Asian Journal of Tourism and Heritage* 4(1), pp.101-107.
- Boylan, P. J. (2003). European Cooperation in the Protection and Promotion of the University Heritage. In UMAC (Eds), *University Museums and Collections. ICOM Study Series vol.11:* (pp.30-32).
- Boylan, P. J. (2006). The museum profession. In Sharon Macdonald (Ed.) *A companion to Museum Studies* (pp.415-430).
- Camacho, C. F. (2010). Panorama dos museus em Portugal. In Junio, J. N e Chagas, M. S (eds). *Ibermuseus 1: panoramas museológicos de ibero-america* (2ªed) (pp.208-215). Brasília, Brasil: IBRAM.
- Carvalho, A. (2009). Os Museus e o Património Cultural Imaterial: Estratégias para o Desenvolvimento de Boas Práticas (Master's thesis, Dissertação de Mestrado em Museologia, Universidade de Évora). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/296327495\\_Os\\_Museus\\_e\\_o\\_Patrimonio\\_Cultural\\_Imaterial\\_Estrategias\\_para\\_o\\_Developolvimento\\_de\\_Boas\\_Praticas](https://www.researchgate.net/publication/296327495_Os_Museus_e_o_Patrimonio_Cultural_Imaterial_Estrategias_para_o_Developolvimento_de_Boas_Praticas)
- Chaumier, S., & Jacobi, D. (2008). Nouveaux regards sur l'interprétation et les centres d'interprétation. *La Lettre de l'OCIM. Musées, Patrimoine et Culture scientifiques et techniques*, v.119, (pp.4-11). Disponível em: <http://journals.openedition.org/ocim/349>

Ciência Viva. (sd). Home. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em <http://www.cienciaviva.pt/home/>

Council of Europe (2005). Recommendation (Rec (2005) 13) of the Committee of Ministers to member states on the governance and management of university heritage (Adopted by the Committee of Ministers on 7 December 2005 at the 950th meeting of the Ministers' Deputies), Strasbourg, Council of Europe, European Union. Disponível em: <https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?id=1954741&Site=CM>

Coutinho, C. P. (2011). Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e prática. Coimbra, Portugal: Almedina

CU-Boulder [Alumni Colorado University] (3 de Dezembro de 2014). CU-Boulder [Flickr]. Consultado em 19 de Setembro de 2020. Disponível em : <https://www.flickr.com/photos/cuboulderalumni/15800367149/in/album-72157649677384862/>

De Montfort University (sd) DMU Heritage Centre [Figura]. Consultado em 19 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.dmu.ac.uk/about-dmu/heritage-centre/heritage-centre.aspx>

De Montfort University (sd). DMU Heritage Centre. Consultado em 19 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.dmu.ac.uk/about-dmu/heritage-centre/heritage-centre.aspx>.

Decreto-Lei nº123/97 do Ministério da Solidariedade e Segurança Social (1997). Diário da República: n.º 118/1997, Série I-A de 22 de Maio 1997. Disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/397953/details/maximized>

Delicado, A. (2004, setembro). Para que servem os museus científicos? Funções e finalidades dos espaços de musealização da ciência. Comunicação apresentada VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 16 a 18 de setembro de 2004, Coimbra, Portugal.

Deric, T. N, Neyrinck, J., Seghers, E. & Tsakiridis, E. (2020). Museums and Intangible Cultural Heritage: Towards a Third Space in the Heritage Sector. Disponível em: <https://www.ichandmuseums.eu/en/toolbox/book-museums-and-intangible-cultural-heritage>

- Despacho nº 26712/2009 Estatutos da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (2009).  
Diário da República, 2.ª série, N.º 238 de 10 de Dezembro de 2009, pp. 49924 - 49934.  
Disponível em: <https://dre.pt/home/-/dre/848115/details/maximized>
- Duarte, A. (2010). O desafio de não ficarmos pela preservação do património cultural imaterial. Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola [recurso electrónico], vol. 1, 2010, p. 42-61. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23630?locale=pt>
- Faculdade de Arquitetura (2020). Centro de documentação. Consultado em 5 de agosto de 2020.  
Disponível em: [https://sigarra.up.pt/faup/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=18264](https://sigarra.up.pt/faup/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=18264)
- Faculdade de Engenharia do Universidade do Porto [FEUP] (2013) Missão. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/feup/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=miss%c3%a3o](https://sigarra.up.pt/feup/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=miss%c3%a3o)
- Faculdade de Farmácia (2020). Núcleo Museológico. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/ffup/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=2362](https://sigarra.up.pt/ffup/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=2362)
- FEUP (2019). Jorge de Sena [Figura]. Consultado em 15 de Janeiro de 2020. Disponível em: <https://web.fe.up.pt/~jorgedesena100/>
- Figurelli, G. R. (2012). Articulação entre Educação e Museologia. In Figurelli, G. R. (Ed). Cadernos De Sociomuseologia: O público esquecido serviço educativo estudo de caso sobre um programa educativo direcionado aos funcionários de museu. nº44 (pp37-64). Universidade Lusófonas. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2872>
- Freire, P. (1984). *Educação e Mudança* (12ªEd). São Paulo, Brasil: Paz e Terra.
- Gil, F. B. (2005). Museus Universitários: Sua Especificidade no Âmbito da Museologia. In. e Coelho, A. e Semedo, A. (Coord.), Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: Homenagem a Fernando Bragança Gil, (pp. 33-54). Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Secção de Museologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/21193>
- Handfas, E. R., Granato, M., & Lourenco, M. C. (2016). O patrimônio cultural universitário de ciência e tecnologia: os acervos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Tendências da Pesquisa*

- Brasileira em Ciência da Informação, v.9, n.2. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/405>
- Hees, L. J. (2018). Interpretar a Paisagem Proposta de um Centro Interpretativo para a Sede de Petrópolis do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Dissertação de Mestrado) [Tabela]. Porto, Portugal. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/117510>
- Helsinki University Museum, (sd-a). Main Exhibition. Consultado em 19 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.helsinki.fi/en/helsinki-university-museum/exhibitions>.
- Helsinki University Museum, (sd-b). Exhibition Consultado em 19 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.helsinki.fi/en/helsinki-university-museum/exhibitions>).
- Instituto Brasileiro De Museus [IBRAM] (2016). Subsídios para a elaboração de planos museológicos. Brasília, Brasil.
- Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (2020). Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/icbas/pt/uni\\_geral.unidade\\_view?pv\\_unidade=141](https://sigarra.up.pt/icbas/pt/uni_geral.unidade_view?pv_unidade=141)
- International Council of Museums [ICOM] (2007). ICOM Statutes, adopted by the 22nd General Assembly in Vienna, Austria, on 24 August 2007. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>
- Izquierdo, P., Tresserras, J., & Matamala, J. C. (2005). Heritage interpretation centres: The hicira handbook. Barcelona, Espanha. Disponível em: [https://www.diba.cat/c/document\\_library/get\\_file?uuid=63952a92-928c-4eb9-a698-587bea5cf637&groupId=99058](https://www.diba.cat/c/document_library/get_file?uuid=63952a92-928c-4eb9-a698-587bea5cf637&groupId=99058)
- Jardim Botânico do Porto (sd). A História do Jardim Botânico. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: <https://jardimbotanico.up.pt/historia.php>
- Kozak, Z. (2007). Promoting the past, preserving the future: British university heritage collections and identity marketing (Doctoral dissertation, University of St Andrews). Disponível em: <https://research-repository.st-andrews.ac.uk/handle/10023/408>
- Lei nº 47/2004 Lei Quadro dos Museus Portugueses (2004). Diário da República n.º 195/2004, Série I-A de 19 de Agosto de 2004, pp. 5379 - 5394. Disponível em

<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/480516/details/normal?q=Lei+n.o+47%2F2004+>.

Lopes, J. T., Sebastião, J., Estanque, E., Silva, J. P. e Alves, N. B. (2017). A praxe como fenómeno social (relatório final). Direcção-Geral do Ensino Superior (DGES). Disponível em:

<https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/a-praxe-como-fenomeno-social/40592>"

Lord, G. D., & Lord, B. (2009). *The manual of museum management* (2ªed). Plymouth, Reino Unido: Altamira Press.

Lourenço, M. C., & Dias, J. P. S. (2017) "Time Capsules" of Science: Museums, Collections, and Scientific Heritage in Portugal, *ISIS* v.108, no. 2 (pp.390-398). Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.1086/692690>

Lourenço, M. C., & Gessner, S. (2012). Documenting collections: cornerstones for more history of science in museums. *Science & Education*, v. 23, nº4 (pp 727-745). Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11191-012-9568-z>

M.C. Lourenço (2005). *Between two worlds: the distinct nature and contemporary significance of university museums and collections in Europe* (PhD dissertation), Conservatoire National des Arts et Métiers, Paris, França.

MacDonald, S. (2003). *Desperately Seeking Sustainability: University Museums in Meaningful Relationships*. In UMAC (Eds), *University Museums and Collections*. ICOM Study Series vol.11 (pp.25-27).

MacGregor, A. (2001). The Ashmolean as a museum of natural history, 1683–1860. *Journal of the History of Collections*, v.13, nº2, (pp.125-144).

Matosinhos (2018). Casa-museu Abel Salazar. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.cm-matosinhos.pt/pages/450>

Medina, S. (2010). O Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e as suas colecções, In Granato, M. e Lourenço, M. C. (Orgs.), *Coleções Científicas Luso-Brasileiras: patrimônio a ser descoberto* (pp.231-244). , Rio de Janeiro, Brasil: Museu de Astronomia e Ciências Afins MAST/MCT. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=93555&pi\\_pub\\_r1\\_id](https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=93555&pi_pub_r1_id)  
=

- Medina, S. (2012). Museus da Universidade do Porto: Diagnóstico. Documento não publicado, Porto, Portugal.
- Medina, S. (2014). Museu Feup: estratégias e métodos para a gestão de produtos do conhecimento. In Semedo, A., Nascimento, E. N. & Centeno, R. (Coords.), Atas do Seminário internacional O Futuro dos Museus Universitários em Perspetiva. Porto, Portugal: Universidade do Porto, (pp.123-132). Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/76434>
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (2014). Política de Exposições. São Paulo, Brasil: Universidade de São Paulo. Disponível em: [http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/institucional/institucional\\_polexposicoes.asp](http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/institucional/institucional_polexposicoes.asp)
- Museu de História Natural e Ciência da Universidade do Porto [MHNC-UP] (sd-a). Sobre o MHNC-UP. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: <https://mhnc.up.pt/>
- Museu de História Natural e Ciência da Universidade do Porto [MHNC-UP] (sd-b). Galeria da Biodiversidade. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: <https://mhnc.up.pt/galeria-da-biodiversidade/>
- Nacional Gallery of Australia (2017). Exhibitions Policy. Disponível em: [https://nga.gov.au/collection/pdfs/exhibitions\\_policy.pdf](https://nga.gov.au/collection/pdfs/exhibitions_policy.pdf)
- Pizarro, M. M. S. (2019). Centros Interpretativos. In Direção Regional de Cultura do Norte – Ministério da Cultura (Ed.) Centro Interpretativos: Técnicas, Espaços, Conceitos e Discursos. Coleção Património do Norte v.3 (pp.9-24). Disponível em: [https://issuu.com/cultura.norte/docs/cole\\_o\\_patrim\\_nioanorte\\_n\\_3](https://issuu.com/cultura.norte/docs/cole_o_patrim_nioanorte_n_3)
- Planetário do Porto (2020). Apresentação. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: <http://planetario.up.pt/pt/sobrenos>
- Plano Estratégico FEUP (2011). Plano Estratégico e Grandes Linhas de Ação da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) para 2011-2015: Compromisso FEUP 2020 – O Caminho do Desenvolvimento. Porto, Portugal: Universidade do Porto. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/feup/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=\\*plano%20estrat%c3%a9gic o%202011-2015](https://sigarra.up.pt/feup/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=*plano%20estrat%c3%a9gic o%202011-2015)
- Pontes, A. (2019) Património A Norte. In Direção Regional de Cultura do Norte – Ministério da Cultura (Ed.) Centro Interpretativos: Técnicas, Espaços, Conceitos e Discursos. Coleção Património do

- Norte v.3 (pp.4-6). Disponível em:  
[https://issuu.com/cultura.norte/docs/cole\\_o\\_patrim\\_nioanorte\\_n\\_3](https://issuu.com/cultura.norte/docs/cole_o_patrim_nioanorte_n_3)
- Pontes, F. (2020). DSC\_6689.JPG [Fotografia].
- Portugal Defence (sd). FEUP\_aerea\_000 de idD [Figura]. Consultado em 20 de Julho de 2020.  
Disponível em: <http://btid.iddportugal.pt/listing/feup/gallery/>
- Regulamento n.º 53/2018 Regulamento Orgânico da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (2018). Diário da República: n.º 16/2018, Série II, 23 de janeiro de 2018, pp. 2895 - 2901.  
Disponível em <https://dre.pt/web/guest/home/-/dre/114561438/details/maximized?jp=true>.
- Richardson, R. J (1999). Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo, Brasil: Atlas.
- Rodrigues, Â. (2016). Projeto para Credenciação do Museu da Faculdade de Belas Artes do Porto à Rede Portuguesa de Museus. Dissertação de Mestrado. Disponível em:  
[https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=166987](https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=166987)
- S. W. de Clercq & M.C. Lourenço, (2003). A globe is just another tool: understanding the role of objects in university. In UMAC (Eds), University Museums and Collections. ICOM Study Series vol.11: (pp.4-6).
- Santos, M. C. T. M. (1994). Documentação museológica, educação e cidadania, In Cadernos de Sociomuseologia, v.3, nº3, (p.79-92). Lisboa, Portugal: ULHT, Centro de Estudos de Sociomuseologia Disponível em:  
<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/308>
- Semedo, A. (2005). Que museus universitários de ciências físicas e tecnológicas? In. Coelho, A. e Semedo, A. (Coord.), Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: Homenagem a Fernando Bragança Gil, (pp. 265-281). Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Secção de Museologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/21193>
- Simpson, A. (2014). Rethinking university museums: Material collections and the changing world of higher education. In Museums Australia Magazine, v.22, nº3, (pp.18–22). Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/profile/Andrew\\_Simpson2/publication/262725987\\_Rethinking](https://www.researchgate.net/profile/Andrew_Simpson2/publication/262725987_Rethinking)

ng\_university\_museums\_Material\_collections\_and\_the\_changing\_world\_of\_higher\_education/links/0a85e538982ae52e9f000000.pdf

Taub, L. (2003). The History of Science through Academic Collections. In UMAC (Eds), University Museums and Collections. ICOM Study Series vol.11 (pp.14-16).

Technische Universität Dresden (2020). Academic Heritage [Figura]. Consultado em 13 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://tu-dresden.de/kustodie/ausstellungen/staendige-ausstellung>.

Theologi-Gouti,P (2003). Le musée de Sciences et techniques: archives de la recherche universitaire ouvertes aux différents publics. In UMAC (Eds), University Museums and Collections. ICOM Study Series vol.11: (pp.12-13).

Tilden, F. (1957). Interpreting our heritage: Principles and practices for visitor services in parks, museums, and historic places (3ªed). Chapel Hill, EUA: University of North Carolina Press.

Unidade de Anatomia (sd) O Museu de Anatomia – DBM. Disponível em <http://anatomia.med.up.pt/museu/>

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). (2003). Convention for the safeguarding of the intangible cultural heritage. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/convention>

Universidade do Porto (2018). Museus da U.PORTO. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=museus-da-universidade](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=museus-da-universidade)

Universidade do Porto (sd). Galeria dos Leões. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=galeria-dos-leoes](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=galeria-dos-leoes)

Universidade do Porto [Universidade do Porto] (22 de dezembro de 2009). Inauguração da Galeria dos Leões [Facebook]. Consultado em 5 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.214708143379.133822.51541308379&type=3>

University of Colorado Boulder (sd). Exhibitions. Consultado em 19 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.colorado.edu/alumni/heritage-center/exhibitions/cu-space>

Veloso, C. (1979) Oração do Tempo [música]. *Cinema Transcendental*. Verve

Weinert, K. [Technische Universität Dresden] (21 de Janeiro de 2019). Ausstellungsansicht [Facebook] [Figura]. Consultado em 13 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/officeforacademicheritage/photos/a.711996182337419/1257832634420435>

Yin, R. K. (2001). Estudo de caso: planejamento e métodos. trad. Daniel Grassi (2.ed.). Porto Alegre: Bookman.

Zeller, M. (2013). Processo criativo de investigação no Museu da FEUP. In Semedo, A., Nascimento, E & Centeno, R (Coord.), Atas do seminário internacional o futuro dos museus universitários em perspectiva. Porto, Portugal: Universidade do Porto, (pp.162-171). Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12518.pdf>

## Apêndices

### Apêndice A - Descrição das Atividades Exercidas no FEUPmuseum

As atividades tiveram início no dia 16 de dezembro de 2019 no qual pude conhecer as equipas da unidade de Museu e Biblioteca, bem como, o campus da FEUP. Além disto, pude participar da desmontagem da exposição “Outros Retratos e Auto-Retratos” (fig. A1), um projeto fotográfico de Renato Roque, concebido a partir de imagens da retina humana, usadas para a deteção de retinopatia diabética, obtidas no contexto do projeto SCREEN-DR<sup>50</sup>, liderado por Aurélio Campilho, professor da FEUP e Investigador Coordenador do Centro de Investigação em Engenharia Biomédica no Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência (INESC), incubadora presente na Faculdade. A exposição foi realizada sala polivalente da Biblioteca da FEUP entre os dias 14 de novembro e 16 de dezembro de 2019. Em paralelo ocorreram duas palestras organizadas pelo professor Aurélio Campilho na Biblioteca da Faculdade<sup>51</sup>.

Considero esta exposição um ótimo exemplo do papel do FEUPmuseum como mediador das atividades científicas produzidas na FEUP. Além disto, participar do processo de desmontagem foi uma atividade importante na minha formação como futura museóloga.

**Figura A1**



---

<sup>50</sup> Consórcio do SCREEN-DR no qual pretende criar uma plataforma de rastreio distribuída e automática para a RD, com base em PACS (Sistema de Comunicação e Arquivo de Imagens). INESC. (sd). *Plataforma De Análise De Imagem e de Aprendizagem Computacional para a Inovação no Rastreio Da Retinopatia Diabética*. Disponível em <https://www.inesctec.pt/pt/projetos/screen-dr#about>

<sup>51</sup> FEUP. (sd). *Exposição “Outros Retratos e Auto-retratos”*. Disponível em [https://sigarra.up.pt/feup/pt/noticias\\_geral.ver\\_noticia?p\\_nr=97631](https://sigarra.up.pt/feup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=97631)

*Anotação. Registo da finalização da embalagem da exposição “Outros Retratos e Auto-Retratos”*. Fonte: Juliana Bittencourt (2019).

Neste mesmo dia, ocorreu a receção e montagem de uma nova exposição, “A Intersecção de Duas Linhas Paralelas” de Joaquim Filipe Faria, membro integrante da Orquestra Clássica da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. A exposição esteve na sala polivalente da Biblioteca entre os dias 18 de dezembro de 2019 (inauguração oficial) a 10 de janeiro de 2020<sup>52</sup>.

Este segundo momento exemplificou a aproximação do FEUPmuseu com a comunidade e seu desempenho como serviço nos processos museológicos da FEUP. Joaquim Filipe Faria procurou a Unidade de Museu para realizar uma mostra pública de seus trabalhos artísticos. Em uma ação colaborativa, o artista e a técnica superior da Unidade de Museu, Susana Medina<sup>53</sup>, construíram um percurso expositivo na sala polivalente. Além dos recursos humanos disponíveis, o FEUPmuseu disponibilizou plintos, legendas, cartazes e participou do processo de divulgação da exposição.

Outro momento marcante foi no dia 10 de janeiro de 2020. Fui convidada para participar como integrante da comunidade FEUP da “Maratona Literária Jorge de Sena” (fig. A2). Esta atividade teve como objetivo comemorar os cem anos do nascimento de Jorge de Sena, poeta, escritor e crítico de literatura, um dos mais prestigiados *alumnus* FEUP. A comunidade FEUP – estudantes, colaboradores, professores, *alumni* – - foi convidada a dar a voz na leitura coletiva da obra «O Físico Prodigioso» (1964)<sup>54</sup>. Além da participação, foi possível acompanhar o processo de recolha dos áudios, divulgação e a inauguração da maratona na plataforma online, no qual ainda encontra-se disponível no *website*<sup>55</sup>.

Esta atividade tornou-se importante para compreender que a Unidade de Museu executa outras ações para além de exposição e os cuidados com as coleções da FEUP. Mostrou a necessidade de cuidar, divulgar e envolver a comunidade em datas celebrativas de uma personalidade que constitui a cultura da FEUP. São em atividades como esta que os novos alunos e colaboradores passam a conhecer um pouco mais do legado cultural da Faculdade.

---

<sup>52</sup> FEUP. (sd). *Abertura da exposição “A Intersecção de Duas Linhas Paralelas” de Joaquim Filipe Faria*. Disponível em [https://sigarra.up.pt/feup/pt/noticias\\_geral.ver\\_noticia?p\\_nr=9933](https://sigarra.up.pt/feup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=9933)

<sup>53</sup> Corresponde a uma das atividades exercidas por Susana Medina na Unidade de Museu.

<sup>54</sup> FEUP. (sd). *Jorge de Sena: FEUP assinala 100 anos do nascimento do Escritor da Casa*. Disponível em [https://sigarra.up.pt/feup/pt/noticias\\_geral.ver\\_noticia?p\\_nr=97411](https://sigarra.up.pt/feup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=97411)

<sup>55</sup> FEUP. (2019). *Centenário Jorge de Sena*. Disponível em <https://web.fe.up.pt/~jorgedesena100/>.

Figura A2



*Anotação. Captura da tela do telemóvel no qual regista a participação da investigadora na atividade. Fonte: FEUP, 2019, Centenário Jorge de Sena (<https://web.fe.up.pt/~jorgedesena100/>).*

Particpei ainda na produção da exposição “Formas escondidas: Revelar o interior da madeira”, que reuniu uma seleção de peças em madeira torneada. O trabalho artesanal é de Fernando Nunes Ferreira, antigo Professor Catedrático e Diretor do Departamento de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores da FEUP. Nesta exposição pude acompanhar a seleção dos objetos a expor na casa do professor, o desenvolvimento da folha de sala, a divulgação e montagem da exposição (fig. A3). A pandemia impossibilitou a participação na desmontagem da mesma, uma vez que a Universidade cancelou as atividades presenciais.

Nota-se que a exposição estava prevista para acontecer entre os dias 26 de fevereiro até o dia 27 de março de 2020 na sala polivalente da Biblioteca. Em paralelo iria ocorrer uma visita guiada pelo autor no dia 7 de março que, contudo, foi adiada devido à pandemia. Por fim, a visita guiada presencial não foi efetuada. Como alternativa foi concebida uma visita guiada virtual por meio do “Café FEUP com Vida”<sup>56</sup>, atividade desenvolvida durante a quarentena para unir a comunidade FEUP frente ao

<sup>56</sup> FEUP (2020). *FEUP Com Vida*. Disponível em [feupcomvida.fe.up.pt](http://feupcomvida.fe.up.pt)

momento de grandes incertezas. Portanto, Susana Medina e Paulo Jesus (Comissariado Cultural da FEUP) estiveram no espaço no dia 14 de maio, mantendo as devidas normas de segurança, mostrando os objetos enquanto o prof. Nunes Ferreira explicava o processo de criação, desenvolvimento das peças e suas respectivas histórias.

**Figura A3**



*Anotação. A figura ilustra a participação da investigadora durante a montagem da exposição “Formas escondidas: Revelar o interior da madeira” na sala polivalente da Biblioteca da FEUP. Fonte: Fernando Pontes, 2020.*

## Apêndice B - Espaços Museológicos, Culturais e Científicos da Universidade do Porto

Nº	Instituição	Tutela	Data	Natureza da coleção	Espaço expositivo
1	Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)	Reitoria da Universidade do Porto, com o apoio da Ciência Viva e Banco BPI	2015	Sua coleção é constituída pelas seguintes áreas de conhecimento: geologia, paleontologia, zoologia, arqueologia e etnografia, botânica e ciência	Aberto ao público com programação diversa. Bilhete de entrada sob consulta ao website.
2	Jardim Botânico	Reitoria da Universidade do Porto	2017	Espaços ajardinados diversificados.	Aberta ao público, entrada livre.
3	Galeria da Biodiversidade	Reitoria da Universidade do Porto	2017	Seu património está envolto aos temas da biologia, história natural e arte.	Aberto ao público com programação diversa. Bilhete de entrada sob consulta ao website.
4	Museu da Faculdade de Belas Artes	Faculdade de Belas Artes	1996	Sua coleção é constituída por esculturas, pinturas, desenhos e gravuras, objetos de alunos e docentes, bem como, artistas consagrados.	Aberta ao público, entrada livre.

Nº	Instituição	Tutela	Data	Natureza da coleção	Espaço expositivo
5	Galeria dos Leões	Faculdade de Belas Artes	2009	Espaço destinado a exposições, comercialização e realização de iniciativas dos estudantes, docentes e antigos alunos da Faculdade de Belas Artes.	Aberta ao público, entrada livre.
6	Museu de História da Medicina Prof. Maximiano Lemos	Faculdade de Medicina	1933	Sua coleção é constituída pela evolução histórica da medicina com o património médico.	Todas as visitas ao Museu são guiadas e requerem marcação prévia.
7	Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina	Unidade de anatomia da Faculdade de Medicina	1825	Sua coleção é composta por: murais, fotografias, radiografias, desenhos e peças anatómicas que documentavam lições e artigos de investigação	Todas as visitas ao Museu são guiadas e requerem marcação prévia, bilhete de entrada sob consulta ao website.
8	Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande	Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar	1975	Sua coleção é composta por modelos anatómicos e peças humanas e de animais.	Acondicionado em um núcleo museológico, sua visita é possível sob marcação prévia.

Nº	Instituição	Tutela	Data	Natureza da coleção	Espaço expositivo
9	Casa Museu Abel Salazar	Reitoria da Universidade do Porto e está credenciado na Rede Portuguesa de Museus	1975	Exposição permanente das obras artística, científica e literária de Abel Salazar	Aberto ao público com visitas guiadas. bilhete de entrada sob consulta ao website
10	Museu da Faculdade de Farmácia	Faculdade de Farmácia	2013	Sua coleção é composta por instrumentos utilizados na atividade farmacêutica, bem como outras áreas científicas.	Acondicionado em um Núcleo Museológico, sua visita é possível sob marcação prévia.
11	Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura	Faculdade de Arquitetura	1993	Coleção com valor patrimonial, histórico, artístico ou documental relativos à arquitetura e urbanismo português e portuense.	Acondicionado em depósito. Possível consultar a partir de marcação previa.

Nº	Instituição	Tutela	Data	Natureza da coleção	Espaço expositivo
13	Planetário do Porto	Universidade do Porto	1998	Seu património está envolto aos temas da Astronomia e Astrofísica.	Aberto ao público com programação diversa. Bilhete de entrada sob consulta ao website.
14	FEUPmuseu	Faculdade de Engenharia do Porto	2004	Sua coleção é centrada na engenharia portuguesa dos séculos XIX e XX.	Acondicionado em espaços semipúblicos, é possível consultar ao circular pela faculdade ou com marcação prévia.

## **Apêndice C - Investigadora Juliana Bittencourt entrevista Suana Medina via Skype com gravação do áudio no telemóvel**

### **Susana e FEUP**

**JULIANA:** Qual é seu cargo oficial?

**SUSANA:** Técnica superior, integrada na Unidade de Museu dos Serviços de Documentação e Informação da FEUP. Sou a responsável técnica pelo serviço da unidade. Sou a única museóloga no corpo de técnicos da faculdade; por isso, a mim cabe orientar as intervenções a nível museológico na faculdade.

**JULIANA:** Quais são suas atividades e/ou responsabilidades?

**SUSANA:** A orientação museológica compreende uma série de atividades. Uma delas tem a ver com a criação do futuro Museu da FEUP, o FEUPMuseu, que é um projeto em curso e que implica uma visão, missão, um plano museológico que seja aplicado de forma transversal a todas as coleções e artefactos de potencial museológico. E potencialmente poderão ter valor museológico artefactos de todos os serviços e departamentos da faculdade que possam ter participado em atividades de transmissão e produção de conhecimento. Por outro lado, integrando os Serviços de Documentação e Informação, entende-se o serviço a partir de uma visão integrada de recursos com valor patrimonial. Compete-me também definir sistemas de gestão documental que “cruzem” acervos de biblioteca, arquivo e museu. Sobre eles exercemos uma atividade curatorial, de exploração, investigação, educação; no fundo todas as funções que integram o nosso “naipe” de funções museológicas. Finalmente, desenvolvemos uma componente que ainda não está muito explorada, mas na qual já nos iniciamos, e que pretendemos constituir também como uma das funções: a comunicação da investigação científica em curso para dentro e fora dos muros da FEUP. Portanto, compreensão pública dos processos de investigação científica e de tudo que deles resulta. Há aqui uma vertente de comunicação da ciência também. Neste momento não me recordo mais nenhuma, mas se calhar ao longo da conversa vamos encontrar mais.

**JULIANA:** Quais atividades fazem parte do FEUPMuseu? Nem todas as atividades que a Susana exerce acabam por estar relacionada com o FEUPMUSEU como um todo...

**SUSANA:** Para isso devo também explicar que, em termos orgânicos, o SDI segue uma organização clássica, canónica. E que tem a ver com a tradicional organização de Serviços de Documentação, tendo

em conta o suporte dos documentos que preservam e que tratam. Portanto, digamos que em termos orgânicos estamos divididos em 3 grandes áreas: arquivo, museu e biblioteca. Mas a nossa forma de trabalhar, a nossa organização interna, é um pouco distinta. Como temos uma visão integrada de tudo isto, a nossa divisão é por equipas. Essas equipas interagem umas com as outras e desempenham diferentes tipos de serviços. Temos, por um lado, a equipa que trata da representação da informação, a que trata do atendimento, a que trata de tudo que é preservação digital e conservação de acervos, outra relacionada com os serviços eletrónicos, e finalmente, a que tem a cargo o suporte das atividades diárias, como contabilidade, gestão, infraestruturas, gestão do espaço etc, e que suporta a direção. E temos ainda outra que tem a ver com a exploração de acervos. Portanto, no fundo minhas atividades são dois tipos: **(caiu a ligação)**

**SUSANA:** Minhas atividades decorrem do FEUPMuseu, mas também, desta organização interna que determina um número de atividades que se estendem a outras, ou que determinam um desempenho além das museológicas.

**JULIANA:** Por exemplo?

**SUSANA:** Acolher exposições que nos chegam por iniciativa externa, por exemplo ou explorar o acervo literário da biblioteca. Aprofundando melhor, dou o exemplo o clube de leitura. O clube de leitura surge no âmbito da equipa Agora, é uma proposta da equipa Agora que, como lhe disse, tem o propósito de explorar os acervos de forma transversal e integrada. O clube de leitura centra-se no acervo literário da biblioteca. A nossa proposta é que se dê a conhecer e se explore através dessa atividade o acervo não técnico da faculdade de engenharia. A ideia é também, ao mesmo tempo, que se incentive o desenvolvimento de um imaginário sobre a engenharia, e isto é tanto útil para o projeto museu, como é útil para um projeto cultural mais alargado. Está claro assim?

(...)

**SUSANA:** Nós estamos organizados internamente por equipas que trabalham de forma interligada, em modo colaborativo e a nossa comunicação externa é que nos faz sair como FEUPmuseu, entende? Claro como eu como sou a única pessoa que tenho competências na área da museologia pode-se dizer que “coloço o chapéu” de outras equipas. Por exemplo, quem faz o inventário e o registo da informação somos nós. Portanto colocamos aqui o chapéu da equipa da gestão da informação. Entende? Já no caso da conservação, a equipa de conservação integra uma profissional, uma técnica de conservação e restauro, e, portanto, não precisamos nós, nem poderíamos colocar esse chapéu por que já existe alguém que o faça. No que toca a preservação digital temos também a unidade de

serviços eletrónicos que cumpre esse papel. Ou seja, há algumas funções que são asseguradas por outras equipas que apoiam o desenvolvimento das funções museológicas.

**JULIANA:** O que é a FEUPMuseu para você? Sua representatividade e valores dentro da Universidade.

**SUSANA:** Para mim é um dos projetos da minha vida. É um projeto muito alargado que compreende todas as pessoas que integram a Faculdade de Engenharia, desde os técnicos, os docentes, os estudantes, os ex colaboradores e os investigadores. Portanto, por mim, é um projeto que em primeiro lugar parte da própria comunidade; em segundo lugar é um projeto que tem como objetivos, em primeiro lugar, recolher informação sobre a história e memória dessa comunidade e da sua produção. Em segundo lugar, inspirar e incentivar esta comunidade e pessoas exteriores a ela para as questões mais relevantes da engenharia. No fundo é isto. E quando falo de memória e de história, trago o objeto do projeto de museu até os nossos tempos. Não é algo que se preocupe só com o passado, mas que se preocupa com a representação para o futuro do que é a FEUP hoje, nas suas múltiplas atividades. É isto. Por outro lado, há uma componente de educação nas questões de engenharia, de educação informal em torno das questões de engenharia, que é uma área na qual, nos próximos anos, mais gostaríamos de investir.

**JULIANA:** Quais as diferenças de um museu clássico para o universitário?

**SUSANA:** Eu não chamaria um “museu clássico”. Temos vários tipos de museus e abordagens mais ou menos canónicas do que é um museu. Eu diria que um museu universitário se distingue à partida dos outros museus porque, tal como a designação indica, um museu universitário tem a ver com o facto deste se enquadrar ou derivar de uma instituição que é uma universidade. E normalmente os museus universitários partem da ideia de salvaguarda de um património gerado no âmbito de atividade de transmissão de conhecimento e produção de conhecimento ao longo do tempo. Isso faz com que as coleções sejam também híbridas. Estas coleções, muitas vezes, continuam a integrar a componente letiva ou a componente de investigação. Ou seja, continuam a ser utilizadas em sala de aula e continuam a ser utilizadas para fins de produção de novo conhecimento. Portanto, os pendoros pedagógico, patrimonial e museológico coincidem nas coleções universitárias. Eu acho que esta é a principal distinção entre os museus e as coleções não universitários e universitários. Em primeiro lugar, então, é o contexto no qual o museu surge e o tipo de coleções, que neste caso, como expliquei, são híbridas. Por outro lado, temos outra componente distintiva que é a do apoio que os museus universitários estão a dar cada vez mais à chamada terceira missão das universidades, transportando, levando o conhecimento nelas produzido para fora da esfera académica. Os museus são instituições

que suscitam confiança por parte das pessoas externas a esse mundo académico pela capacidade de têm de comunicar, de chegar a públicos distintos; por isso, são chamados e são naturalmente aliados dessa (a gravação parou aqui).

### **FEUPmuseu**

**JULIANA:** Quando foi desenvolvido o primeiro registo do FEUPMuseu? O que motivou a criação do FEUPMuseu? Quais as características que marcaram esse primeiro registo (espaços, idealizações – mesmo que de forma informal)?

**SUSANA:** O primeiro registo estamos a falar de inventário?

**JULIANA:** Não, da proposta da FEUPMuseu – porque um museu da FEUP?

**SUSANA:** É uma história longa. Mas vou contar (...) no século 19 a Escola Politécnica formava, numa lógica de ensino superior, pessoas em diferentes áreas de engenharia. O ensino tinha uma componente letiva teórica, mas também prática e experimental. Para apoiar as atividades experimentais foram sendo constituídos museus e gabinetes. Esses museus e gabinetes eram dotados de ferramentas, equipamentos, modelos didáticos, uma série de materiais com fins pedagógicos, para ilustrar os diferentes princípios científico-tecnológicos que eram ministrados nas aulas teóricas. Portanto o ensino tinha essas três componentes: teórica, prática e experimental. E estes museus e gabinetes continham materiais que eram utilizados para fins pedagógicos. Portanto existiam coleções, podemos assim dizer.

Entretanto esses gabinetes, esses museus foram desaparecendo com o tempo. Alguns permaneceram, como no caso do Departamento de Engenharia de Minas que continua a ter o chamado “museu de minas” para apoio a aulas práticas. Portanto isto não é linear e não é aplicável a todas as áreas. Esses gabinetes e museus foram deixando de existir, mas as coleções continuam na instituição. E muitas foram salvaguardadas, embora de uma forma que não foi sistemática. Cada departamento continuou, por determinação de cada diretor ou por iniciativa de técnicos ou docentes, a guardar em vitrines e armários estas coleções. Por vezes, encontramos-las dispersas. Portanto, já falamos sobre os gabinetes e museus universitários, já falamos dessa iniciativa de salvaguarda que não é sistemática e que também não é transversal a todos departamentos, e que não é uniforme. Mas é algo que está muito presente e que ocorreu a vários níveis na Faculdade de Engenharia.

Por volta dos anos 90, a questão dos museus universitários começa a surgir na Universidade. Existia o Museu de História Natural com coleções de antropologia, arqueologia, biologia, e outras

vertentes científicas, e o Museu da Ciência, de ciências exatas, na Reitoria. E depois houve uma série de unidades orgânicas (faculdades), que começaram a reorganizar os seus museus (no caso de existirem) ou começaram a criar museus novos quando concluíram que detinham coleções, mas que era necessário levar a cabo o tratamento sistemático de que falei há pouco, de forma organizada e profissional. Eu penso que nesta altura, a iniciativa local de criar museus ou de os reorganizar seguiu a tendência internacional. A meu ver, foi também importante o contributo do próprio curso de pós-graduação em museologia, que tinha aberto nesta altura, e que começou a formar profissionais e a procurar interagir com a universidade no sentido de criar um museu único na própria universidade. Começa aqui toda uma dinâmica que faz com que as unidades orgânicas comecem a dar atenção aos seus museus e, no caso em que não existiam, a criá-los. Isso aconteceu também na Faculdade de Engenharia. Isso por volta de 1995 ou se calhar um pouco antes. O diretor da altura contactou um docente da área da engenharia eletrotécnica e amador de história da engenharia, que tinha já várias vezes assinado artigos nas publicações internas da própria faculdade e em outras como “O Tripeiro” etc. Tinha já publicado artigos sobre alguns artefactos da faculdade, sobre a história da faculdade e algumas figuras que se destacaram na própria cidade e no meio da engenharia a nível a nacional e local.

Ao mesmo tempo, houve um técnico que, tendo o curso de história, apresentava uma sensibilidade acrescida para as questões do património. Então por volta do início dos anos 90, foi-lhes pedido que tentassem identificar, localizar e atribuir valor museológico a coleções ou a objetos que estavam guardados nos diferentes departamentos. A lógica que foi seguida para identificar e atribuir este tal valor teve a ver com vários parâmetros como qualidade técnica, estética, e a própria antiguidade dos objetos. Este primeiro inventário foi realizado em formato papel; todas essas peças que foram selecionadas por este dueto foram fotografadas. Foi realizado assim o primeiro inventário.

Depois, no final dos anos 90 a FEUP começa a organizar-se para sair do antigo edifício da rua dos Bragas e transitar para as novas instalações no *campus* da Asprela. E como em todas as mudanças foi necessário fazer uma seleção do que ia e do que deveria ser descartado e deixado para trás. Penso que nessa altura, e já falei com várias pessoas que me transmitiram essa ideia, foi necessário fazer de novo uma seleção baseada em critérios que não se detinham exclusivamente no valor, mas sim em facilidades de logística, de transporte. Mas, noutros casos, foi reconhecido pela própria comunidade que certos objetos tinham valor de representação. E, portanto, houve critérios vários que informaram decisões que variaram de departamento para departamento, tomadas por cada diretor de departamento. Cada um entendeu quais os critérios a aplicar, incluindo os relacionados com a gestão

de meios. Penso também que se pensou muito na capacidade dos departamentos acolherem e acondicionarem esses objetos, na disponibilidade de transporte e etc.

Há muitas histórias que ilustram muito bem esta disparidade em termos de critérios de salvaguarda aplicados nesta altura. Isto fez com que se deixassem algumas coleções importantes para trás. Nomeadamente, a coleção de vidros de química que ficou toda na Rua dos Bragas; equipamentos mais pesados como por exemplo algumas máquinas do laboratório de máquinas elétricas, património com valor e interesse museológico que foi deixado para trás. Há outros casos nos quais a comunidade reconheceu valor a certos objetos por razões de autorepresentação; é o caso da história que já lhe transmiti sobre a turbina, uma das histórias mais interessantes deste período. Depois posso contar em detalhe.

Ao mesmo tempo foi tomada a decisão de criar os Serviços de Documentação e Informação, um serviço que tinha como o principal objetivo agregar todas as bibliotecas de engenharia. Na altura cada departamento tinha sua biblioteca. Foi decidido criar uma biblioteca central que agregasse todos os exemplares dispersos e que prestasse tratamento técnico adequado a todo este acervo. O mesmo aconteceu com o arquivo e o acervo administrativo, histórico e institucional. A diretora da altura, que era a Dr<sup>a</sup> Ana Azevedo, uma vez finalizada essa componente, pensou que fosse interessante propor a criação de uma unidade museológica que realizasse o mesmo tipo de operação, e com mesmo tipo de visão sobre essas coleções que se encontravam dispersas. A mesma ideia de unificar, aplicar a todas elas uma visão agregadora, conferir um destino único e tratamento por profissionais de forma unificada e normalizada. Portanto, quando se pensou num novo regulamento orgânico para a faculdade de engenharia, o que veio a ser publicado 2004, é referida pela primeira vez a unidade de museu no âmbito dos Serviços de Documentação e Informação. Portanto, podemos dizer que a primeira vez que aparece a palavra “museu” num documento oficial e legal foi em 2004, neste regulamento orgânico.

**JULIANA:** Quando foi criado esse documento, tinha a intenção de ficar dentro dos SDI ou tinha uma proposta de um espaço?

**SUSANA:** Não. Ah sim, havia a proposta de um espaço para um museu, mas este espaço era para um único departamento, o de eletrotécnica. E porque terá sido isso assim: em primeiro lugar porque o professor que lhe falei a pouco era docente de eletrotécnica. Por outro lado, aquele departamento demonstrou mais sensibilidade para a questão museológica e propôs que o projeto contemplasse

uma sala aberta ao exterior com a função de acolher uma exposição permanente sobre a coleção histórica do departamento.

Outra realidade é a do departamento de minas de que já falei há um bocado. O Departamento de Minas ainda tem um museu de mineralogia que contém amostras e modelos didáticos, no qual algumas aulas práticas são ministradas. São duas realidades distintas, este é claramente um recurso que apoia as atividades letivas e que tem vontade de se vir a abrir ao exterior. No caso de eletrotecnia o caso era completamente distinto: foi concebido um espaço para acolher a coleção histórica que havia sido delimitada por alguém e acondicionar instrumentos científicos do século 19 e início do século 20 em vitrines para contemplação. Basicamente foi isto.

Outro esforço museológico ocorrido antes da criação do FEUPMuseu, e que é interessante, é do departamento de civil, que através das suas coleções históricas narra a sua longa história. O curso de engenharia civil é, a par do curso de minas, o mais antigo. As coleções históricas são, no fundo, uma forma de materializar esta genealogia, este *pedigree*, da Engenharia Civil no Porto. É um departamento que dispõe de espaços expositivos em corredores, em espaços reservados e até em espaços públicos como áreas de entradas, dotados de vitrines nas quais são colocados alguns equipamentos que se foram tornando obsoletos dentro do Departamento.

**JULIANA:** Qual estrutura que era planejada? Em 2004 quando teve a primeira proposta, a estrutura que era planejada era para ser um serviço mesmo?

**SUSANA:** Era para ser uma unidade.

**JULIANA:** O que você quer dizer como unidade?

**SUSANA:** Em termos orgânicos tem o serviço, a seguir a divisão e depois a unidade. O serviço é constituído por divisões. As divisões constituem-se em unidades. Na altura o que foi definido é que existiria um serviço de documentação e informação que conteria uma divisão, divisão de arquivo e museu que, por sua vez, teria duas unidades: unidade arquivo e unidade museu.

**JULIANA:** Qual a estrutura hoje, física, funcionários e acervo?

**SUSANA:** A estrutura mudou; penso que o novo regulamento orgânico foi publicado em 2014. E a estrutura mudou. A unidade de museu deixou de estar na dependência da divisão do arquivo e museu. Portanto agora existe a divisão de biblioteca, divisão de arquivo, divisão de arquivos eletrónicos, e depois, entres outras, tem a unidade de museu que está dependente da direção do serviço. A unidade

de museu não é uma divisão porque não tem quadro de pessoal que sustente a criação de uma divisão. Neste momento, além de mim, integra mais dois técnicos: um técnico superior e uma assistente técnica associados a esta unidade. Em termos de funcionamento, estamos numa fase de transição. Até agora mantínhamos a relação com os departamentos, uma relação direta, através de pessoas que mediavam a nossa relação com cada departamento. Às vezes era o diretor do departamento, outras vezes era alguém que o diretor designava; outras vezes esse papel recaía na pessoa que tinha maior conhecimento sobre as coleções. Poderia ser um técnico, por exemplo, que as conhecia e sabia onde elas se encontravam. E essas pessoas foram muito importantes na altura do inventário em 2005.

Esqueci me dizer que em 2005 houve aqui uma outra fase muito importante, que foi a fase do inventário sistemático. Através de um programa de financiamento, na altura o plano operacional para a sociedade de informação, conseguimos contratar 5 museólogos e 5 conservadores. Desenhamos um plano, um projeto e depois um plano de ação, e durante 1 ano estivemos a reunir o que veio a constituir o universo museológico da faculdade. Criamos equipas por departamento e estivemos a rever o tal inventário que lhe fale e a cruzar informação de livros de cadastro de cada um dos departamentos. O livro de cadastro é um livro de tombo, no qual todas as aquisições eram registadas, e que deixou de ser atualizado após o 25 de abril. Desde os anos 40 até 1975, todos os departamentos, sempre que compravam equipamentos, mobiliário ou qualquer bem móvel necessário ao funcionamento do mesmo tinham obrigatoriamente de registrar essa informação num livro de tombo. E atribuir um número de inventário interno. Quando se passou para a Asprela, o serviço económico e financeiro teve que rever todo este cadastro e atribuir números de inventário e códigos de barras a cada um destes objetos e informatizar tudo isto. Portanto, cruzamos o nosso levantamento com este registo dos bens móveis que constituíam na altura o ativo financeiro da própria faculdade, com livros de tombo antigos e o tal inventário dos anos 90. Conseguimos, ainda por meio desse programa de apoio financeiro, adquirir uma base de dados que nos permitiu registar toda esta informação e passar a gerir todos estes bens móveis com interesse museológico. E fazer um diagnóstico sobre o estado de conservação.

**JULIANA:** Então a FEUPMuseu é uma unidade que está dentro do departamento de serviço e documentação? Ela não é um departamento, ela está paralela a outros departamentos? Por exemplo a catalogação é outro departamento?

**SUSANA:** A representação da informação, que compreende a catalogação, constitui outra unidade.

**JULIANA:** O que seria o departamento? O SDI é separado então por departamentos? Quero entender o organograma.

**SUSANA:** A faculdade organiza-se desta forma: a nível do topo tem a direção; depois tem no plano seguinte os departamentos e os serviços. Portanto, os departamentos são os que desenvolvem a investigação e componente letiva. Os serviços são aqueles que prestam serviços de apoio a toda comunidade: o serviço de documentação e informação, de comunicação ou de contabilidade, por exemplo. Os departamentos são organizados por áreas científicas, ou melhor, por área de conhecimento: Departamento de engenharia mecânica, minas, elétrica. Enquanto serviço, os SDI prestam apoio a toda a comunidade e a todos os departamentos no que toca à gestão da informação útil às suas atividades ou que decorre delas.

**JULIANA:** Como o FEUPMuseu é caracterizado hoje? (coleção aberta? Museu universitário?)

**SUSANA:** Neste momento estamos a tentar reunir as condições para ser classificado como coleção visitável.

**JULIANA:** O que precisa ser feito para ela ser tornar uma coleção visitável? Que hoje ela não é caracterizada desta forma.

**SUSANA:** Em primeiro lugar vamos decompor o termo: por um lado coleção, portanto há todo um estudo de coleções que precisamos continuar. Há coleções, como por exemplo, a coleção Reuleaux, que estão constituídas por natureza. Foi constituída nos finais do século 19, nos anos 80 do século 19 enquanto coleção exatamente para dar apoio às aulas de cinemática, portanto, dentro das aulas de matemática aplicada à engenharia. Foi adquirida como coleção e nós preservámo-la nesse sentido. Há uma série de coleções que foram constituídas após estudo. No caso da coleção de topografia, integra os artefactos que constituíram o gabinete de topografia que já existe desde a Academia Politécnica ao qual foram acrescentados outros equipamentos até aos anos 70. Todos eles foram utilizados nas várias operações que constituem o processo de levantamento topográfico. Portanto a primeira tarefa é esta: estudar e constituir coleção ou estudar para poder constituir coleções.

Em segundo lugar, a questão visitável. Para estas coleções poderem passar a ser visitáveis elas têm que estar acondicionadas e expostas, e se possível, com uma componente de interpretação. Esta é a parte mais difícil. Até agora conseguimos inventariá-las, embora o inventário não esteja em dia, de todo. Há novos equipamentos e novos objetos que estão em vias de avaliação do interesse museológicos. Objetos que a faculdade diariamente vai considerando obsoletos para a prática de

ensino ou investigação. E vamos recolhendo. Temos também doações que vão chegando e que nós ainda não conseguimos estudar. Portanto, a par deste trabalho, temos ainda a necessidade de acondicionar e criar percursos, um roteiro interno que permita ligar todas estas áreas de exposição numa lógica orientada para a visita. Depois há o conceito, o plano museológico, missão, visão integradora a desenvolver. E enquanto isto não estiver montado não conseguimos constituir museu.

**JULIANA:** Quero fazer uma pergunta muito rápida, sim ou não, o centro interpretativo seria uma saída para, não digo pular este processo, mas sim, acelerar em se tornar uma coleção visitável?

**SUSANA:** Absolutamente sim.

**JULIANA:** Há funcionários que são formalmente da FEUPMuseu? Quem são e quais suas funções?

**SUSANA:** São da unidade museu.

**JULIANA:** Inclusive você?

**SUSANA:** Sim.

**JULIANA:** Quem são essas pessoas?

**SUSANA:** Fernando Pontes, a formação de base é história.

**JULIANA:** Sua função?

**SUSANA:** Sendo técnico superior, a função do Fernando é participar de todas as funções museológicas e desempenhá-las, particularmente a função de estudo de coleção e investigação. A Sónia é assistente técnica e é a pessoa que trabalha comigo nas restantes funções. Sendo que o Fernando, sendo técnico superior, realiza investigação por conta própria, podemos trabalhar em parceria ou pode desenvolver suas linhas de investigação. No caso da Sónia, sendo assistente técnica é uma pessoa que executa funções de organização e de apoio às atividades que decorrem do desempenho das funções museológicas.

**JULIANA:** Hoje o Fernando tem alguma linha de investigação?

**SUSANA:** Tem. Neste momento está a desenvolver investigação sobre a história da biblioteca da FEUP. Nós não tínhamos essa informação tratada; estava dispersa, não está acessível e o Fernando está a fazer este trabalho neste momento.

**JULIANA:** Qual a motivação da FEUP em contratar uma museóloga? (objetivos, funções).

**SUSANA:** A motivação da FEUP foi encontrar alguém com as competências técnicas para projetar o museu da FEUP. Eu penso que, ao menos é a minha percepção, que havia a noção que existiam objetos, artefactos com interesse museológico e que estavam dispersos. Era necessário em primeiro lugar constituir esse universo museológico. Portanto, era necessário efetuar o inventário, digitalizar esse inventário e depois desenvolver uma política museológica e uma visão para o museu. Eu penso, também é minha percepção, que nunca houve a ideia de constituir núcleos de reserva e de exposição dessas coleções, reunindo-as num só espaço. Essa intenção continua a não existir.

Em relação à política museológica, só nos últimos anos tenho tido apoio da direção para traçar uma política museológica transversal a todos os departamentos. Uma política museológica única. Foi um processo longo este de sensibilizar, de explicar o que se deveria fazer, mas penso que esta direção, cujo mandato está em curso, entendeu bem essa necessidade. Em relação à nossa missão, tem sido um pouco difícil encontrar acolhimento da ideia de que um museu tem uma componente educativa a cumprir. O argumento que normalmente é evocado é que, sendo a FEUP uma instituição de educação, já cumpre esse propósito. Tem sido um bocadinho difícil passar a informação de que a nossa missão também é de educação não formal, dirigida a pessoas fora da própria academia, e de apoio à comunicação da investigação, de promoção da literacia e da compreensão pública da tecnologia. É um caminho que já começamos a percorrer há cerca de dois anos, de uma forma mais sistemática, mais concreta e objetiva. E penso que este caminho está a ser percebido e bem acolhido.

**JULIANA:** Qual foi a motivação em assumir esse cargo ou o FEUPMuseu? A motivação da Susana em assumir esse cargo.

**SUSANA:** Foram várias. Eu tinha saído na altura de um projeto muito intenso e longo. Foi o Porto 2001. Fui assistente de programação em uma área complexa, composta por diferentes valências. Eu tinha a meu cargo a assistência em programação nas áreas da literatura, ciência, projetos transversais e depois todo o trabalho de articulação com Roterdão (Holanda). Foi um trabalho que me permitiu conhecer a cidade e os seus agentes a fundo, conhecer públicos diversos interessados em várias áreas, perceber os atores, e mais do que tudo, entender de que tratava o planeamento cultural. De que forma as instituições que operam na área da cultura podem apoiar no desenvolvimento de comunidades, da cidade e do território. Isso me fez procurar alguém nesta área que desenvolvia um programa de pós graduação no Reino Unido, em Leicester: o professor Franco Bianchini (o curso era *European Cultural Planning*). Procurei-o no final deste processo porque tinha tido uma experiência

muito vasta e muito rica e precisava de pensar, refletir e de transformar a minha experiência em novo conhecimento para mim e para os outros.

Quando eu soube que estava em curso a contratação uma pessoa da área da museologia pela FEUP pensei que poderia ser um excelente desafio. O que me entusiasmou a responder foi o facto de ter sido sempre uma pessoa que se situou entre as humanidades, a ciência e a tecnologia. Portanto, conhecer e contribuir para dar a conhecer a realidade da Faculdade de Engenharia através de um museu que tivesse em conta a realidade passada e presente, parecia-me um desafio muito interessante. E outra coisa: é muito raro encontrarmos uma entidade museológica no início da sua constituição. Portanto, ainda mais interessante se tornava. Eu ia começar quase do zero, não sabia que já existiam esforços anteriores neste sentido; vim a saber depois. Mas pareceu-me interessante começar quase como uma folha em branco. E poder aplicar tudo aquilo que tinha aprendido sobre o que podia ser um museu universitário.

**JULIANA:** Houve mudança de responsabilidades de quando foi contratada para hoje? Suas funções mudaram? Se sim, foi devido a que?

**SUSANA:** Sim, eu comecei como técnica superior. E hoje em dia, pode-se dizer que sou a responsável técnica pelo museu. Acho que, de alguma forma, fui dando provas e construindo o projeto de museu, que a comunidade começou a ver como algo relevante. Começaram a investir-me de maior responsabilidade. Penso que houve aqui alguma mudança.

**JULIANA:** Quais as atividades/responsabilidades atribuídas ao FEUPMuseu? (Além das exposições ou salvaguarda há outras atividades vinculadas ex.: maratona literária? – como ela entra na FEUPMuseu ou não entra?). Nesse processo que venho observando (...) eu percebo que certas atividades não estão relacionadas com o FEUPMuseu que você desempenha. Além da exposição, não bem a salvaguarda sua gestão?

**SUSANA:** Sim.

**JULIANA:** Quais outras atividades estariam ligadas ao FEUPMuseu em si?

**SUSANA:** Se percorremos as funções museológicas, a mim cabe coordenar o inventário, o estudo de coleções, a exploração e interpretação e a disseminação, seja ela realizada por meio de exposições, publicações ou palestras. Portanto, os meios pelos quais disseminamos o conhecimento produzido a partir das coleções podem ser diversos. Além disto, no campo da investigação, tenho participado em projetos externos, representando a FEUP, enquanto museóloga. E estes projetos externos são

também variados, alguns na gestão da informação de museus, outros no estudo integrado do património museológico. Podem ser estudos de coleções, ou questões de investigação de ordem mais alargada, como, por exemplo, o pós industrial e a sua ligação com a engenharia e tecnocultura. A engenharia também pensa, investiga, opera e produz resultados na área do pós-industrial.

**JULIANA:** Por exemplo, a maratona literária? Ela entra como uma atividade da FEUPMuseu? Ou não?

**SUSANA:** A Juliana está a falar da Maratona Literária do Jorge de Sena?

**JULIANA:** Isso

**SUSANA:** O museu detém coleções, mas também é responsável por património intangível, intelectual e cultural, pelo qual também nos interessamos enquanto objeto de estudo. E o Jorge de Sena, por ter sido aluno da Faculdade, integra também esse Património. De alguma forma, sim, é uma atividade, como expliquei na entrevista anterior, que decorre da visão integrada do serviço. Esta tanto tem a ver com a componente biblioteca como também arquivo e museológica. Sendo que a valência museológica advém do facto de Jorge de Sena também ser entendido como património da universidade, enquanto aluno.

**JULIANA:** Há alguma atividade que é sua responsabilidade e não faz parte da FEUPMuseu?

Penso que todas estão relacionadas. Por exemplo, muitas das exposições que acolhemos não estão relacionadas diretamente com a atividade museológica. Dou-lhe um exemplo: penso quando a Juliana foi para a FEUP estava patente uma exposição sobre investigação na área da imagiologia médica. Essa exposição foi realizada por um centro de investigação da faculdade. A sua realização não partiu de nós; no entanto, quer o modo, quer o tema nos inspira para futuros projetos. No caso desta exposição, ficámos a perceber melhor como podemos apoiar os centros de investigação da FEUP a encontrar formas de comunicar os resultados de investigação de forma a melhor chegar a um público não académico e não especialista. Apesar da iniciativa da exposição não ter sido nossa, e apenas nos tenham pedido para executar um trabalho de ordem técnica - a preparação do espaço e a agilização dos recursos para realizar a exposição- aprendemos muito acerca da comunicação da investigação científica em curso.

**JULIANA:** Eles entraram em contato com vocês para marcar? Eles pediram a data ou vocês deram uma data? Como funciona essa dinâmica?

**SUSANA:** Sim, nós tivemos o conhecimento que esta exposição se ia concretizar. O processo foi muito interessante e é esta a rotina que queremos instalar nos centros de investigação: quando um projeto de investigação está a ser planeado, gostaríamos que a componente de disseminação de resultados contemplasse também um momento de comunicação pública do processo a concretizar com o nosso apoio. E há várias formas de apoiar a investigação através de um museu: na preparação de exposições, na musealização de protótipos e de outros artefactos usados em momentos chave da investigação, no apoio à organização sistemática da documentação e no desenho de propostas de gestão futura dessa documentação. Dou-lhe um exemplo: a FEUP lança todos os anos produtos que são desenvolvidos a partir de investigação e que contribuem para a inovação tecnológica. Veja o exemplo da Garrafa Pluma; se hoje não temos dificuldade em trazer a garrafa de gás para dentro de nossa casa, em parte essa facilidade deve-se à investigação FEUP. Foi na FEUP que foi encontrada a solução para se tornar esse tipo de garrafas mais leve. O que fizemos, por exemplo, em relação a esse projeto foi solicitar à equipa de investigação que depositasse no museu toda a evidência material e a documentação relacionada com o processo, como desenhos técnicos, relatórios, protótipos, para serem guardados no arquivo, biblioteca e museu. Dependente do tipo de documento estes serão tratados pela equipa competente. Assim temos elementos que materializam esse processo, devidamente tratados pelo nosso quadro técnico. Contribuímos assim para a salvaguarda e disseminação do processo (e respetivos resultados) para que se possa devidamente explicar e debater com o cidadão, que no fundo é o consumidor final e é um dos principais interessados na existência destes produtos, alguns aspetos deste produto tecnológico. Algumas áreas de investigação são polémicas. Consideramos que temos o *know how* e o capital de confiança junto dos cidadãos para que possamos ser um parceiro das equipas de investigação na comunicação daquilo que fazem. Foi interessante saber que este centro de investigação já pensa como nós. Eles contactaram-nos inicialmente para abrir a exposição ali na biblioteca, mas na altura tínhamos alguma dificuldade em incluir a exposição na agenda. Mas propusemos outro local, o MiraForum. E foi lá que a exposição foi apresentada. Depois começou uma itinerância vasta, por todo país, em vários locais, e finalmente regressou à FEUP. E terminou a itinerância na FEUP.

**JULIANA:** Qual o impacto que o FEUPMuseu enquanto serviço teve nos departamentos de ensino?

**SUSANA:** Ainda muito pouco, eu gostaria que tivesse muito mais.

**JULIANA:** Você acha que esse pouco impacto está relacionado o FEUPMuseu não ser institucionalizado?

**SUSANA:** Também, tem a ver com muita coisa. O processo como já lhe disse foi muito longo, não sei se felizmente ou infelizmente. Mas mesmo assim, a ideia de um museu está a ser construída em conjunto com a comunidade. E isso leva tempo a concretizar.

**JULIANA:** A segunda pergunta vai ajudar um pouco mais a responder. Como você caracteriza a relação entre departamento/acervo/museu? Fácil, médio, difícil? Porquê? Caracterize (há algum grupo para a mediação?)

**SUSANA:** Depende do departamento, de quem está à frente do departamento. Depende muito. E como sabe muda a direção da faculdade, muda a direção do departamento. Portanto, ao longo desses anos fui encontrando diretores que percebem muito bem nossa missão, reconhecem a nossa especialização da nossa aérea. Depois há departamentos, ou diretores que resistem um pouco a deixar-nos a entrar. Como lhe disse na semana passada só agora tenho uma direção que quer regulamentar esta relação entre unidade museu e os diferentes departamentos. Só agora.

**JULIANA:** Regular essa relação, quer dizer ter protocolos?

**SUSANA:** Regular essa relação através de um regulamento interno. E nós estamos a preparar este regulamento interno. Há outra componente aqui importante e que é a comunicação da missão do museu.

**JULIANA:** Mas por exemplo, a partir do momento que for institucionalizado todo acervo vai ser responsabilidade da FEUPMuseu?

**SUSANA:** Todo o acervo vai ser responsabilidade técnica do museu.

**JULIANA:** O que você quer dizer como técnica? Na questão da salvaguarda, por exemplo?

**SUSANA:** Aqui uma questão importante: estamos perante um museu universitário. E as coleções de um museu universitário podem cumprir um papel na transmissão de ensino ou no processo de produção de conhecimento. São retirados dos locais onde se encontram acondicionadas para as salas de aula, por exemplo. São manuseados por pessoas que têm diferentes sensibilidades em relação ao objetos que tem em mãos. Então temos de desenvolver determinadas práticas e cuidados em relação ao contacto com aqueles objetos. E motivar essas pessoas para os estudar e fazer avançar o conhecimento sobre eles. As coleções podem ser pontes de partida para uma investigação multidisciplinar contemporânea.

**JULIANA:** Por exemplo, cada objeto é único, e possui uma sensibilidade diferente. Ao mesmo tempo há a sensibilidade da investigação em preservar aquilo. É possível criar protocolos de como manusear aquele determinado objeto?

**SUSANA:** Já existem. Como já expliquei a componente e a função de conservação está a cargo de outra equipa com a qual nós interagimos. Essa equipa tem como competência tratar de todas as questões de conservação, preventiva e curativa dos acervos da faculdade. Portanto, em qualquer projeto ou iniciativa da nossa parte que implica a componente conservação, e na maioria dos casos implica, atuamos em conjunto com outra equipa. Aquilo que tem sido feito é emitir notas de trabalho, instruções de trabalho quando há necessidade de usar essas coleções para fim de ensino. Dou-lhe o caso da coleção Reuleaux, que é a mais requisitada para fins educativos. É uma coleção do século 19, uma coleção cuja conservação se faz pelo manuseamento, pois é mecânica. Foi redigida uma instrução de trabalho para a manusear. Como esses objetos devem ser manuseados de forma a que não se degradem, como é que se conservam. Por exemplo: os técnicos usavam um óleo para fazer a manutenção dos modelos, e a nossa conservadora aconselhou outro tipo de óleo mais indicado para a conservação. Esse produto foi substituído pelo que a nossa conservadora indicou.

**JULIANA:** E para requerer o objeto? É com a conservadora? É com a FEUPMuseu?

**SUSANA:** A gestão interna é feita internamente, no departamento. Ou seja, a gestão interna daquela coleção para fins pedagógicos é feita por eles.

**JULIANA:** Eles quem? SDI?

**SUSANA:** Não, departamento. E a gestão da componente museológica é feita por nós.

**JULIANA:** E você acha que com a institucionalização do FEUPMuseu isso pode mudar?

**SUSANA:** Não, há-de ser assim. Como lhe disse essas coleções são híbridas. De um lado têm valor museológico, por outro, valor pedagógico. E sobre o seu valor pedagógico, só o seu departamento sabe mais do que eu. Nós podemos encontrar aqui um consenso de forma que os preceitos sejam seguidos por ambos os lados. E é isso que costumamos fazer.

**JULIANA:** O que é a “Agora”? Existe alguma relação com a FEUPMuseu? Se sim, como?

**SUSANA:** Também lhe havia explicado isso na semana passada. Em termos de estrutura orgânica, o serviço de documentação e informação tem 3 grandes áreas: biblioteca, artigo e museu. Mas internamente estamos constituídos por equipas. E a lógica da constituição dessas equipas, tem a ver

com serviços. A equipa Agora presta serviços de exploração e disseminação dos acervos de forma integrada. Então, tudo isto reflete a nossa cultura e perspetiva em relação ao documento. É uma perspetiva integrada, que segue a lógica LAM (Library, Archive and Museum).

**JULIANA:** Então a Agora pode ter uma pessoa da conservação, você que é da FEUPMuseu? Quero entender melhor a estrutura.

**SUSANA:** A pessoa da conservação está noutra equipa que trata das questões da preservação e conservação.

**JULIANA:** Quem faz parte da Agora?

**SUSANA:** Eu, Fernando e Sónia.

**JULIANA:** Que são da FEUPMuseu?

**SUSANA:** Sim, coincidem.

**JULIANA:** Eu estou um pouco confusa.

**SUSANA:** É um “bocadinho” difícil de explicar. Por exemplo, quando a Margarida, conservadora, presta um serviço tendo como objeto o artefato do museu, a Margarida está prestar serviço ao Museu.

Está a ver minha mão? Este é o museu. Esta é a perspetiva externa. Aqui em baixo tem a Agora e outras equipas. Todas essas equipas podem concorrer para manifestação do Museu. Eu arranjo-lhe um diagrama.

**JULIANA:** Gostaria, por favor. Eu entendo que não há a necessidade em contratar várias pessoas para cumprir a mesma função em um determinado departamento. Mas ao mesmo tempo, há uma grande quantidade de trabalho para essas pessoas. Ao menos é essa a minha perceção. Essas mesmas pessoas fazem parte de equipas diferentes. Cada equipa tem um objetivo e acabam se desloca. A mesma pessoa podem estar em diferentes equipes.

**SUSANA:** Isto tem haver com modelos e perspetivas de organização e gestão dos Serviços de Documentação e Informação. Comunicamos numa perspetiva mais canónica. Pronto, arquivo, biblioteca e museu. E no dia a dia funcionamos com o modelo de organização por serviços.

**JULIANA:** Mais horizontal?

**SUSANA:** Sim, mais horizontal.

**JULIANA:** Com menos hierarquia.

**SUSANA:** Sim, colaborativo.

**JULIANA:** Sim, muitas instituições são assim. Só estou tentando entender, como vou colocar isso no trabalho. Mas como a minha formação é dessa área, eu fico tentando entender.

**SUSANA:** Deixa ver se consigo explicar de uma forma definitiva. Temos para cima o arquivo, museu e biblioteca. Um modelo de organização e gestão que tem a ver com os diferentes suportes e diferentes tratamentos técnicos. Por exemplo: temos um livro e quem trata do livro é a biblioteca; temos documentos administrativos e quem trata do documento é o arquivo (fotografia, o que for); depois temos o museu, tradicionalmente trata dos artefactos, dos objetos tridimensionais. A perspetiva em termos de trabalho é muito mais abrangente do que isto. O nosso modelo é integrado e parte de uma perspetiva mais abrangente, dos serviços necessários à disponibilização destes documentos. O que significa que ao trabalhar, trabalhamos de forma colaborativa e integrada.

Vou dar um caso, aquele diagrama que fiz sobre a coleção Reuleaux, e que já lhe mostrei várias vezes. Quando falamos dos modelos da coleção da Reuleaux, temos que falar também do livro, no qual o autor explica a sistematização e a taxonomia destes modelos, além do princípio matemático que estes modelos encerram. Também temos que falar do manual pelo qual os alunos do século 19 até os nossos dias estudaram aqueles modelos. Temos que falar do documento que atesta que aqueles modelos foram comprados em 1889 ou 1892. Como também temos à nossa guarda os trabalhos académicos que, já no século 21, se fizeram no contexto das atividades letivas, como por exemplo na unidade curricular de composição gráfica. Portanto, tudo isto integra um sistema documental.

Agora na perspetiva do museu, tudo isto está em torno de uma das coleções do museu. Mas podemos, como ponto de entrada nestes sistemas, ter um exemplar bibliográfico que é tratado pela biblioteca. Se consultarmos o manual de cinemática de Reuleaux, continuamos no mesmo sistema documental que integra todo o conhecimento produzido e transmitido sobre aquela coleção.

**JULIANA:** A cultura organizacional deste modelo integrado é uma característica da SDI?

**SUSANA:** Sim, é uma característica muito forte. Este novo modo de trabalho surgiu em 2009 no serviço. Ele foi pensado pela equipa da coordenação com a diretora e foi trabalhado durante algum tempo com o apoio do departamento de gestão industrial, com o apoio de um professor da gestão industrial. E alinha-se pela perspetiva LAM (Library, Archive and Museum). Portanto nesta perspetiva, que no fundo tem haver com a gestão integrada da informação relativa a diferentes acervos, temos

três instituições de memória: as bibliotecas, os arquivos e os museus, que partilham de alguma forma soluções em relação à preservação do património e ao tratamento técnico orientado à facilitação do acesso à informação. Se for procurar e investigar sobre isto encontra os fundamentos da organização destes serviços. Hoje em dia ele evoluiu para GLAM (Galleries, libraries, archives, museums). Há dois autores que explicam isto muito bem: Margaret Hedstrom e John Leslie King.

**JULIANA:** Você acha que esta mudança foi benéfica?

**SUSANA:** Acho que sim. Demorou algum tempo a sedimentar. Porque na cabeça das pessoas estava o modelo anterior. E esta mudança implicou que os técnicos percebessem que, apesar de termos normas que orientam o tratamento distintas, com o tempo estas práticas técnicas têm vindo a aproximar-se. As normas de representação da informação num museu são distintas das normas de descrição de uma biblioteca, de um exemplar bibliográfico. No entanto, elas estão a aproximar-se com o tempo.

Hoje em dia estamos mais próximos. Estou num grupo de trabalho que estuda o sistema de informação em museus, e que foi criado no âmbito da associação dos bibliotecários e que reúne museólogos e pessoal de bibliotecas. E se encontram exatamente porque as preocupações que emergem no âmbito profissional são as mesmas. Há dez anos atrás foi um “bocadinho” mais difícil. Mas hoje temos mesmo que trabalhar em conjunto.

No SDI temos um grupo de trabalho de gestão de coleções, por exemplo, que integra pessoas de diferentes equipas que entram no processo de gestão de coleções em diferentes momentos. Em diferentes fases. Portanto, qualquer decisão ou qualquer desenho de processo é discutido entre nós, tendo em conta as diferentes perspetivas face às várias etapas dos processos. E cada técnico tem sua voz e em conjunto traçamos os pressupostos da gestão integrada de coleções.

### **Institucionalização do FEUPmuseu**

**JULIANA:** Qual (ou quais) a importância em formalizar institucionalmente a FEUPMuseum?

**SUSANA:** Eu tinha a ideia que seria fácil materializar o conceito de museu que pretendíamos para o FEUPMuseum. Esta ideia de ser um museu polinucleado, do museu ser cada um de nós. Um museu que se poderia desmaterializar e ter lugar num ambiente digital em qualquer hora do dia ou da semana. Um museu no qual cada um pode contribuir com seu conhecimento para o enriquecimento de

conteúdos. O conceito estava bem formulado, mas difícil de concretizar. Isto porque esbarramos continuamente contra a representação de um museu canónico, que as pessoas tem na cabeça: começa por se confundir com um edifício; que reúne todas as coleções atrás de vitrines; e que tem uma exposição permanente; ponto!; Esta é a representação dominante do que é um museu naquela faculdade. Eu resisti durante muito tempo contra isso. E a certa altura propus começar a trabalhar num sentido talvez mais “poético” do que é museu. O conceito de museu que tenho na cabeça é poético, mas era este que gostaria de ver concretizado. A sua materialização tem que passar por aqui. Os engenheiros são pessoas muito práticas e muito objetivas. Portanto, chegar lá com uma ideia muito bonita, poética do que é um museu.. não vai resultar em nada. Há pessoas que percebem e contribuem, têm uma alma poética também. Mas, em alguns casos isto esbarra contra o espírito racionalista do próprio engenheiro que quer ver algo concreto. E por isso, penso que a institucionalização vai ajudar e vai ajudar em muito.

**JULIANA:** Hoje o FEUPMuseu é uma coleção aberta, o que falta para a institucionalização do FEUPMuseu? (espaço físico, recursos financeiros, humanos, tempo?)

**SUSANA:** Tudo isso e mais alguma coisa. Mas não pode ser tudo ao mesmo tempo. Faltam em primeiro lugar recursos humanos; acho que os recursos financeiros neste momento não constituem um problema. Quer dizer, agora perante esta crise que vem aí não sei. Mas, em primeiro lugar foi necessário que esta atual direção tomasse consciência que este assunto era um assunto prioritário. Constituir “pólos” para acondicionar as coleções nas melhores condições técnicas possíveis, de forma que se possam promover roteiros e visitas a esses núcleos a partir de um espaço que funcionará como um núcleo central. A materialização deste modelo passa, em primeiro lugar, pela concretização de condições para que as coleções ganhem espaço e visibilidade. Até à data as restrições financeiras não existiam, pois também não estamos a sonhar alto demais. Temos um determinado orçamento e temos que trabalhar dentro dele. Mas é um orçamento simpático e que nos permite instalar tudo isto de forma condigna. Portanto esta parte já está resolvida.

Em relação a recursos humanos especializados, eu gostava muito de constituir equipas e encontrar colaborações em várias áreas. Eu tenho consigo fazer isto com apoio de alunos de vários cursos. Neste momento tenho alunos de museologia, como a Juliana, temos também de design, engenharia que estão a estudar as coleções. E gostava de encontrar uma forma de formalizar isto. Eu ainda não encontrei. Mas os recursos humanos, de facto, venham eles através de contratações,

venham eles sob a forma de estágios académicos, permitem suavizar este segundo constrangimento que encontro aqui.

Depois tem a comunicação. Nós temo-nos nos aproximado do serviço de comunicação e este serviço de nós, por motivos diferentes. Os gabinetes de comunicação vem-se aproximado dos museus, pois estes desenvolvem atividades interessantes que captam a atenção de públicos diversos. O nosso propósito, por outro lado, é conseguir um canal de comunicação profissional, bem estruturado que posicione o conhecimento que nós produzimos além da nossa esfera mais próxima. Portanto, esta simbiose, este trabalho conjunto entre o gabinete de comunicação e o museu tem sido bastante explorado. E com interesse de parte a parte, tem produzido resultados interessantes. Eu veria aqui também a necessidade de termos também recursos financeiros e humanos para divulgar o que fazemos através de ações de comunicação de maior espectro.

**JULIANA:** Eu tinha colocado no outro dia que o centro interpretativo era uma das formas a formalizar esta institucionalização “o palavra difícil”. E vai de encontro com a necessidade, esta é minha colocação “né” a minha conclusão na verdade. Com a necessidade em mostrar aqui nosso acervo, nossa propriedade intelectual que a FEUP como um todo que vai de encontro com isso que você está falando, da comunicação e mostrar de forma mais física e palpável a existência da FEUPMuseu. Seria um pouco por este espectro?

**SUSANA:** Neste aspecto sim, completamente, e vai de encontro ao que tenho estado a pensar também. Há também aqui outra função, que é aquela por onde nós queremos entrar também, como disse há pouco. E que é a função de educação. E quando eu falo em educação, falo também na promoção do pensamento crítico. Ou seja, aqui uma outra frente de trabalho que promove uma reflexão crítica contemporânea sobre a engenharia. E é isso que tentamos fazer nas exposições nos últimos anos e acho que faz falta nesta comunidade. Porque quem normalmente leva essa reflexão para fora da esfera da FEUP são os próprios centros de investigação. Só que o fazem de forma muito cifrada, muito especializada, nos seus próprios canais, entre pares, através da comunicação e publicação científicas. Ou noutros canais de comunicação, participando programas de televisão, onde explicam o que investigam, por exemplo. O que faz falta é introduzir aqui a dimensão do pensamento crítico sobre o que a engenharia faz hoje. As opções a tomar quando se inicia um trabalho de investigação são múltiplas. Por que um investigador decide que a via de investigação para encontrar a solução para problemas será uma e não outras? Gostaríamos de desenvolver parcerias com os centros de investigação de forma a poder apoiá-los nesta dimensão: quer através de atividades que

possamos desenvolver, para as quais possamos também chamar o cidadão, trazê-los para dentro da discussão, e ao mesmo tempo, ajudar a tornar mais transparentes estes processos. E estudar em termos retrospectivos os processos de investigação do passado da mesma forma, crítica e reflexiva.

**JULIANA:** A Susana já falou que a FEUPMuseu tem essa intenção de ser mais poética como museu, “né”, o que você acha que faltaria para tornar um museu dentro dos aspetos atribuídos a lei quadro ou ao ICOM, por exemplo? O que falta para tornar um museu dentro os aspetos atribuídos pela Lei Quadro de Museus ou o ICOM?

**SUSANA:** A dimensão, a lei quadro é uma lei bastante completa e que nos dá uma noção muito concreta do que um museu deve ser em termos das suas componentes, das suas partes constituintes, das funções que desenvolve, dos serviços que presta à comunidade. A lei quadro é o “guião”, que nos permite de uma forma muito concreta e segura ir direcionando a nossa prática para aquilo que são as exigências de um museu.

Em termos das orientações do ICOM, estamos a reforçar a componente comunitária. Até há bem pouco tempo, os convites à participação da comunidade na construção do museu partiam de mim ou da minha equipa. Hoje em dia começamos já a ter propostas chegadas de fora. Hoje em dia já há docentes que me procuram para trabalhar em conjunto com alunos de mestrado integrado. E gostava que isto acontecesse mais vezes e acontecesse nos múltiplos departamentos. Essa dimensão de museu de comunidade, que é totalmente defendida pelo ICOM, é uma vertente que também me interessa reforçar.

**JULIANA:** Mas você acha que falta isso?

**SUSANA:** Eu acho que não falta, poderia ser mais intensa.

**JULIANA:** Mas talvez ela poderia ser mais intensa porque falta uma maior comunicação do que acontece das atividades para a comunidade como um todo?

**SUSANA:** É isso. E é esse reconhecimento desta mais valia. Acho que faz falta.

**JULIANA:** Quem ou qual departamento é responsável pela institucionalização e desenvolvimento da FEUPMuseu?

**SUSANA:** A própria direção.

**JULIANA:** E qual e quem é responsável pelo desenvolvimento?

**SUSANA:** A unidade de museu e o SDI, em última análise.

**JULIANA:** Além de você quem mais está escrevendo, em contributo?

**SUSANA:** O diretor do SDI e tenho discutido todas os aspetos com minha equipa. .

**JULIANA:** De forma mais ativa, eu digo

**SUSANA:** Sim. Depois, existirá uma espécie de conselho consultivo no qual vão ter um assento representantes de cada departamento, e vamos discutir esta proposta em conjunto.

**JULIANA:** Com cada departamento?

**SUSANA:** No âmbito deste órgão colegial, um órgão no qual todos os departamentos estão representados e a direção também.

**JULIANA:** Vai dar trabalho

**SUSANA:** É um processo longo, tenho o regulamento desde 2008 e nunca foi considerado prioridade. E agora, esta direção considerou uma prioridade. E portanto, finalmente poderemos começar aquilo que poderia ter começado há onze anos atrás. (...) Outras coisas foram feitas durante esse tempo, mas é por aí que temos agora que ir.

**JULIANA:** Quais mudanças a institucionalização a FEUPMuseu pode trazer? (em relação a política na FEUP, o relacionamento com os departamentos?)

**SUSANA:** Em primeiro lugar, este relacionamento do museu com os departamentos ficará normalizado e típico, regulado. Portanto, vai existir um documento no qual essa relação vai acabar por ser regulada. A relação do museu com os departamentos tem tido em conta as dimensões mais específicas de cada um deles. Os departamentos são muito diferentes em termos de cultura interna e mesmo de cultura patrimonial. Alguns embebem esse interesse pelo património nas suas práticas, outros são mais distantes. Outros são departamentos mais recentes e que estão a descobrir e a constituir o seu património para o futuro. Faz falta esta regulamentação para depois nos podermos dedicar a essas especificidades. Temos de perceber que, apesar de existir uma standardização nos termos da nossa relação com os departamentos, podemos também enquadrar o nosso relacionamento numa outra dimensão que está atenta a detalhes, atenta a idiossincrasias e especificidades e se isto estiver devidamente acautelado, se todos os aspetos formais estiverem acautelados, ficaremos com muito mais tempo para nos dedicarmos a essas especificidades e

sensibilidades, porque cada departamento tem uma relação sensível e distinta com o património que guarda.

**JULIANA:** Existe algum plano formal para a conceção da FEUPMuseu? (ex.: tipos de exposição, onde seria o espaço, teria exposições temporárias?)

**SUSANA:** Ainda não.

**JULIANA:** Está sendo planeado o centro interpretativo, e o centro seria uma forma física e palpável do FEUPMuseu como instituição como algo formal.

**SUSANA:** Sim, materializar e tornar concreto aquilo que já acontece nas diferentes manifestações de museu. Cada exposição que fazemos está embebida desta ideia. Cada colaboração que nós procuramos e efetuamos para o estudo de coleções está embebida desta ideia. No fundo, aquilo que se pretende para o centro interpretativo é que este seja a manifestação palpável, concreta, de aquilo que até agora foi um conceito que foi tendo manifestações pontuais em atividades que fomos desenvolvendo. O mesmo para o *site* do museu, que vai ter uma dimensão de arquivo e vai ter uma dimensão agregadora de tudo aquilo que fomos fazendo ao longo destes anos. Mas no plano concreto e o físico isto ainda não tinha acontecido.

**JULIANA:** Vai ter um plano museológico?

**SUSANA:** É um plano museológico.

**JULIANA:** Não, mas vai existir formal museológico?

**SUSANA:** Tem que existir.

### **Acervo**

**JULIANA:** Como caracteriza o acervo que pertence a FEUP?

**SUSANA:** Como caracterizo? Em termos de que?

**JULIANA:** É, meio vasta de mais a pergunta “né”?

**SUSANA:** Ok. Atualmente o universo museológico do FEUPMuseu, ou da FEUP, é constituído por evidência material das atividades que decorrem das atividades de ensino, portanto, da transmissão de conhecimento, ou de produção de conhecimento. Ou seja, ensino-aprendizagem e investigação ao longo dos anos em que a engenharia enquanto disciplina foi lecionada no Porto. Portanto, para

começarmos em termos de espectro cronológico posso lhe dizer que temos coleções desde a aula náutica, desde o século 18 até os nossos dias. Porque continuamos interessados e atentos e interessados em preservar o património científico e tecnológico recente e constituir acervo em tempo real. O que estou a preparar neste momento é um projeto que capte a evidência material de projetos que estão neste momento a dar resposta a questão do COVID na FEUP. A metodologia é da *rapid response collecting*, portanto, é uma tentativa em preservar em tempo real essas materialidades que daqui uns anos serão representativas do tempo que agora vivemos e da resposta que a FEUP tem dado a sociedade civil no apoio a combate e prevenção nesta pandemia.

**JULIANA:** INESC está fazendo um diário, não sei se você já viu?

**SUSANA:** Estou a fazer! Também está?

**JULIANA:** Estou.

**SUSANA:** Boa!

**JULIANA:** O que eles estão a fazer é muito importante!

**SUSANA:** Sim! Eles estão a seguir pessoas que no seu dia a dia poderão vir a desenvolver a doença ou não. Portanto, perceber esses hábitos e o que motiva as pessoas a sair de casa, como elas estão a sair de casa. E gosto muito daquele inquérito semanal que eles lançam ao domingo de balanço para inferir o estado psicológico da pessoa, se a pessoa está deprimida ou se está bem.

(...)

**SUSANA:** Pois é. Acho muito bem. Isto tem um pouco a ver com o que eu ia dizer a seguir que é o nosso esforço em preservar e salvaguardar, portanto constituir acervo, que se estende também ao digital. Outra coisa que gostava também de lhe dizer: temos também peças (que é um termo que não gosto muito), além da instrumentação científica, que são modelos didáticos, ou seja, artefactos que de alguma forma foram usados no ensino experimental e prático em diversas áreas da engenharia. E ainda outros que participaram ou resultaram de processos de trabalho na área de investigação.

**JULIANA:** É muito complexo, é muito diverso. E isso falando de uma faculdade e não de uma universidade.

**SUSANA:** Sim, exatamente. Nós muito recentemente começamos a perceber que neste último caso nós salvaguardamos os produtos finais e isto poucos nos dizia sobre o processo de descobrir, o processo de construção de conhecimento. Então, começamos a pedir também as pessoas

depositassem as materialidades das diferentes fases. E quando falo de materialidade não são só os objetos, são também registos do processo. Então, a nossa ideia é sempre que possível tentar preservar um pouco das diferentes fases para se poder perceber como se desenrola um processo de investigação, perceber onde reside o erro e a dúvida, tudo o que está por detrás do processo do conhecer que não é linear.

Em relação as áreas são as várias áreas da engenharia que é desenvolvida na FEUP. Por falta ainda de tempo, os novos cursos da engenharia ainda não estão na nossa mira. Como são cursos novos se calhar ainda é um pouco cedo para conseguirmos ter material. Mas é algo que gostaria de vir a tratar. Depois temos também no acervo *memorabilia* e artefactos relacionados com momentos marcantes da história da faculdade.

Para perceber o contexto de produção ou utilização de algumas destas coleções, temos realizado entrevistas sobre diferentes temáticas. Estamos na fase de pós-produção, por exemplo, de entrevistas a mulheres engenheiras da área de química que contam como foi o seu dia a dia na faculdade e como era a vida da mulher num contexto maioritariamente masculino.

**JULIANA:** Que seria a exposição que você está planejando fazer com os alunos do próximo mestrado?

**SUSANA:** Espero que sim. Há uma série de exposições que estavam planeadas e que, dado o contexto pandémico, poderão ter de ser feitas um pouco mais para a frente. Mas vamos ver se para o ano as poderemos fazer.

**JULIANA:** Os objetos do professor ainda estão na biblioteca?

**SUSANA:** Estão. Falei com ele outro dia. Penso que em junho vamos regressar mais calmamente, vamos ver. Mas, a minha ideia é que continuem lá por mais um tempo para serem visitadas e podermos finalmente ter a visita guiada.

**JULIANA:** Verdade não tivemos a visita guiada.

**SUSANA:** Eu já pensei que, com as imagens que temos e uma entrevista, poderemos montar uma visita *online*. Não sei, vamos ver. Não tenho ordem para avançar com projetos novos até meados de abril.

**JULIANA:** Mais alguma coisa acrescentar em relação ao acervo?

**SUSANA:** Temos também acervos individuais de antigos docentes, muito variados, que são doados tanto pelo próprio como pela família, e que compreendem objetos pessoais (as becas, por exemplo,

os trajes académicos), alguns objetos pessoais de trabalho, relacionados com projetos que desenvolveram, temos doações de bibliotecas, uma diversidade enorme. Depois também temos objetos associados aos serviços. E temos outra componente que tem haver com o parque informático. Conseguimos caracterizar a história da informática na FEUP a partir de uma série de *hardware* e *software* que caracterizaram o parque informático em vários momentos da história da FEUP. E como já lhe contei temos protótipos que resultam de projetos de investigação.

**JULIANA:** Objetos de arte, por exemplo? Decorativa, por exemplo?

**SUSANA:** Sim, sim. E mobiliário. E ainda um laboratório inteiro da antiga faculdade, o laboratório de máquinas elétricas que, pelo enorme volume que ocupa não conseguimos montar. Está desmontado, está em reserva, guardado. Temos também obras de arte que estão dispersas por vários edifícios da FEUP (fotografia, pintura, desenho) normalmente usadas para fins decorativos nos vários espaços da FEUP.

**JULIANA:** Onde o acervo é armazenado? Não sabia se existia uma reserva ou uma sala, como ocorre?

**SUSANA:** Temos vários espaços nos quais estamos a trabalhar neste momento. Temos espaços de armazenamento que não se podem chamar ainda reservas porque falta-lhes as condições adequadas e todo o equipamento que garante a preservação nas condições mais adequadas. Mas temos espaços de armazenamento em vários pontos da FEUP. Temos uma área para as máquinas mais pesadas e de maior volume que fica no edifício B. Depois temos, que não chamaria de reserva, mas é um espaço que já estamos a qualificar no piso 6, já lhe mostrei. Estamos a instalar neste momento estantes, e é o sítio onde guardamos os objetos em fase de pré incorporação.

Esses objetos e equipamentos normalmente são descartados pelos departamentos por obsolescência mas ainda sem atribuição de valor do ponto de vista museológico. O distanciamento entre o tempo presente e o do seu uso é ainda muito curto. Então as pessoas vêm-nos só numa perspetiva de utilidade e utilização. Quando iniciamos o processo de pré incorporação, informamos sobre os critérios de salvaguarda e procurámos analisar que relevância têm estes objetos para a comunidade. E começamos a perguntar em que investigações, em que ações, em processos estes objetos tiveram algum protagonismo. E então começa-se a perceber que de facto houve projetos de investigação que foram realizados com o apoio daquele equipamento. E que esses projetos de investigação tiveram alguma relevância no tempo em que foram feitos. E começa a perceber-se que de facto é interessante guardar. Nós temos uma série de equipamentos e de artefactos que estão nesta condição guardados na tal sala do piso 6.

Depois cada departamento tem as suas próprias áreas de acondicionamento. Só há um departamento que tem essas áreas qualificadas com a nossa intervenção, o departamento de engenharia civil. Todos os outros dispõem de áreas reservadas, de acesso interdito a quem é externo à FEUP. Vamos iniciar a requalificação de mais uma dessas áreas no departamento de Engenharia de Minas agora no mês de abril e vamos dar continuidade quando regressarmos. É o curso mais antigo da par de engenharia civil. E vamos centralizar o acervo numa determinada área, num piso, para podermos para também dar acesso ao público externo que possa ter interesse em conhecê-lo.

**JULIANA:** Qual departamento é formalmente responsável pelo acervo? (FEUPMuseu? Biblioteca? SDI? Ou cada departamento da faculdade é responsável?)

**SUSANA:** O que está atualmente em cima da mesa e um dos aspetos que o regulamento visa esclarecer e fixar é até onde vai a responsabilidade das entidades que contactam com o acervo. E atribuir a responsabilidade técnica sobre o acervo ao FEUPMuseu, o serviço que detém o conhecimento e a competência para atuar. Portanto, será esta a unidade que, dentro de um serviço que é o SDI, terá a responsabilidade técnica. Haverá uma repartição da tutela com os departamentos. Penso que já falei das vantagens de continuarmos a construção do museu dentro do modelo polinucleado, essencial para que a coleção universitária continue a integrar todos os processos dentro de uma faculdade. É importante que os alunos continuem a trabalhar sobre eles, continua a acrescentar mais valias e conhecimento sobre eles, e consiga trazer para nosso tempo novos valores, e ao mesmo tempo possam inspirar novas investigações. É essencial de facto que os acervos estejam, continuem e permaneçam nos departamentos. Sobre a questão científica, continuaremos a recorrer aos departamentos nesta matéria para obter conhecimento mais especializado.

**JULIANA:** Como o acervo é utilizado pelos departamentos de ensino?

**SUSANA:** De várias formas, muito diferentes. Por exemplo, há alguns departamentos que integram efetivamente alguns dos artefactos e equipamentos do acervo na prática de várias disciplinas. Dou o caso da coleção Reuleaux. A coleção Reuleaux tem sido solicitada desde sempre por parte dos alunos e docentes de mecânica, pois é através desses modelos que se ilustram alguns dos princípios de cinemática que úteis na formação de um engenheiro mecânico. Os princípios continuam a ser os mesmo e muitas vezes são lecionados a partir desses modelos que são do final do século 19. Portanto, eles são usados ainda para transmitir conhecimento através de demonstração.

Depois há alunos da área da computação gráfica que usam esses modelos exatamente para exercitar as suas competências de representação 3d ou 2d, por exemplo. Isto na vertente ensino. Há

outros casos, também lhe dei conhecimento disso. Apoiamos um docente e dois alunos que pretendiam partir de dois telégrafos do século 19, para estudar a sua forma de funcionamento, toda a tecnologia envolvida e pô-los a funcionar. E inclusivamente, trazê-los para uma competição entre dispositivos móveis e telégrafos.

Civil, por exemplo, tem uma unidade curricular em que se aborda a história da engenharia e na qual se recorre frequentemente à coleção para exemplificar alguns dos momentos importantes da história da engenharia ou para ilustrar, por exemplo, algumas das soluções que foram encontradas por engenheiros que construíram obras de arte na cidade, como o caso do engenheiro Edgar Cardoso. E através dos modelos na nossa coleção, os estudantes têm contacto com essas soluções e entendem-nas no concreto.

Outro exemplo interessante e que, de alguma forma é subsidiário desta relação dos museus com a atividade letiva, é o museu de minas. É um museu de mineralogia no qual os alunos têm contacto com amostras de minas de todo o país.

**JULIANA:** Caso algum professor queira usar um objeto do acervo em aula, por exemplo. A quem é necessário recorrer para ter acesso ao objeto? Existe algum tipo de processo? Há regras para o uso? Há algum tipo de verificação entre antes e depois para ver se houve alguma mudança no objeto?

**SUSANA:** Isso está definido. Alguns mais rigorosos do que outros, mas existem instruções e um acordo de que essas instruções serão seguidas.

**JULIANA:** Algum tipo de verificação entre antes e depois para ver se houve alguma mudança do objeto?

**SUSANA:** Não. Deveria haver e nós queremos automatizar e digitalizar este processo. Não existe porque de facto a nossa equipa não consegue dar resposta a tudo. Há verificações regulares das coleções, isso sim. Regularmente, fazemos esse controlo e diagnóstico a estas coleções. Há casos, mas estes são exceções, em que a movimentação de bens não nos é comunicada. Há um departamento que movimentou uma grande quantidade de objetos de um determinado local para o outro e só tivemos conhecimento disso quando fomos lá verificar o estado atual das coleções. E quando lá chegamos, em vez de uma sala para acondicionamento de coleções encontramos uma outra com outra função. E tivemos que questionar onde os objetos se encontravam e eles tinham sido todos removidos para outro espaço. O regulamento visa impedir que tal volte a acontecer sem o nosso conhecimento.

**JULIANA:** Como ocorre a incorporação de novos objetos no acervo?

**SUSANA:** Ora bem, as novas incorporações ocorrem de duas formas. A primeira é através de doações, portanto, nós somos contactado pelo potencial doador informando-nos que tem uma determinada coleção ao nosso dispor para doar ao museu. Aquilo que fazemos nesta altura é preencher um formulário com informação básica que nos permite registar esta proposta de doação. Há outro processo, que é o processo que já está devidamente informatizado e diz respeito ao parque tecnológico. Quando é adquirido um novo equipamento, esse equipamento é registado pelos serviços económico e financeiros da faculdade e passa a ser um ativo da faculdade. Quando esse equipamento é abandonado por ter se tornado obsoleto ou porque o departamento o substitui por outro tecnologicamente mais recente, normalmente descarta esse objeto. Então pode ao dar início ao processo de abate e pode considerar critérios que já são definidos para avaliação do valor museológico. Eu recebo uma notificação e marco uma entrevista com a pessoa que deu o início ao processo e recolho informação. Mediante as informações tomo a decisão de aprovar o abate ou então de o reclamar para o museu. Quer de uma forma ou quer de outra, esse objeto chega ao edifício da biblioteca, o sítio onde estamos a colocar as pré incorporações. Ele é verificado pela Margarida, é verificado por nós para podermos descrever aquilo que nos chega. E passamos a informação para o responsável do arquivo que ao mesmo tempo é o responsável pelos depósitos e aquilo que ele faz é informar o doador ou a pessoa que descartou o objeto que vamos ficar com ele. Essa informação também é registada caso o doador seja interno, e no caso do objeto nos ter chegado por esta via automatizada que já referi, o doador é imediatamente notificado deste objeto. Depois começa o trabalho de estudo e avaliação que nos permite depois incorporá-lo ou não.

**JULIANA:** Há uma política de aquisição definida? Como ocorre a doação de novos objetos? Qual os processos envolvidos? Quem são os envolvidos para receber e aprovar a adoção? Há espaço para novos? Quais os critérios para receber?

**SUSANA:** Temos já estes critérios já bem definidos. Obviamente quando a doação não se enquadra claramente nestes critérios, não devemos aceitar porque nossos espaços não são elásticos. Temos que crescer a medida dos recursos que temos. Portanto, todas estas incorporações são algo que temos que pensar com ponderação tendo em conta vários parâmetros, mas sim.

**JULIANA:** Quem aprova é sempre você?

**SUSANA:** Sim

**JULIANA:** Tem mais alguém envolvido?

**SUSANA:** Não. O Jorge costuma estar comigo, as doações também costumam trazer a surpresa de exemplares bibliográficos. Às vezes, há casos que não são muito claros e tenho mais dificuldade em decidir então recorro ao apoio de um especialista da área. Já aconteceu, por exemplo, nós temos a proposta da incorporação de um quadro elétrico que tinha pertencido à uma pequena empresa familiar na área de eletrotecnia. E eu na altura tive alguma dúvida pois não havia ligação do proprietário à FEUP, na mesma época tínhamos um quadro bastante semelhante, embora de outro fabricante e o objeto era de facto muito grande e volumoso. Então na altura pedi apoio a um professor da área de eletrotecnia que comungou da mesma opinião que eu. Aquilo que fiz foi direccionar os proprietários para o museu da indústria. Portanto, quando descarto uma doação faço questão de apontar outras unidades museológicas que possam acolhê-lo, no qual o objeto se possa enquadrar melhor do que na nossa coleção.

**JULIANA:** Quem é Jorge?

**SUSANA:** Jorge é responsável pelo arquivo e é também, na tal estrutura da organização interna, o responsável pela gestão dos depósitos.

**JULIANA:** Então ele acaba por participar de certa forma.

**SUSANA:** Sim, e a Margarida também.

**JULIANA:** Como ocorre o processo de salvaguarda do acervo? Isto é, quando há necessidade de algum tipo de reparação quais processos são necessários para a realização? Em média quanto tempo leva? (desde o pedido até o objeto está finalizado) sabendo que não é a área do FEUPMuseu, e sim da Margaria, certo?

**SUSANA:** Posso falar-lhe no caso dos telégrafos, posso lhe dizer o que aconteceu. Quando o professor nos contactou sobre os telégrafos fui consultar as informações no InArte sobre o seu estado de conservação. E verifiquei que um deles estava em estado excelente. O outro não. O outro tinha algumas peças omissas, alguns problemas em termos de engrenagens. Então ele precisava já há algum tempo de intervenção. Aquilo que pedi ao professor foi que fizemos a recolha bibliográfica que o descrevesse ao detalhe. E o que fez com os alunos foi um relatório sob o ponto de vista de funcionamento, mecânico e eletrotécnico também. Aquilo que fiz em seguida foi direccionar esse relatório a Margarida, para nossa conservadora, para obter um parecer sobre ele. Há uma série de atividades de conservação e até de restauro, que a Margarida é habilitada a fazer, mas há uma

componente mais especializada na área da mecânica que poderia ser assegurada por especialistas das duas áreas. A parte de eletrotécnica seria garantida por técnicos do departamento, pelos próprios alunos e docente. A parte da mecânica era assegurada pelos técnicos dos departamento respetivo, com o qual tínhamos um acordo tácito, mas este corpo técnico com o tempo veio a diminuir. Portanto, tínhamos ainda de identificar quem da mecânica nos poderia ajudar nesta intervenção. Este trabalho conjunto que envolve a pessoa responsável pela conservação e os técnicos que detém as competências tecnológicas é uma tradição que nos acompanha desde o início. As intervenções são sempre feitas por equipas no qual participa a conservadora, mas também, especialistas das áreas, nas diferentes áreas necessárias.

**JULIANA:** Tem em média o tempo que leva o pedido até o final do processo? A fila é longa, “né”?

**SUSANA:** A fila é longa. E há uma série de processos que não tiveram continuidade por terem um orçamento elevado. No caso da turbina que está em mecânica, por exemplo, nós temos já o projeto de reabilitação, mas ainda não conseguimos a verba, mas o plano já está feito. Portanto, a lista é longa. A Margarida não trabalha só na área do museu, assume a sua função na tal perspetiva integrada que lhe falei. Portanto, ela também tem documentos de arquivo, exemplares bibliográficos a tratar. Então, há todo este trabalho a realizar.

**JULIANA:** Algum acervo já foi emprestado ou doado a outra instituição? Como ocorreu esse processo? Existe algum processo formalizado para que isso ocorra dentro dos padrões?

**SUSANA:** No meu tempo não. Nestes anos em que estou a serviço da FEUP, não. Mas nos finais do século 20, sim. Houve uma parte relevante do acervo da FEUP no tempo em que ainda não havia museu. Houve uma série de equipamentos que foram doados para outro museu. Houve ainda outro depósito realizado antes da minha chegada. Não foi uma doação, mas sim um depósito do equipamento informático.

**JULIANA:** No caso, teve de volta este equipamento?

**SUSANA:** Sim, esse sim. O outro não.

**JULIANA:** Então por isso não existe um processo formalizado?

**SUSANA:** Ele está desenhado, não precisou ainda de ser ativado. Houve um depósito que regressou já no meu tempo. Agora empréstimos temos bastante e regulares.

**JULIANA:** Com outras instituições? Como acontece esses empréstimos?

**SUSANA:** Todos esses processos estão desenhados e normalizados pela “*Spectrum*”. Todos eles foram e têm base na “*Spectrum*” e foram desenhados para nossa realidade. E são aplicados transversalmente às três áreas do SDI. Na parte do Museu essa adaptação foi feita através da dissertação de um aluno de mestrado em ciências da informação. Então, seguimos com o processo nos moldes desenhados e registamos a informação no In Arte: a pessoa interessada apresenta-nos essa proposta, esse pedido de empréstimo, verificamos as condições de empréstimo para a exposição ou a atividade.

Já aconteceu, por exemplo, recebermos um determinado pedido de uma peça que acabou por não ser emprestada pois considerámos que não se enquadrava na exposição. A peça foi substituída. Portanto, nós fazemos essa análise, em primeiro lugar. Em segundo lugar, analisamos o seu estado de conservação.

Mediante esta análise, recolhemos informações sobre o contexto de acolhimento (onde vai ser feito, datas, condições de conservação (um *Condition report*) para sabermos que garantias de segurança e de conservação é que vamos ter nesse espaço onde as peças vão ser apresentadas.

E depois do nosso lado é fornecida também alguma informação necessária para apoiar o trabalho do curador que produz textos e reflexões, tabelas para identificar as peças na exposição, dados sobre o estado de conservação e seu correto manuseamento, fornecemos um valor para efeitos de seguro e depois de uma série de indicações que são da nossa parte normativas e que fazemos questão que sejam contempladas e verificadas: com o modo de expor, as condições de expor, as condições de transporte, condições de conservação desse objeto ou conjunto de objetos. Depois tudo isto é formalizado através de um protocolo e este protocolo determina várias coisas: como o transporte vai ser feito, como as peças vão ser expostas, suas condições do empréstimo, a responsabilidade da instituição acolhedora em relação a este conjunto de objeto, a nossa prioridade de acesso para verificação, a representação do museu, do acervo e da instituição nos materiais de comunicação etc.

**JULIANA:** Há registo de quantos objetos há atualmente?

**SUSANA:** Neste momento com ficha já aberta temos cerca de mil cento e vinte objetos.

**JULIANA:** E quantos ainda faltam?

**SUSANA:** Neste momento cerca de 200. Isto em fase de pré incorporação. Haverá ainda outros que nós ainda não identificamos e que, mais dia e menos dia, virão parar nas nossas mãos.

**JULIANA:** Quanto tempo em média leva para fazer de 1 objeto deste registo? Do inventário por completo.

**SUSANA:** O registo pressupõe o levantamento de informação e o estudo de coleção decorrente. E posso lhe dizer que demora a fazer o inventário. É infinito. Esta é a primeira coisa que aprendemos em museologia; de facto o inventário nunca acaba, nunca se fecha. Há sempre informação acrescida que nos chega. Portanto nunca acaba. Mas posso lhe dizer que para conseguirmos ter informação sobre aqueles campos que consideramos obrigatórios nós andamos um ano à volta de uma coleção. Não consigo dizer ao certo sobre um objeto.

**JULIANA:** Claro, cada objeto acaba por ser mais fácil que outros. E, portanto, existe outros trabalhos e outras tarefas.

**SUSANA:** O que normalmente nós fazemos é escolhermos uma coleção e avançamos o estudo sobre ela. E depois fazemos normalmente uma exposição no final que dá conta do estudo que fizemos sobre a coleção. Essa exposição normalmente tem uma componente física e normalmente digital também. E às vezes é realizada com o apoio de estudantes da área de museologia.

**JULIANA:** Quais características são coletadas para a construção do inventário? Todos os objetos estão inventariados?

**SUSANA:** De cor, portanto: em primeiro lugar o seu nome, o título; a sua marca e modelo, no caso de ter; o nome do seu doador e a identificação da pessoa ou entidade que mais trabalhou com ele. O seu estado de conservação; O autor, fabricante ou o inventor ou a pessoa que concretizou o princípio científico; algum historial no contexto da FEUP ou os contextos tecnológicos; As matérias, as dimensões; valor.

**JULIANA:** Financeiro?

**SUSANA:** Sim.

**JULIANA:** Atual ou na época?

**SUSANA:** Atual e na época.

**JULIANA:** Como se mensura isso?

**SUSANA:** Há fórmulas para calcular isto e referências. Normalmente quando não consigo encontrar informação sobre o assunto, procuro no mercado leiloeiro, por exemplo. Normalmente costumo

procurar aí e peço também apoio a museus da especialidade que possam ter objetos similares; a maior parte dos objetos que constituem o acervo são produzidos em série. E forneço outro tipo informação que recolhemos: o número de série, ano que foi fabricado, o ano que foi adquirido e etc. e através do número de série conseguimos contactar museus que tem coleções semelhantes às nossas e pedir lhes esta informação.

**JULIANA:** Qual a frequência que o acervo é usado para o desenvolvimento de exposições?

**SUSANA:** Pelo menos de dois em dois anos, sempre que se faça um estudo de coleção e uma exposição. O que estamos agora a fazer são exposições mais pequenas, mais curtinhas e essas são 3 por ano para estudar coleções mais pequenas ou estudar um único objeto. Recebemos um objeto por doação, um instrumento científico, por exemplo. Após inventário e estudo, mostramos todo o processo de tratamento sobre ele e a informação que já conseguimos recolher.

**JULIANA:** Há alguma peça ou acervo que tem um carinho? (seja pela história da peça ou um envolvimento pessoal?) Conte

**SUSANA:** Por onde eu começo, são muitas. Tem uma que não conheço e sei que existe e é uma incorporação que gostava de fazer e que ainda não fiz. Quem me falou da existência desta futura incorporação foi um professor que já está aposentado e estou a aguardar que regresse a FEUP para irmos procurar. Ele a deixou ficar em determinado sítio quando se aposentou e nunca pensou que eu estivesse interessada em guarda-lo. E depois que ouvi a história, fiquei curiosa e apaixonada pela história. Achei a história maravilhosa. Tem a ver com um protótipo de uma máquina que foi feita nos anos 70 do século 20 do departamento da engenharia mecânica para dar resposta a um concurso lançado pela ex União Soviética. Logo após o 25 de abril, uma altura que a faculdade estava a passar (como todas as faculdades do país estavam a passar) por uma fase complicada. Então o departamento de mecânica tomou o conhecimento deste concurso e decidiu concorrer. E concorreu com um protótipo que foi feito a partir de objetos que foram trazidos de casa pelos investigadores . Ou seja, não havia verba para comprar algumas das peças e então cada um começou a ver em casa o que podia trazer para construir este protótipo. Então trouxeram e lá fizeram. Empacotaram o protótipo muito bem e despacharam para a União Soviética para ser observado e testado. E ganharam o concurso.

**JULIANA:** Olha que coisa!

**SUSANA:** Então isto é engenho da FEUP no seu melhor.

**JULIANA:** Que lindo e tá lá guardado e não sabe a onde!

**SUSANA:** Está lá guardado e o professor Fernando Oliveira já me disse quando passar a FEUP novamente vamos procurar.

**JULIANA:** E ele está reformado há quanto tempo?

**SUSANA:** Ele está reformado, ele me falou isto há quatro anos. Continuo curiosa.

**JULIANA:** Alguém mais sabe onde está?

**SUSANA:** Sim, penso que sim. Mas gostava que fosse ele a procurá-lo comigo.

### **Exposições na Biblioteca**

**JULIANA:** Qual departamento ou pessoa é responsável pelo gerenciamento das exposições que ocorrem na biblioteca?

**SUSANA:** A gestão da sala de exposições da biblioteca é feita por nós, Agora. Todos os anos estabelecemos uma agenda de exposições. Fazemos uma programação para a sala e as exposições podem por exemplo resultar de estudos de coleções; estas exposições são programadas pelo museu. Mas abrimos também este espaço à comunidade e a pessoas externas. Na comunidade há exposições fixas que acontecem todos os anos. Por exemplo, a exposição da oficina de pintura. Ocorre sempre todos os anos e é inaugurada no dia da FEUP, dia 13 de janeiro. Depois temos também com caráter recorrente a exposição do concurso de fotografia do núcleo de estudantes de engenharia civil que todos os anos lançam o desafio de se apresentarem a concurso fotografias que apresentam um determinado olhar sobre a engenharia, as várias manifestações da engenharia. Estas duas acontecem todos os anos. E contamos todos os anos com elas.

Depois estamos abertos a solicitações de externos, exposições que podem ser feitas por pessoas de fora dessa comunidade. Normalmente valorizamos exposições que nos mostrem o lado não profissional dos engenheiros, o caso da exposição que a Juliana viu do professor Nunes Ferreira. Essa exposição surgiu como convite da própria direção ao professor, embora já fosse um tema que gostaríamos de tratar. Mas aconteceu ser a direção a convidá-lo. Ou pode ser a exposição de fotografia de um aluno ou professor. Trabalhos de alunos, exposições de alunos de curso de multimédia. E recentemente há este interesse em utilizar também aquela sala para divulgar investigação que é realizada no ambiente FEUP numa perspetiva de comunicação de ciência. Quem estabelece os critérios, agenda, seleciona criteriosamente as propostas é a equipa Ágora.

**JULIANA:** Como são desenvolvidas essas exposições? Sempre a Ágora participa ativamente ou já chegam pronta? Ou só colocam?

**SUSANA:** Depende muito. Fazemos a curadoria das exposições que nos chegam. Às vezes nos chega um portfólio e fazemos uma análise. Se o produto a expor não tiver fechado participamos várias vezes na afinação, nas escolhas, nas seleções das obras. Outras vezes, essencialmente quando o convite parte de nós, participamos também no ato de criação do conceito, no desenvolvimento e apoiamos sempre a componente de montagem.

**JULIANA:** Há prioridade de alguma exposição em relação a outra? (Seja por tempo, relevância) -alem dessas duas exposições que acabam por ter alguma prioridade. Há alguma outra também? Existe, acontece de mudar as datas por ter alguma exposição mais relevante seja por uma questão política ou por qualquer outro motivo?

**SUSANA:** Reservamos inicialmente espaços na agenda para as exposições mais relevantes que possam ter a ver com as datas comemorativas, que possam ter a ver com uma estratégia museológica por exemplo. Por exemplo, este ano comemoramos 20 anos da chegada de FEUP ao Campus da Asprela. Estamos a desenvolver uma linha de programação que terá início em setembro e que se vai desenrolar até março. A ideia é criar, também, uma exposição na qual as evidências materiais deste processo de mudança que estão depositadas na FEUP sejam mostradas. Esta exposição é prioritária na nossa programação. Portanto, há um espaço reservado logo à partida para estas exposições que cumprem calendários pré-definidos. Todas as outras acabam por ser um jogo entre o calendário disponível, a disponibilidade do autor, a ordem de chegada. Há todo este trabalho de conjugação de várias vontades e que depois vai encaixando na nossa agenda.

**JULIANA:** O espaço é formalmente do FEUPMuseu? Ou outros departamentos fazem uso dele?

**SUSANA:** Dos serviços de documentação e informação. É gerido pelo SDI e o espaço pertence a comunidade.

**JULIANA:** Acontece de outro serviço da faculdade usar este espaço? Além do docente.

**SUSANA:** Sim. A oficina de pintura é uma atividade desenvolvida ao longo do ano pelo comissariado cultural e nós temos esse compromisso em expor.

**JULIANA:** Além do serviço educativo e dos departamentos de ensino e tal, existe outros serviços na faculdade que faz uso desse espaço?

**SUSANA:** Sim, as pessoas podem requisitar o espaço para realizar atividades aí também. Por exemplo, se alguém de um departamento lança um livro no mercado e quer apresentar este livro. Já lançámos livros de ex-alunos que editaram livros de poesia, ou de ex-docentes também. Então já nos aconteceu imensas vezes solicitarem o nosso apoio para acolher e, em alguns casos, organizar o lançamento de livros. E que não necessariamente técnicos; podem também ser de literatura. E cujos autores são membros da comunidade, alargada a ex-docentes ou ex-alunos como já aconteceu.

**JULIANA:** E a Agora sempre organiza isto?

**SUSANA:** Sim, a Agora sempre organiza.

**JULIANA:** Qual a frequência que ocorre as exposições?

**SUSANA:** Normalmente as exposições ficam patentes no mínimo 1 mês.

**JULIANA:** E são quantas por ano?

**SUSANA:** Fazemos cerca de 7 ou 8 exposições.

**JULIANA:** Como lhe disse aquela sala não é sempre para exposições. Fazemos lá o clube de leitura, também fazemos lá apresentações de livros, há todo um calendário integrado de várias manifestações. Em termos de exposições 7 ou 8 por ano.

**JULIANA:** Qual foi sua exposição favorita? Porquê?

**SUSANA:** Tantas! Podem ser duas?

**JULIANA:** Claro!

**SUSANA:** Houve duas exposições muito importantes e gratificantes de se fazer. Caramba não consigo! Podem ser 3?

**JULIANA:** Podem.

**SUSANA:** A primeira foi muito importante para mim. A primeira se chamava “FEUP Museu em construção” e foi exatamente naquela exposição em que eu lancei a comunidade a discussão sobre o projeto de museu. Foi algo que marcou a minha entrada neste universo que é a FEUP. E foi um processo de aproximação quer da faculdade, quer das pessoas, ao percurso, aos objetos e foi muito gratificante. Acho que poderia ter sido acompanhado de outra dinâmica. Esta exposição serviu para apresentar este projeto que estava ainda no início e fomos imediatamente consumidos pelo processo

de inventário. Porque quando demos início a esta exposição o inventário ainda não estava concretizado. Mas, através da exposição, o conceito do museu foi colocado a disposição. Originou ou despertou a vontade de avançamos no inventário e surgiu o financiamento para fazê-lo. Então, portanto, isso acabou um pouco por quebrar a dinâmica. Mas pronto, foi um arranque forte e destacaria esta exposição por isto.

Depois houve aqui um conjunto de exposições que fomos concretizados com uma parceria muito interessante que envolvia alguns elementos do departamento da engenharia de minas, muito ativos e que nos convocavam quase anualmente para realizarmos exposições, e a Faculdade de Belas Artes. Um grupo da Faculdade de Belas Artes, que era o grupo identidades, e que nos apoiava na conceção da componente artística. Fizemos várias exposições: a exposição sobre as Minas da Panasqueira, uma exposição muito bonita que dava a centralidade às amostras minerais extraídas das Minas da Panasqueira. E tentava recriar as questões que envolvem o ambiente mineiro, desde questões mais técnicas, às questões de segurança e higiene no trabalho nas minas, a história da mineração em Portugal e depois a dava a centralidade às “jóias da Terra” que no fundo davam o título a esta exposição.

Sendo que o número dois é composto por uma série de exposições, lembro de outra que foi espetacular, sobre metalurgia e o fabrico de sinos. E nós trouxemos sinos icónicos de Portugal: a famosa cabra da Universidade de Coimbra, um sino que chamou durante séculos os alunos às aulas. Portanto, desde os sinos mais icónicos até ao sino do Rock in Rio, sinos de grande porte que conseguimos içar a partir de uma grua e que vieram de Braga, de uma empresa que os produzia. E foi uma exposição muito engraçada e interessante porque falava exatamente dos processos de fabrico de sinos que são processo muito peculiares. E terminou com um concerto de que muita gente ainda hoje fala. Foi um concerto com sinetas de mão, uma orquestra de sinetas de mão, que foi realizado no piso 1. Muito emotivo e as pessoas falam muito disto.

Depois, para terminar este conjunto de 3, eu falaria da exposição que mais me preencheu. Foi, talvez, o processo de investigação mais complexo, mas também mais importante naquela casa que fiz até agora. Foi a exposição sobre o centenário da faculdade técnica em 2015, para a qual partimos de uma situação de quase total desconhecimento acerca de um momento importante da história da Faculdade de Engenharia que era da Faculdade Técnica e que ocorreu entre 1915 e 1926. Portanto é a instituição antecessora da Faculdade de Engenharia que apanhou momentos importantes da história portuguesa e internacional, como a Primeira Guerra Mundial, a pandemia da

Gripe Espanhola, a abertura de Portugal às novidades tecnológicas da época. Foi um momento histórico importante e com impacto para o funcionamento da Faculdade. Mas também foi a primeira vez que a Faculdade de Engenharia ou o Ensino de Engenharia no Porto que se autonomizou face à ciência, enquanto ciência aplicada. E um processo para o qual contribuíram os cidadãos do Porto. Então refletir sobre isto, refletir sobre o que caracterizou esta Faculdade Técnica e de que forma é que a FEUP é subsidiária deste espírito foi bastante interessante. Foi uma exposição bastante interessante. Foi um período que tinha sido, até então, muito pouco investigado. E estivemos em torno do tema durante dois anos, percebendo quem eram as pessoas que tinham se formado, que resposta a faculdade tinha dado aos diferentes desafios sentidos na época e de que forma é que isto contribuiu para preparar uma faculdade de engenharia para as décadas seguintes. Foi de facto uma investigação interessante. A exposição em termos visuais estava muito bonita. Nós tivemos o apoio da Arquitecta Inês Moreira que nos ajudou a conceber a exposição em termos visuais e cenográficos. E estava bastante apelativa. Envolvemos imensa gente na produção de conteúdos. Foi uma rede muito interessante de montar e o resultado foi muito gratificante. E pronto estas são as três.

Há outros projetos de exposições fora da FEUP nos quais nós participamos. Eu destacava se calhar o último que foi feito no contexto da Reitoria, da Reitoria da Universidade do Porto. E que resultou de percepção de 3 museólogas, ou de 1 curadora e duas museólogas, das coleções que estavam originalmente agregadas no tempo da Academia Politécnica. Com a saída do Instituto Industrial do Porto e a criação da Universidade do Porto e conseqüente separação das ciências e da engenharia, esta coleção original desagregou-se e dispersou-se. Ao estudarmos estas coleções fazemo-lo em modo colaborativo. Já tínhamos imenso trabalho produzido a três sobre esta coleção e achamos que, talvez, nos 180 anos da Academia Politécnica seria interessante reunir essa coleção. Portanto, fizemos esta exposição e um programa vasto que acabou por ser reduzido porque parti o pé.

**JULIANA:** Esta exposição foi um dos vídeos que assistimos?

**SUSANA:** Também. Era um programa paralelo. Nós tínhamos agendado um conjunto de palestras que no fundo iriam abordar os vários períodos da Academia Politécnica. Cada núcleo museológico dava a primazia a um objeto e explorava-o inserindo-o nos vários contextos com ele relacionados. E Deu muito gozo pensar nesse ciclo, pensar esta exposição. E depois, parti o pé e fui acompanhando a distância e pronto. Da melhor forma possível. Tive pena de não ter feito mais, mas na altura não era possível.

**JULIANA:** Com a construção do centro interpretativo, vai continuar existindo este espaço de exposição ou cultural independente do Centro Interpretativo?

**SUSANA:** Sim, a ideia é que o projeto de arquitetura o contemple e o integre ou trabalhe no sentido de o integrar com o centro interpretativo num contínuo que envolva a sala de exposições. O centro interpretativo terá um caráter permanente. Podemos eventualmente pensar em renovar a exposição do centro interpretativo em x em x anos, renovando conteúdos, renovando as peças, renovando o tema. Isso demonstra que esta política de exposições temporárias é também algo que não podemos deixar de ter, porque a nossa área pretende intensificar a vertente da componente expositiva ligada à comunicação de ciência. E aquela sala e a programação de exposições temporárias são dois aspetos essenciais dessas estratégias. O que vai acontecer é que a sala vai ser alvo de remodelação e requalificação. Há uma série de questões técnicas que têm que ser resolvidas e até agora nos tem impedido de avançar com algumas propostas que requerem por exemplo condições de conservação e que vão ser contempladas no projeto. Portanto a resposta é sim.

### **Centro Interpretativo**

**JULIANA:** Como surgiu a ideia em construir um centro interpretativo?

**SUSANA:** Como eu tenho vindo a explicar, o nosso modelo de organização é um modelo polinucleado, aquele que melhor dá resposta ao desempenho das funções num museu universitário e à condição híbrida das próprias coleções que são ao mesmo tempo museológica e de caráter pedagógico. Desde o primeiro momento entendemos que essas coleções deveriam estar próximas dos departamentos, nos quais tiveram origem e onde podem ser dinamizados através da componente pedagógica. Estivemos todo este tempo a trabalhar para o interior com algumas expressões que exteriorizam o nosso trabalho. Queremos avançar agora para uma outra fase, que é a abertura para o exterior. E abrindo ao exterior temos que adotar uma outra política e uma outra forma de organizar. Neste momento temos as coleções dentro dos departamentos, expostas em espaços semipúblicos; algumas dessas áreas tem o acesso bastante condicionado. E as áreas são muito dispersas. Então, para facultar a visita externa, temos de elaborar um roteiro de visita. Um roteiro que ligue todas essas áreas e no fundo apoie a visita de um estudante, de um visitante para quem o espaço da FEUP é uma total incógnita. Para acompanhar este roteiro é necessário comunicar inicialmente uma série de informações que permita que o visitante, mesmo sem o acompanhamento, consiga extrair informação sobre o que vai ver. Os departamentos vão estar em modo reserva sem a componente de interpretação. Portanto, para que o visitante externo consiga encontrar respostas às suas questões,

questões que já traz ou que vai formular ao longo da sua visita, é preciso ter um centro interpretativo que o apoie exatamente a visita às reservas e que ensaie algumas ligações que podem ser estabelecidas a partir das coleções.

**JULIANA:** Essa pergunta já foi respondida, mas vou fazer só para formalizar: qual a finalidade do centro interpretativo para a FEUPMuseu?

**SUSANA:** É exatamente esse: é uma materialização, uma concretização da função interpretação que nós devemos ter sobre as coleções. E já o fazemos temporariamente nas exposições que fazemos e que são depois perpetuadas em modo digital. Mas consideramos que a interpretação ela deve surgir do nosso trabalho mas também das questões mais diversas que podem vir do visitante. Portanto, a nossa perspectiva da interpretação é dinâmica, multidisciplinar e achamos que podemos ajudar a direcionar o olhar das pessoas, fornecendo-lhes à partida algumas hipóteses que elas vão poder explorar na visita aos diferentes núcleos.

**JULIANA:** Porque um centro interpretativo e não um museu ou galeria ou laboratório ou centro cultura, enfim.

**SUSANA:** Não é por falta de ambição. É por falta mesmo de recursos. A questão do laboratório está presente, nós trabalhamos muito nesta lógica, e a partir de metodologias de experimentação. Para isto temos outro espaço que é o espaço do piso 6 e que está sendo organizado. Vai contemplar uma área que é uma área exatamente para experimentação a partir das coleções. Portanto o laboratório vai existir e já há espaço para isto. Nós já tivemos alguns ensaios, como por exemplo no âmbito do mestrado da Maria van Zeller, uma oficina para a qual convidamos várias pessoas da faculdade com vários perfis que, mediante uma coleção em particular, exploraram connosco as diferentes perspectivas sobre as quais uma coleção pode ser comunicada numa plataforma digital. Houve também uma exposição externa que também nos marcou bastante que foi “Edifício e vestígios”, para a qual fomos convidados a explorar o tema do pós-industrial a partir da atividade FEUP. E alguns dos módulos apresentados nesta exposição foram também ensaiados através de metodologias laboratoriais. Portanto, esta dimensão colaborativa, participativa e experimental é algo que já está no nosso modo de trabalhar, já é assumido. E que tem um espaço próprio. Em relação à importância do centro interpretativo para o museu eu diria o primeiro objetivo ou a primeira vantagem que encontro aqui é poder de ser esta uma forma, mais uma forma, de se abrir as coleções visitáveis da Faculdade de Engenharia ao exterior.

**JULIANA:** E por que não uma galeria, por exemplo? Por que tem esse nome centro interpretativo?

**SUSANA:** Não tem só um nome. Acho que era necessário existir um núcleo central interpretativo. Porque o modelo polinucleado pode potenciar uma visão unidisciplinar de cada uma das áreas da engenharia. Faltava aqui um metadiscurso que servisse de chapéu, um chapéu unificador, um plataforma giratória onde os conteúdos desses núcleos pudessem ser apresentados num âmbito mais vasto e integrado, nas suas diferentes expressões ao longo do tempo, nas suas diferentes funções, mas também na resposta que esta escola deu, por exemplo à cidade, em termos tecnológicos. Num âmbito mais próximo, em alguns casos em termos nacionais ou até mesmo em termos do mundo tecnológico em geral. Outra componente que é importante realçar aqui é da literacia tecnológica, componente da aproximação da engenharia aos cidadão. E centralizando isso num espaço ajuda a que esse discurso seja transversal e ao mesmo tempo que possa ser melhor trabalhado para responder às necessidades de uma comunidade que chega de fora a um mundo que lhe é estranho ou pior ainda, que é cifrado, um mundo muito especializado. E que necessita de um acolhimento, de um espaço que seja aprazível e onde se sinta à vontade para expor também suas dúvidas, para expor também a sua vontade de conhecer, e onde esse diálogo entre cidadania e engenharia possa ocorrer num espaço de confiança. Um espaço em que ambos os interlocutores se sintam confortáveis e com confiança para exporem as suas questões. Os departamentos são de facto, eu já tenho alguns anos de FEUP, espaços que ainda me intimidam. Os espaço dos departamentos, para um leigo nesta matéria, por um lado intimidam e por outro lado fascinam também. Acho que era necessário este espaço introdutório, de encontro, de confiança, neutro. Não gosto da palavra neutro, porque nada é neutro, mas acho que ideia está passada.

**JULIANA:** Um espaço aberto para discussão, não é?

**SUSANA:** Sim

**JULIANA:** Quando você fala em cifrão, você quer dizer algo em termos de resumido, especializado, objetivo e não em termos financeiros?

**SUSANA:** cifrado, cifrado. De cifra, codificado.

**JULIANA:** Em relação a dinheiro?

**SUSANA:** Não codificado, significa que a área da engenharia é muito técnica, muito especializada.

**JULIANA:** Tá.

**SUSANA:** Usa termos que por muitas vezes as pessoas desconhecem o significado, desconhecem os processos, desconhecem o vocabulário, percebe? Os princípios científicos usados, como em qualquer área especializada. Quando as pessoas acantonam numa área, chega um leigo e tem dificuldade em perceber o que ali se passa. Um mundo com um discurso próprio

**JULIANA:** Há quanto tempo esse projeto está sendo desenvolvido?

**SUSANA:** Qual deles?

**JULIANA:** O do centro interpretativo.

**SUSANA:** O centro interpretativo começou a ser desenhado há quatro anos. E a discussão iniciada com a atual direção, ainda no primeiro mandato. Atrasou-se porque eu parti o pé. Poderia ter avançado com isso tudo, mas pronto, não poderia participar nisto tudo longe. Há quatro anos foi lançada pelo direção, foram feitos alguns contactos com o arquiteto. Já há plantas.

**JULIANA:** E a conversa com o arquiteto e colocar de uma forma mais prática e entender o que vai ser feito está acontecendo a quanto tempo? Essas reuniões.

**SUSANA:** Desde que eu cheguei. Finais de 2018.

**JULIANA:** De você sentar com o arquiteto e conversar sobre isso?

**SUSANA:** A primeira conversa foi no final de 2018. E depois tem sido, porque ele também é uma pessoa ocupada e é chamado a dar resposta à uma série de outras questões que tem haver com o espaço da FEUP e que lhe tiram tempo também para avançar. Eu não sou a única envolvida neste processo. Como a Juliana falou, e falou muito bem, o piso zero neste momento é essencialmente ocupado pelas áreas funcionais da biblioteca.

Então o projeto tem de dar resposta a duas questões: a necessidade do centro interpretativo e as obras da biblioteca. Essas duas necessidades devem ser contempladas nessa concretização.

**JULIANA:**O espaço é o mesmo.

**SUSANA:** Sim

Então, vamos ter que modernizar também a área de atendimento do espaço da biblioteca, e o museu vai no fundo ocupar uma parte, mas não tomar. Isto tem que ser acompanhado de uma série de estudos, de uma série de conversas, do lado da biblioteca, do lado do museu, entre nós. Portanto temos pensar no programa funcional. Foram colocadas algumas questões do lado de arquitetura,

tivemos que pensar nelas, tivemos traçar um programa genérico a partir do qual se pudesse começar a trabalhar.

**JULIANA:** Quem são os envolvidos (pessoas e áreas)?

**SUSANA:** É o gabinete de arquitetura da faculdade, a direção que dinamiza o grupo, o diretor dos SDI e a responsável da biblioteca, e a responsável pelo museu.

**JULIANA:** O que será exposto no centro interpretativo?

**SUSANA:** Ora bem, isto é a Juliana que irá dizer. Eu sei que há um programa desejado por parte da direção que encara esse centro interpretativo de outra forma. A mim interessa o cidadão que chega e que quer saber mais sobre este universo da engenharia, e que é um universo que lhe toca diariamente. Nós estamos rodeados pela engenharia: temos telemóvel, materiais, computadores, carros, construção... Para tomarmos opções no dia a dia, e já não estou a falar das opções políticas, quando chegamos a votar por um partido que defenda o carro elétrico ou um partido que é contra a incineração, já não estou a falar desta componente que é importante. Mas a engenharia acompanha-nos no dia a dia. E temos que tomar decisões sobre uma série de questões.

Temos que olhar para a engenharia contemporânea. Mas essas questões sempre se foram colocando ao longo da história. E a faculdade de engenharia sempre deu resposta a isso e apresentou soluções. É isso que a engenharia faz, apresentar soluções a problemas. Do ponto de vista do museu, o centro interpretativo mostra a evidência das soluções encontradas, e a evidência do processo e da preparação das pessoas que as tornam possíveis. E essa evidência está lá, nas coleções. Antes do engenheiro conceber algo, uma solução, o engenheiro teve que aprender. Houve todo um processo de aprendizagem que o conduziu num determinado sentido. A investigação concretiza estas soluções. Portanto, este é o meu principal objetivo. É a minha visão do que poderá ser o centro interpretativo não só do tempo presente, mas também, nos outros momentos que antecederam e que fazem parte desta longa caminhada da engenharia no porto.

Há outras visões e programas que não são antagónicos e que se podem conciliar. Eu sei que a direção quer, por um lado, comunicar essa genealogia. Sei que os diretores do departamento, as pessoas que organizam congressos ou que recebem visitantes externos no âmbito da sua atividade profissional e investigação, gostariam também que existisse um espaço na faculdade que pudesse funcionar como uma sala de visita.

**JULIANA:** Como um trofeu? Olha nossa relevância na sociedade.

**SUSANA:** Também. A solução que procuro que não é apologética, celebratória. Não celebra o grande engenheiro, mas mostra concretamente soluções que deram resposta a problemas. Numa perspectiva crítica. Porque acho que é isso o engenho, como aquela história que lhe contei sobre a resposta a um concurso através de um protótipo construído a partir das peças trazidas de casa. Há outra história que também acho deliciosa, contada por outro professor que também já está reformado: no âmbito de uma experiência precisavam de um galvanómetro medir a corrente e faltava um elemento de ligação. E esse elemento de ligação é um fio de cobre. Na altura não havia esse fio de cobre para colocar. Então um dos engenheiros deste grupo traz uma fitinha da árvore de natal, daquelas fitinhas metálicas. Estava na altura do natal, estava no inverno. Então o senhor coloca lá o quadro preso ao elemento principal do galvanómetro e aquilo conduziu a corrente.

**JULIANA:** Criatividade, “né”?

**SUSANA:** Criatividade. Ou seja, é o engenho, é a criatividade. É essa vontade de dar resposta e de encontrar os meios até mesmo os mais inusitados para conseguir dar resposta. Portanto, eu não quero contar a história dos vencedores, não quero contar a história do que deu certo, eu quero contar a história do que aconteceu de fato.

**JULIANA:** Do que representa a comunidade.

**SUSANA:** O que ficou diferente pelo facto da FEUP ter existido. Que mudança foi introduzida, que inovação. É isso. E de facto não deixando, embora muitas vezes seja difícil, mas não deixando de destacar algumas pessoas que essencialmente contribuíram para isto. Não quero um centro interpretativo anónimo. Há toda uma comunidade, mas os nomes não podem ser sempre os mesmos. As figuras a se destacar não podem ser sempre as mesmas. Há aqui uma voz, muito pouco ouvida no que foi sendo feito acerca da história da engenharia que é a voz das mulheres. E temos engenheiras na jogada. Temos mulheres engenheiras na jogada. Que fizeram coisas incríveis a frente de unidades de investigação, de unidades fabris, por exemplo. E foram líderes num tempo em que se pretendia de facto que a mulher estivesse em casa, a tomar conta dos filhos etc. E foram determinantes na diferença. Essas mulheres não são conhecidas, eu quero dar-lhe voz e dar os nomes. E outras formas de olhar para isto que não seja só o discurso de excelência e qualidade. Que também é. Mas quero organizar a componente expositiva sem esquecer essa parte. As nossas respostas sempre pautaram por essa busca de qualidade.

**JULIANA:** E já tem em mente os objetos? Histórias que vão ser contadas no centro interpretativo.

**SUSANA:** Tenho algumas. Por exemplo, e voltando à questão das mulheres engenheiras. Para mim há uma figura interessantíssima que é a figura da Rita Morais Sarmiento, a primeira engenheira civil. O pai dela era uma pessoa (acho que ele era dono de uma tipografia), uma pessoa muito interessante, muito culta e com o pensamento muito além na sua época. Teve várias filhas (não sei se 3 ou 4...) e considerou que as filhas deveriam ceder ao ensino superior. Então a pequena Rita foi para a Academia Politécnica estudar a Engenharia Civil. E as outras filhas foram para a Escola Médico e Cirúrgica. E formaram-se todas. Já estive a ver a turma da Rita Morais Sarmiento e de facto a turma era constituída por homens e ela era a única mulher no final do século 19. E esta é uma história que tem que ser contada. Identificámos também muitas histórias na investigação que fizemos sobre a faculdade técnica, narrativas que valem a pena a contar sobre a faculdade técnica, nos primeiros tempos da república. Em que se sonhava um país tecnologicamente desenvolvido. E que o sonho, que parecia longínquo e que tinha muitos anticorpos. Havia ainda resquícios de uma sociedade mais fechada, arcaica e estes progressistas tiveram alguma dificuldade em concretizar este sonho. Perceber que propostas saíram da faculdade técnica, aquelas que vingaram ou que mudaram mentalidades desta época. Também é outra história a contar, há tantas.

#### **FEUPMuseu no Futuro**

**JULIANA:** Qual sua percepção da FEUPMuseu em 5 anos? Considerando a trajetória que a intuição possui (modelo, funcionários, espaço).

**SUSANA:** Ora bem, daqui a 5 anos. Acho que o tempo presente vai trazer alguma mudança. Não acredito que vá ser radical, não vai ser. Há muita reflexão que se tem feito sobre os museus. O museu vai se afirmar porque irão aparecer manifestações muito concretas do museu como espaço. Mas também ao mesmo tempo enquanto estratégia. Acho que vai ganhar maior relevância e maior visibilidade. E vão afirmar-se algumas linhas que nós já tínhamos iniciado e que já fazem parte da nossa cultura. Por exemplo essa dimensão mais colaborativa e participativa por parte da comunidade. Nós sempre nos assumimos como mediadores entre o património e a comunidade e, sinceramente, daqui a cinco anos esse modo vai ser mais intenso ainda e consolidado.

Por outro lado, em termos orgânicos há certos constrangimentos de ordem financeira e ao crescimento em termos de estrutura. Vamos ver. Não é muito fácil para os serviços públicos. Cada vez mais vai ser necessário que o museu se profissionalize ainda mais, e para isso os próximos desafios que prevejo que sejam lançados vão no sentido de uma maior qualificação da equipa. Vamos ver.

Por outro lado, daqui a cinco anos o museu vai oferecer condições para receber visitas das pessoas que não pertencem a comunidade. Vai abrir-se mais ao exterior. Isso vai depender de outros fatores que não estão dependentes de nós, e que passam pelo facto da FEUP ocupar um espaço na cidade que é periférico. Não estamos no centro da cidade. É complicado ir para lá. As pessoas trabalham durante o dia, a FEUP está fechada durante o fim de semana. Portanto, há aqui uma série de condições que não favorecem essa abertura. Mas penso que vai ter essa vontade e vamos ter que programar nesse sentido. Vai ser notória também a distinção do museu como espaço de confiança, como repositório de património. Esses papéis vão emergir de uma forma mais clara. Vamos ter espaços de reserva que vão ser claramente repositórios de objetos que, por sua vez, são fontes de informação. Teremos espaços destinados à interpretação, à exploração, à investigação sobre coleções. E depois temos um mundo de exploração deste acervo, quer das questões mais tangíveis ou menos tangíveis. E que eu acho que vai se perceber essa distinção entre os diferentes papéis e funções que um museu pode ter.

**JULIANA:** Com uma visão realista, considerando a possibilidade de haver recursos (financeiros e humanos). Na opinião da Susana, qual seria um modelo de museu universitário que melhor adequa a realidade da FEUP? Pode dar um exemplo de outra universidade? - Como você colocou, existe questões como não abrir durante o final de semana, ser de difícil acesso, existe estas questões realmente. Mas existe algum outro modelo que não é o de hoje que poderia ter ser mais interessante?

**SUSANA:** Sim, não posso dar só uma referência. Para mim o museu universitário que sirva apenas a comunidade interna não é propriamente o modelo que quero seguir, nem mesmo aquele que se foca apenas na coleção histórica. O museu apresenta a interpretação institucional do passado e que o celebra, também não é de todo o meu modelo. O meu modelo centra-se mais naqueles museus que conseguem fazer a mediação entre o passado e o presente, e apoiam as comunidades, seja elas internas ou externas à universidade ou à academia para pensar num futuro mais sustentável. Esse é o meu modelo, o meu modelo de museu universitário. É o museu que é mediador, e também um espaço de confiança, um espaço de informação de qualidade. Um espaço que apoia talentos e a transformação pessoal. É um espaço que descentra de si próprio e vai ao encontro dos seus públicos. Vai ao encontro de quem precisa. Estabelece pontes entre áreas abordadas de forma multidisciplinar, e cidadãos que têm necessidade de perceber essas áreas, e como tomar decisões dentro delas.

Por outro lado, a questão dos recursos. O museu universitário tem e deve, e isto está em seu DNA, que trabalhar diretamente com os produtores de conhecimento, com os transmissores de

conhecimento e os receptores desse conhecimento. Portanto estou a falar das funções de ensino, estou a falar das funções de investigação e neste momento estou a falar obviamente da comunidade académica. Essa comunidade que não deve nem pode ser cingida a comunidade académica da faculdade onde se inscreve o museu. Deve ser encarada como uma comunidade multidisciplinar que abrange vários olhares que vêm de várias disciplinas, de uma comunidade mais alargada - a da Universidade.

Portanto essa dimensão multidisciplinar e esse olhar que pode vir de outras áreas de conhecimento também é uma dimensão na qual temos vindo trabalhar. Acolhemos no nosso espaço, também de formação, estudantes de várias unidades, várias unidades orgânicas distintas, de vários cursos dentro da universidade.

Este período ensinou-nos também que a programação e a criação podem ser feitas com de meios *low cost*. Este tempo em que vivemos mostrou-nos que conseguimos fazer coisas sem verbas fantásticas. E que ganham escala. Temos erradamente a noção de que só os projetos que resultam de grandes investimentos ganham escala e nós já percebemos que não.

Portanto, ir ao encontro das comunidades e encontrar soluções com orçamentos que não têm que ser mirabolantes. Temos de ser criativos, conhecer bem as ferramentas à nossa disposição e desenvolver a relação com os públicos já existentes e potenciais. Tenho tido nos últimos tempos, através do email do museu, imensos contatos de pessoas que têm interesse nas nossas coleções históricas e querem fazer suas pesquisas e investigações a partir de casa. Ex-alunos da faculdade que se oferecem para colaborar connosco a fazer tabelas cronológicas. Ou investigadores que pedem acesso a informação para poder fazer avançar sua investigação. Temos de comunicar melhor o que fazemos, comunicar os nossos repositórios da melhor forma, dar o melhor acesso possível.

**JULIANA:** Algum museu universitário faz todos esses aspetos que você colocou? E que fazem muito bem.

**SUSANA:** Pois é. Como eu estava a dizer acho que não posso dizer um.

**JULIANA:** Então diga vários.

**SUSANA:** Eu quando for grande, quero ser vários. Quero ser por exemplo: Science Gallery Trinity College em Dublin (Irlanda), que é um museu universitário que, para mim, coloca as questões da forma certa.

**JULIANA:** Já estive lá?

**SUSANA:** Não, mas gostaria. Há o Museu universitário de Dresden (Alemanha) que trabalha muito bem as questões de inventário, por exemplo. O Fórum Humboldt (Alemanha) é também umas das minhas referências. Eu acho que estes 3.

**JULIANA:** Pegar as melhores características de cada um.

**SUSANA:** É. Também o NTNU University Museum (Trondheim, Noruega), que eu espero ir visitar no outono. É o primeiro museu que espero visitar. Para o próximo ano espero visitar o Humboldt, será próximo. Este ano vai ser o NTNU com o qual a Universidade do Porto e a FEUP têm relações de proximidade no campo de investigação. E eles tem um museu universitário ligado à gestão de património cultural na componente da arqueológica subaquática. E que é uma área que me interessa imenso explorar no que toca à comunicação da investigação. O forte deles é a investigação multidisciplinar sobre as coleções e também a colaboração do museu com os cursos, com o programa curricular, a formação em contexto de alunos. Essas são as áreas mais fortes no museu e que constituem referência.

Depois há ainda outra área de interesse: uma vertente desenvolvida pela Faculdade de Belas Artes da NTNU que aproxima a arte da ciência, a arte da tecnologia. Essa vertente também me interessa. A arte ajuda-nos a olhar a realidade científica e tecnológica com outros olhos. Levanta-nos o olhar. Ajuda a levantar questões de forma multidisciplinar e transversal. Acho que a filosofia e as humanidades também são parceiras importantes nesta área. E esta é a outra componente que vou perceber melhor quando for a NTNU University Museum (Trondheim, Noruega). E finalmente, outro ponto de interesse é a visão e prática integrada sobre os acervos realizada a partir da biblioteca da universidade. Esta visão integrada dos acervos é uma das nossas especificidades enquanto museu. Portanto, vou também querer ver e perceber como o fazem. Há aqui uma série de museus internacionais que me interessam.

**JULIANA:** E aqui em Portugal há algum?

**SUSANA:** Sim, há o Museu Nacional de História Natural e Ciência (Lisboa) que tem uma atividade muito sólida e bem dirigida. Muito bem dirigida. Em tempos andei atenta ao museu de ciência de Coimbra. Foi um projeto que infelizmente abortou. Ficou muito aquém daquilo que se esperava que fosse. Achei que o modelo que estava sendo levado a cabo e que estava a ser concretizado era um projeto muito coerente. Achei só que era muito fechado no próprio modelo. Acho que os modelos devem emergir

das necessidades e ser adaptados a elas. Os modelos existem e temos que os conhecer e os combinar para os ajustar à nossa realidade. E não os aplicar por transferência direta. Escolher um modelo porque funciona bem, porque é interessantes, porque nos identificamos com ele. Mas essencialmente porque é aquele modelo que faz sentido naquela comunidade, tendo em conta as circunstâncias, as condições, e as coleções que temos, e está de acordo com o programa que desejamos levar a frente. Portanto este é o meu mapa de referências. Eu circulo entre as minhas referências como eu circulo num mapa.

**JULIANA:** Brincando com os aspetos ideais, como a Susana gostaria que a FEUPMuseu fosse? Em relação a modelo, funcionário, estrutura, espaço, média, comunicação. Vamos “brincar” com o imaginário. Tem dinheiro, tem recursos, tem espaço, a faculdade disponibiliza isso tudo, como seria por exemplo. Na sua ideia.

**SUSANA:** Então vamos lá, vamos construir um museu. Vamos idealizar o museu perfeito. Então, queria uma área de exposições um pouco diferente que combinasse área de exposição com área de encontro, ao mesmo tempo. Era espaço no qual as pessoas poderiam debater, poderiam se encontrar, sentir que, quando precisassem de inspiração, seria o primeiro sítio que iriam procurar.

**JULIANA:** Seria dentro da biblioteca? Ou seria em outro prédio, sozinho da biblioteca?

**SUSANA:** Seria em outro prédio. E muito muito vidro, muita transparência, muitas pessoas a trabalhar nas oficinas. O mundo da engenharia a acontecer; em que houvesse espaços que pudéssemos olhar e ver a engenharia a acontecer.

**JULIANA:** Então não seria mais um serviço, seria uma instituição a parte?

**SUSANA:** Exatamente. Seria. Vamos sonhar.

**JULIANA:** Sonhar é importante. As vezes sonhar nos coloca em uma direção.

**SUSANA:** Exatamente. Gostava de ter, gostava muito muito de ter os estudantes de engenharia a colaborar, a experimentar ligações. Gostava que o museu fosse um espaço livre de investigação e experimentação sem barreiras, ao encontro de soluções sem barreiras. Não digo de utopia. A engenharia também tem seus momentos de utopia, mas a engenharia tem soluções muito concretas. E esse espaço, o que gostava mesmo era que fosse um espaço intergeracional. Não gosto de falar públicos, porque quando nós dizemos “vamos trabalhar com este publico”, parece que estamos a desenvolver uma estratégia muito rígida, pouco orgânica.

**JULIANA:** Você não quer trabalhar “para”, você quer trabalhar “com”.

**SUSANA:** Eu gosto de devolver às pessoas a informação para as respostas de que necessitam. Não gosto de trabalhar a partir de condições rigidamente pré-determinadas; prefiro que as coisas aconteçam por si. Gosto de criar as condições para que as pessoas se sintam acolhidas e com vontade de participar.

Depois há um grupo de pessoas com as quais gostaria de trabalhar mais, com as quais já trabalho regularmente, e que são os seniores, com os quais valido regularmente os resultados da minha investigação e que têm disponibilidade para me ensinar a olhar, ver, para me orientarem para referências. E eu gostava que o museu fomentasse essa aproximação entre gerações de engenheiros.

Depois, gostava muito que o museu pudesse ser procurado por estudantes da área do digital e multimídia. Gostava muito que o museu tivesse uma expressão digital de tudo isto que estou a dizer. Porque quando as portas fechassem, no final do dia as pessoas poderiam continuar nesse espaço de encontro, no mundo digital.

**JULIANA:** Como tem acontecido durante esse período.

**SUSANA:** Como tem acontecido nos últimos tempos. E que fossem oferecidas as pessoas as ferramentas necessárias para explorar livremente esse espaço digital. Que os conteúdos fossem livres e de fácil acesso para que se pudesse criar novo conhecimento a partir deles. Ter conteúdos de qualidade, um inventário robusto e que a informação fosse toda documentada. Mas este processo é muito lento. Não é tão célere como gostaria. Depois gostaria de fazer um exercício, um exercício que é difícil de fazer, que é descentralizar o Museu da FEUP. Ele está na FEUP. Ele é sobre a FEUP. Ele é sobre engenharia, sim! Mas eu gostava que ele se descentrasse um pouco mais deste foco. Nós recebemos muitas “encomendas” que nos puxam para a FEUP, mas gostaria de me distanciar um pouco deste foco.

**JULIANA:** Uma missão maior.

Exatamente. Aproximar da cidade. Aproximar ao campus num primeiro nível e depois abrir. Isso também eu gostava. Gostava que essa preocupação, essa ação social que os museus cada dia mais assumem também fosse mais expressiva. E isso faz-se através de programas de comunicação da ciência, através também da educação informal. Gostava muito que essa componente educativa informal do museu também fosse maior. Para tudo isto é preciso criar uma onda colaborativa que não seja intermitente. Que seja constante. Que o museu se descentre de uma equipa. Que deve estar

atenta às questões de organização e gestão do museu, mas também às necessidade das pessoas que devem assumir o museu como seu.

**JULIANA:** Que ele funcione sem a necessidade de uma figura como líder.

**SUSANA:** Isso, é isso. Despersonalizar o museu é importante.

**JULIANA:** É difícil.

**SUSANA:** Um museu *it self*. Não é um museu porque aquela pessoa a, b, c ou d que está cá a frente. É expressar por si próprio. Como entidade. Com vida própria.

**JULIANA:** Eu queria finalizar a entrevista com esta pergunta, mas eu vou finalizar com uma péssima pergunta. Eu errei. Eu deveria ter colocado ela em primeiro lugar, porque eu já tinha pensado nela ontem quando a gente “tava” conversando e durante a entrevista de hoje eu lembrei. Enfim, mas é uma pena terminar assim, mas pronto. Essa situação do Corona vai ter uma crise, provavelmente, imagino que os recursos financeiros sejam retidos durante um bom tempo, independente da instituição seja pública ou privada. Você acha que isso vai influenciar nas obras da biblioteca?

**SUSANA:** Sim.

**JULIANA:** Consequentemente no centro interpretativo?

**SUSANA:** Eu espero que influencie favoravelmente, estou mesmo a ser muito sincera. Porque eu sou otimista por natureza. Mas não é de todo leviano o que vou dizer. Eu acho que nós vamos passar por um momento que não só depende de nós; vai depender da orientação que o próprio país, Europa e o mundo vai escolher seguir. E tem a ver com o facto de que esta crise nos tocou a todos e de uma igual forma. Alguns foram mais afetados que outros, alguns necessitam de maior ajuda que outros, mas todos viveram o seu mau momento e todos foram afetados. Vamos ser chamados a enfrentar estas dificuldades com espírito de grande solidariedade, compreensão e sentido de entreajuda. Para que não haja um retrocesso que traga de novo o atavismo, a angústia e a desilusão que foi criada na crise de 2008. Na qual as pessoas se sentiram completamente sufocadas por conta de uma série de medidas que foram tomadas para contenção.

**SUSANA:** Acho que o que emergiu desta é a ideia de que o património, a cultura, os museus são de facto bastante importantes em alturas como estas. Cumprem um papel de união, de conforto, um papel que é, em última análise, terapêutico.

**JULIANA:** Pertencimento.

**SUSANA:** Exatamente, identidade. De reforço, ajudar a comunidade. De apoiar, inspirar, além de proporcionar excelentes momentos de lazer. Essa é a grande lição que tiramos daqui, e por tudo isto, poderá ser necessário reorganizar as prioridades. Acho que esta crise vai reforçar a sua necessidade da sua existência.

**JULIANA:** Espero que sim. Eu tenho a percepção totalmente negativa das coisas. Eu sou muito pessimista.

**SUSANA:** Pois, não sei.

(...) nós vamos fazer o maior esforço para manter o projeto em cima da mesa. Pode ser que em cada projeto haja necessidade de readaptação de acordo com o que sair daqui.

**JULIANA:** Ter o centro interpretativo é o reforçar da comunidade.

**SUSANA:** Há essa vontade também.

**JULIANA:** Isso sai bem para quem está de fora. Em termos de visibilidade.

**SUSANA:** Sim, também é por aí. É aquilo que lhe dizia: aquele edifício da biblioteca é um dos edifícios visitados. E não é só pelo edifício em si, mas pelo que lá se passa. O centro interpretativo também terá de cumprir esse papel, desde que o discurso não seja fechado em si, apologético, auto elogioso.

**JULIANA:** Tem que juntar o que cada parte. Entender as necessidades de cada um e unir e fazer o melhor. É isso. Acabou. Fico feliz que tenha gostado.

## Anexo

### Anexo A - Nacional Gallery of Australia

Exhibitions Policy

#### Tabela A1

---

Exhibitions Policy	
Description of Policy	This policy sets out the principles the Gallery adheres to and the factors it considers in fulfilling the NGA's Exhibitions Program.
Policy applies to	NGA wide
Policy Status	New policy
Approval Authority	Council
Responsible Officer	Adam Worrall
Contact area	Exhibitions and Collections Services
Date of Policy Review*	October 2019

\*Unless otherwise indicated, this policy will still apply beyond the review date.

Related Policies, Procedures, Guidelines and Local Protocols	NGA Policy on Policy Development NGA Risk Management Framework and Policy NGA Inward Loan Policy Aboriginal and Torres Strait Islander Cultural Rights and Engagement Policy Due Diligence and Provenance Policy Freedom of Information Policy Record-Keeping Policy Aboriginal and Torres Strait Islander Reconciliation Action Plan (in development) Art Acquisitions Strategy Code of Ethics Fraud Strategy Protection of Cultural Objects on Loan Scheme Guidelines Australian Government International Exhibitions Insurance Scheme Guidelines
--	---

---

## 1. Policy

Exhibitions Policy

## 2. Scope

This policy applies to all activities relating to the Exhibition Program of the National Gallery of Australia (the Gallery), and applies to all NGA staff.

## 3. Purpose

The Gallery and its functions are determined by the *National Gallery of Australia Act 1975*. The principal functions of the Gallery, as outlined in s6 of the Act, are to:

- To develop and maintain a national collection of works of art;
- To exhibit, or to make available for exhibition by others, works of art from the national collection or works of art that are otherwise in the possession of the Gallery; and,
- To use every endeavour to make the most advantageous use of the national collection in the national interest.

## 4. Definitions and abbreviations

In this policy,

**Council member** means a member of the Gallery's governing Council appointed in accordance with the Act.

### **Director**

means the Director of the Gallery appointed under the Act and includes a person appointed by the Minister as acting Director.

### **Exhibition program**

means the forward program and schedule of temporary, collection and travelling exhibitions

### **Gallery**

means the National Gallery of Australia, a statutory authority established in accordance with the Act.

### **Exhibitions Committee**

means the committee established to review and discuss the exhibition program quarterly. The committee comprises the Director, Deputy Director, Assistant Directors, Chief Financial Officer and representatives from Curatorial, Conservation, Exhibitions, Registration, Visitor Services, Risk Management and Travelling Exhibitions.

### **Temporary exhibition**

means an exhibition of works of art on display at the Gallery including inward loans and/or commissions and may include works drawn from the collection.

### **Travelling exhibition**

means an exhibition of work(s) of art that may include works drawn from the collection, inward loans and/or commissions that the Gallery tours to other venues

### **Policy principles**

The 1966 Lindsay Report, resulting from the “National Art Gallery Committee of Inquiry” commissioned by Prime Minister Menzies, is the NGA’s founding document. The Lindsay Report placed its greatest emphasis on Indigenous and non-Indigenous Australian art, on modern art worldwide and on “works of art representing the high cultural achievement of Australia’s neighbours in southern and eastern Asia and the Pacific Islands”. These remain the 3 major collecting areas for the NGA.

Through our Exhibition Program, we seek to achieve a balanced representation of our three priority collecting areas:

- the art of Australia;
- the art of our region, the Asia-Pacific;
- the great global art movements, with emphasis on 20th and 21st century.

Across these three focus areas, we seek additionally to present a balance of contemporary and historical art; to complement the NGA’s own collection with significant national and international loans; and to ensure that we provide audiences with extraordinary opportunities to see art from eras, cultures and collections that are not otherwise easily accessible within Australia.

The Exhibition Program will also take into account a diverse range of media and art forms. The development of the Exhibition Program will consider the following key priorities:

- I. exhibitions drawn from the national collection, which champion the NGA's own research and scholarship;
- II. national leadership agenda and associated objectives appropriate to a national cultural institution;
- III. audience popularity and demand.

Consideration will also be given to budget and resource implications, projected audience segments and school's attendance, the availability of loans and appropriate timing of the exhibition.

### **5.1 Exhibition development process**

In addition to following the guiding principles outlined above, exhibition projects will be carefully evaluated for financial feasibility prior to commencement. This includes consideration of:

- projected financial outcomes
- balancing the need for ticket revenue with un-ticketed exhibitions regarded as important for Australian audiences
- ensuring adequate funding is provided

The Assistant Director, Exhibitions and Collections Services, with the CFO, will develop a budget and risk assessment for any exhibition with expenditure projected to be over \$500,000. The budget will present a break-even position for the exhibition, but will also indicate a worst-case scenario and a conservative best-case scenario.

Any exhibition requiring high investment, or with demonstrated associated risk, or requiring both a formal and legally binding commitment to an external institution or lender will be approved by Council prior to commitment being undertaken with third parties, or with a minimum of 18 months prior to an exhibition opening at the NGA.

Once an exhibition concept has been endorsed and included in the program, a Project Meeting will be called, with representatives from relevant areas of the NGA invited to discuss in more detail the resource and budget breakdown. A detailed exhibition proposal form will be developed with the Project Team. This will include key milestones as identified in our Project Management Guidelines, which includes, for example, Council approval, approval at Exhibitions Committee, presentation at SET Meetings, Expenditure Projection, Risk Assessment and Budget Development, NGA Fundraising and/or Partnership Scoping, NGA Federal Government Budget Bids, NCITO and AGIEI Program. The Project Team is responsible for reporting to the Director and relevant senior staff on progress and issues arising. From time to time, as appropriate, the Director will convene detailed briefing meetings on plans and progress.

While it is important to have the three-year forward program confirmed for major exhibitions, in order to facilitate planning, enable fundraising opportunities to be developed and loans to be negotiated, the exhibition program must retain sufficient flexibility to allow exhibition and display opportunities to be capitalised upon.

During the various phases of the exhibition development, the Project Team (Including members of Curatorial Staff) will undertake and document due diligence research, risk assessments and decision making in regards to loans. These will be in line with the Gallery's Due Diligence and Provenance Policy and Inwards Loans Policy and their procedures.

## **5.2 Programming of display spaces**

The NGA has five gallery spaces dedicated to changing exhibitions, and also has a program of contemporary art interventions that occur throughout the building's public spaces.

The Temporary Exhibitions Gallery will display ticketed exhibitions as a first priority, including Australian or international loans supplemented by works from the NGA collection. Exhibitions of special national or regional significance may also be displayed in this Gallery, such as the National Indigenous Art Triennial.

The Project Gallery and Orde Poynton Gallery will mostly display free exhibitions focused on the strengths of the NGA permanent collection and may be supplemented by external loans. The programming of these galleries will give Australian art a prominent place within the overall display, ensuring it is conceptually at the heart of the exhibition program.

In parallel, our major exhibition endeavours will provide audiences with the annual opportunity to experience art representing each of our three priority areas: Australian art, the art of our region, the Asia-Pacific; and the great 20th and 21st century art movements globally.

As a general principle, temporary exhibitions will not be presented within the permanent collection galleries. This allows the Exhibitions team to stabilise the work flow of the temporary exhibition projects and the continued scheduling of changing permanent collection displays.

### **5.3 Funding and revenue**

We will continue to assess the opportunity to grow the volume and mix of ticketed exhibitions and will consider alternative business models for future exhibitions, including:

- Private patronage of exhibitions
- Collection development funds for commissioned artworks also presented as exhibitions
- Lower cost ticketed exhibitions
- Opportunity for risk sharing of blockbuster/high risk projects with other venues or presenting organisations
- International touring as an income generating project

NGA Council Exhibition Fund should be considered for supporting new and ground-breaking projects that may not attract high visitation, but are important with respect to collecting, exhibition and brand positioning priorities. Priority will be given to non-ticketed (no income producing) exhibitions.

We will consider charging for exhibitions where there is a possible paid audience over 40,000 visitors. There will be exceptions to this principle in cases where the NGA already owns the entire content of the exhibition in which case no ticket charge will apply. We will also continue to seek corporate sponsorship and private donations at varying levels to help underwrite the exhibitions program.

Major exhibitions will be budgeted with a conservative break-even point.

Some specialised exhibitions may be free. These exhibitions are valued for their contribution to our strategic objectives relating to education, audience development and scholarship, or to our leadership priorities as a national institution. These exhibitions will be paid for through our operating grant, Government grant schemes or alternative funding sources (though in appropriate circumstances free entry shows can still attract sponsorship). Providing these exhibitions is important to our leadership as a national cultural institution and to engaging and enhancing our visitors' knowledge, imagination and understanding.

#### **5.4 Contemporary art projects**

As part of our goal of presenting a balanced program of Australian art, art from our region and the great global art movements, the NGA will provide a strong focus on contemporary art and on collaborating with living artists.

Our Exhibition Program will feature contemporary art spanning Indigenous and non-Indigenous Australian works, the best contemporary art of the Asia-Pacific and international visual culture of the 21st century.

Led by the Department of Global Contemporary Art Practice, and in consultation with Senior Curators of all collecting areas, the NGA will include contemporary art projects in its Exhibition Program every year. Contemporary art projects will be made up of purchases, some artist commissions, loans, and works from the NGA collection.

Commissioning of artists will follow the procedures outlined in the NGA Art Acquisition Policy, specifically section 4.4.4 'Methods of acquisition: Purchase: Commission'.

A major aspect of these displays will be to communicate with and build younger audiences, and the Contemporary curators will aim to deliver artist-focused installations and special events working with the marketing, events and education teams.

#### **5.5 Travelling Exhibitions**

The NGA Travelling Exhibitions Program (Travex) enjoys a strong industry and public profile in regional, remote and metropolitan communities throughout Australia, and offers a diverse and high- quality program of exhibitions. The program has become an essential part

of our national remit to provide access to the national collection.

Currently the NGA's Portfolio Budget Statement requires us to release a minimum of four exhibitions a year. At any one time there can be up to ten exhibitions being developed, on the road or being acquitted.

Since 1988, over 10 million people have visited more than 150 exhibitions at over 1500 locations outside Canberra in every state and territory in Australia.

Travelling exhibitions will be drawn from our temporary exhibitions program. This is to minimise extraneous work load and maximise the impact of effort made in exhibitions production.

Occasionally exhibitions will be created without intended display at the NGA. Exhibitions are generated and selected with a venue scale in mind, and are then marketed to suitable venues in that bracket. There are a multiple venues throughout Australia that have adequate temperature and humidity controls to be able to take sensitive items from the national collection, and exhibitions are matched to venues that we know can meet the required conditions for different items from the collection.

We will also continue to develop and tour exhibitions that can tolerate less strict environmental conditions, so we can tour to other regional and remote venues around Australia.

### **5.6 International Travelling Exhibitions**

In the life of this strategy resource will be allocated to investigate the potential of a new International touring program, designed as a commercial initiative to offset the broader exhibition costs. A further consideration is the reciprocal lending opportunities, fundraising opportunities and relations that international touring may provide.

The development of an international touring program is a worthy consideration with respect to both government priorities relating to trade and bilateral relations but also for the potential to derive a new revenue stream for the gallery's operations.

Effort will be put to touring routes, which are aligned with government, are cost effective and match international markets to the strength of the collection.

## **6 Responsibilities**

## **6.1 Council**

The overall exhibition program will be presented to the NGA Council, in line with the Council

- Charter of responsibilities.
- NGA Council must approve any specific exhibition requiring high investment, high levels of risk, or requiring a commitment to an external institution or lender. Approval must be sought prior to commitment being undertaken with third parties, or with a minimum of 18 months' notice from exhibition commencement date.

## **6.2 Director and Senior Executive Team**

- The Director, Deputy Director and Assistant Director, Exhibitions and Collections will discuss and assess exhibition proposals, which may be internally generated or externally negotiated.
- Exhibition proposals may be generated by the Senior Executive Team and/or Curators and presented at a SET meeting or the quarterly NGA Exhibitions Committee.

## **6.3 Curatorial**

- An NGA Curator will be responsible for the curatorial development for internally curated exhibitions.
- An NGA Curator will be assigned to oversee content for any externally curated exhibitions.

## **6.4 Head of Exhibitions**

- NGA Head of Exhibitions will be responsible for assigning a cross-functional Project Team, Project Manager and ensuring the appropriate implementation of the Project Management Methodology.

## **6.5 Project Manager and Curator**

- Responsible for consulting individual work groups regarding the many supporting activities and deliverables relating to exhibitions, with Exhibition Project Meetings being the primary vehicle for formal information sharing.

## **7. Related content**

**Legislation, policies, procedures and guidelines that relate to this Exhibition Policy**

*NGA Act 1975*

*Protection of Moveable Cultural  
Heritage Act 1986 Financial  
Management Act 1996*

*Financial  
Management  
Regulation 2005 Public  
Interest Disclosure Act  
2012*

*Public Governance, Performance and  
Accountability Act 2013 Information Privacy  
Act 2014*

*Freedom of Information Act 2016*

**8. Policy review date**

September 2019

**9. Revision history**

## **Anexo B - Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo**

### Política de Exposições

A política de exposições do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo baseia-se em sua missão institucional, enquanto museu universitário público. Desse modo o MAC USP concebe e produz a maioria das exposições que apresenta, tendo como curadores os membros de seu quadro docente e como objeto as obras pertencentes ao seu acervo.

No museu a curadoria é entendida como um processo curatorial que compreende o ciclo completo de procedimentos técnicos e científicos relacionados à aquisição, interpretação, conservação e divulgação do acervo institucional. O processo curatorial integra as responsabilidades universitárias da pesquisa, ensino e extensão e se materializa numa cadeia de trabalho colaborativa entre os docentes e os especialistas das diversas áreas. O museu conta com equipe própria de especialistas nas áreas de documentação, catalogação, conservação, restauro e educação em arte, além de profissionais responsáveis pelas atividades-meio de produção de exposições e eventos, museografia, designer gráfico e divulgação.

O MAC USP prioriza a concepção e produção de suas próprias exposições, mas realiza também exposições propostas por iniciativa de terceiros ou que integrem programas institucionais específicos.

Leia abaixo a íntegra da portaria que regulamenta a política de exposições do MAC USP

Portaria MAC-02 de 24 de março de 2014

O Diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, tendo em vista o aprovado na reunião do Conselho Deliberativo, em 06/02/2014, resolve:

Artigo 1º . – Fica aprovada a política de exposições do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, anexa a essa portaria.

Artigo 2º . – Esta portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

#### **POLÍTICA DE EXPOSIÇÕES DO MAC USP**

O Museu de Arte Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) é um dos mais importantes museus de arte moderna e contemporânea da América Latina. Contando com aproximadamente 8.000 obras, nacionais e internacionais, o acervo do museu cobre um período que vai das vanguardas históricas, do início do século XX, aos dias atuais.

O MAC USP foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu as coleções originárias do antigo Museu de Arte Moderna de São Paulo (fundado em 1948). Como museu público universitário, seu principal objetivo é pesquisar e divulgar o seu acervo como parte de suas atividades acadêmicas. A pesquisa acadêmica no MAC USP desenvolve-se nos campos da *Arte*, *Teoria e Crítica de Arte* e *Arte Educação* .

A missão do MAC USP está descrita no Artigo 2º de seu atual Regimento ( Resolução n.6439, de 17/10/2012 ).

Em 2013 o MAC USP transferiu as exposições para o complexo do antigo Palácio da Agricultura (antigo DETRAN-SP), um dos edifícios projetados por Oscar Niemeyer no Parque Ibirapuera para a celebração do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Inaugurado em 1954 o edifício foi reformado e adaptado pela Secretaria Estadual da Cultura para abrigar o museu a partir de acordo entre o Governo do Estado e a Universidade de São Paulo. A sede do museu no campus da USP, na capital de São Paulo, passou a funcionar como suporte do programa acadêmico.

#### 1. Diretrizes gerais:

A política de exposições do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo baseia-se em sua missão institucional, enquanto museu universitário público, acima descrita. Desse modo o MAC USP concebe e produz a maioria das exposições que apresenta, tendo como curadores os membros de seu quadro docente e como objeto as obras pertencentes ao seu acervo.

No museu a curadoria é entendida como um processo curatorial que compreende o ciclo completo de procedimentos técnicos e científicos relacionados à aquisição, interpretação, conservação e divulgação do acervo institucional. O processo curatorial integra as responsabilidades universitárias da pesquisa, ensino e extensão e se materializa numa cadeia de trabalho colaborativa entre os docentes e os especialistas das diversas áreas. O museu conta com equipe própria de especialistas nas áreas de documentação, catalogação, conservação, restauro e educação em arte, além de profissionais responsáveis pelas atividades-meio de produção de exposições e eventos, museografia, designer gráfico, e divulgação.

O MAC USP não realiza exposições de caráter comercial que envolva a venda de obras ou promova empresas, produtos ou serviços.

O MAC USP não realiza exposições que exaltem efemérides políticas, comerciais, filantrópicas ou esportivas. Do mesmo modo não vincula suas exposições a campanhas de qualquer natureza.

O museu reserva-se o direito de não responder a consultas informais sobre propostas de exposição que busquem obter informações contempladas neste documento, seja por correio eletrônico, telefone ou mesmo presenciais.

#### 2. Tipologia das exposições apresentadas pelo MAC USP:

O MAC USP prioriza a concepção e produção de suas próprias exposições, mas realiza também exposições propostas por iniciativa de terceiros ou que integrem programas institucionais específicos. Os tipos de exposições abrigadas pelo museu são descritos detalhadamente nos itens que se seguem. Todas as exposições do MAC USP são realizadas atualmente em sua sede do Parque do Ibirapuera.

##### 2.1. Exposições do acervo:

###### 2.1.1. *Exposições do acervo com curadoria própria:*

O MAC USP estuda e exhibe as obras de seu acervo de acordo com as linhas de pesquisa vigentes no museu, as especialidades de seus curadores e a necessidade de dar visibilidade a determinados segmentos do acervo. (Para as linhas de pesquisa em vigência no MAC USP, veja-se [www.mac.usp.br](http://www.mac.usp.br), Programa Acadêmico).

###### 2.1.2. *Exposições do acervo concebidas por curadores convidados:*

O MAC USP realiza exposições temporárias de seu acervo com curadores convidados, levando em conta as especialidades desses profissionais e as contribuições que possam oferecer para o entendimento das obras pertencentes ao museu. Enquadram-se no perfil de possíveis curadores convidados: docentes da USP ou de outras universidades; críticos e curadores; artistas e alunos de pós-graduação.

2.2. Exposições de obras não pertencentes ao acervo:

*2.2.1. Com curadoria própria:*

O MAC USP realiza exposições que incluam obras não pertencentes ao seu acervo, com curadoria de um ou mais de seus docentes, caso essa iniciativa seja considerada pertinente para ampliar, aprofundar ou complementar o conhecimento sobre o acervo;

*2.2.2. Com curadoria externa:*

O MAC USP realiza exposições propostas por terceiros com obras não pertencentes ao seu acervo. Tais propostas são consideradas pertinentes a partir dos seguintes critérios:

- exposições de artistas presentes no acervo do museu que permitam ampliar, aprofundar ou complementar o conhecimento sobre a sua produção e conseqüentemente sobre as obras pertencentes ao MAC USP;
- exposições sobre movimentos e/ou tendências artísticas relacionadas direta ou indiretamente ao acervo do museu que permitam ampliar, aprofundar ou complementar o conhecimento sobre as obras pertencentes ao MAC USP;

Em todas as propostas de exposição apresentadas por terceiros deve-se considerar:

- que o museu não dispõe de recursos para financiamento de projetos externos, podendo oferecer seu espaço expositivo e respectiva infra-estrutura, além de contrapartidas a serem negociadas pontualmente no momento da assinatura do Termo de Compromisso no caso do projeto ser aprovado;
- a interlocução obrigatória entre os proponentes externos e um ou mais curadores da equipe do MAC USP para adaptação e/ou produção de conteúdos específicos de interesse do museu a serem incluídos nas exposições;
- a interlocução obrigatória entre os proponentes e a equipe de produção, museografia, design gráfico e divulgação do Museu para o estabelecimento dos procedimentos de trabalho comuns e respeito às normas relativas ao Museu e a Universidade de São Paulo ;
- a possibilidade de doação de obras para o acervo a partir das exposições apresentadas por terceiros é especialmente relevante para o MAC USP, desde que atendam aos requisitos explicitados em sua política de ampliação de acervo. Tais propostas serão submetidas à análise, segundo os critérios especificados na referida política, mesmo sendo consideradas prioritárias.

*2.2.3. Exposições resultantes de projetos artísticos, encaminhados por artistas ou seus representantes:*

O MAC USP acolhe proposições artísticas, que serão analisadas caso a caso.

3. Encaminhamento de propostas de exposição para o MAC USP:

As propostas de exposição para o MAC USP devem ser encaminhadas em nome da diretoria do museu pelo correio ou entregues por portador (não serão aceitas propostas enviadas por correio eletrônico). Somente serão avaliadas as propostas que apresentem os documentos listados a seguir:

- carta de intenções endereçada à diretoria do museu com descrição da proposta de exposição, objetivos, justificativa, público alvo e período previsto para realização;
- ficha técnica completa da(s) obra(s) (título, ano, dimensões, técnica/suporte e tiragem em caso de fotografia, vídeo, gravura e outros meios reprodutíveis);
- reproduções de boa qualidade da(s) obra(s) a serem expostas;
- especificação de exigências especiais de conservação ou modo de exibição da(s) obra(s) quando houver;
- primeira versão do texto curatorial;
- orçamento e fonte de recursos;
- equipe envolvida e responsabilidades;
- cronograma; e
- *curriculum vitae* atualizado do artista e/ou proponente se for o caso.

#### 4. Prazos para apresentação de projetos de exposição:

As propostas de exposição encaminhadas serão avaliadas entre março e junho e agosto e novembro de cada ano, de acordo com o calendário regimental da Comissão de Cultura e Extensão e do Conselho Deliberativo do MAC USP.

Somente serão aceitos projetos de exposição, cuja data prevista para abertura seja de no mínimo um ano a contar da data da aprovação do projeto.

#### 5. Deliberação das propostas de exposição pelo MAC USP:

O museu se compromete a deliberar sobre a proposta de exposição e comunicar o resultado ao proponente no prazo máximo de 90 dias. Esse prazo pode ser alterado caso haja necessidade de esclarecimentos ou informações adicionais por parte do proponente antes da deliberação.

#### 6. Formalização do compromisso

Uma vez aprovada a proposta de exposição em todas as instâncias do MAC USP o proponente receberá um comunicado formal da Diretoria do Museu e será solicitado, em até 30 dias, a assinar o Termo de Compromisso para a viabilização de condições de realização da exposição, no qual estarão estabelecidas as responsabilidades da instituição e do proponente.

#### 7. Endereço de envio das propostas

Propostas de exposição devem ser enviadas por correio, em nome do Diretor do MAC USP para o seguinte endereço:

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP)

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

At. Secretaria da Comissão de Cultura e Extensão Universitária

AV. Pedro Álvares Cabral, 1301

04094-050 – São Paulo

Publicada no D.O.E em 25/03/2014, Seção 1, página 107

